

| ALBERT G. MACKEY

| VOLUME 1 |

TRADUÇÃO DO LIVRO:
"THE SYMBOLISM OF
FREEMASONRY".

O SIMBOLISMO DA MAÇONARIA

DESCUBRA E ENTENDA SEUS
SÍMBOLOS, LENDAS E MITOS



UNIVERSO DOS LIVROS



| ALBERT G. MACKEY

| VOLUME 1 |

TRADUÇÃO DO LIVRO:
"THE SYMBOLISM OF
FREEMASONRY".

O SIMBOLISMO DA MAÇONARIA

DESCUBRA E ENTENDA SEUS
SÍMBOLOS, LENDAS E MITOS

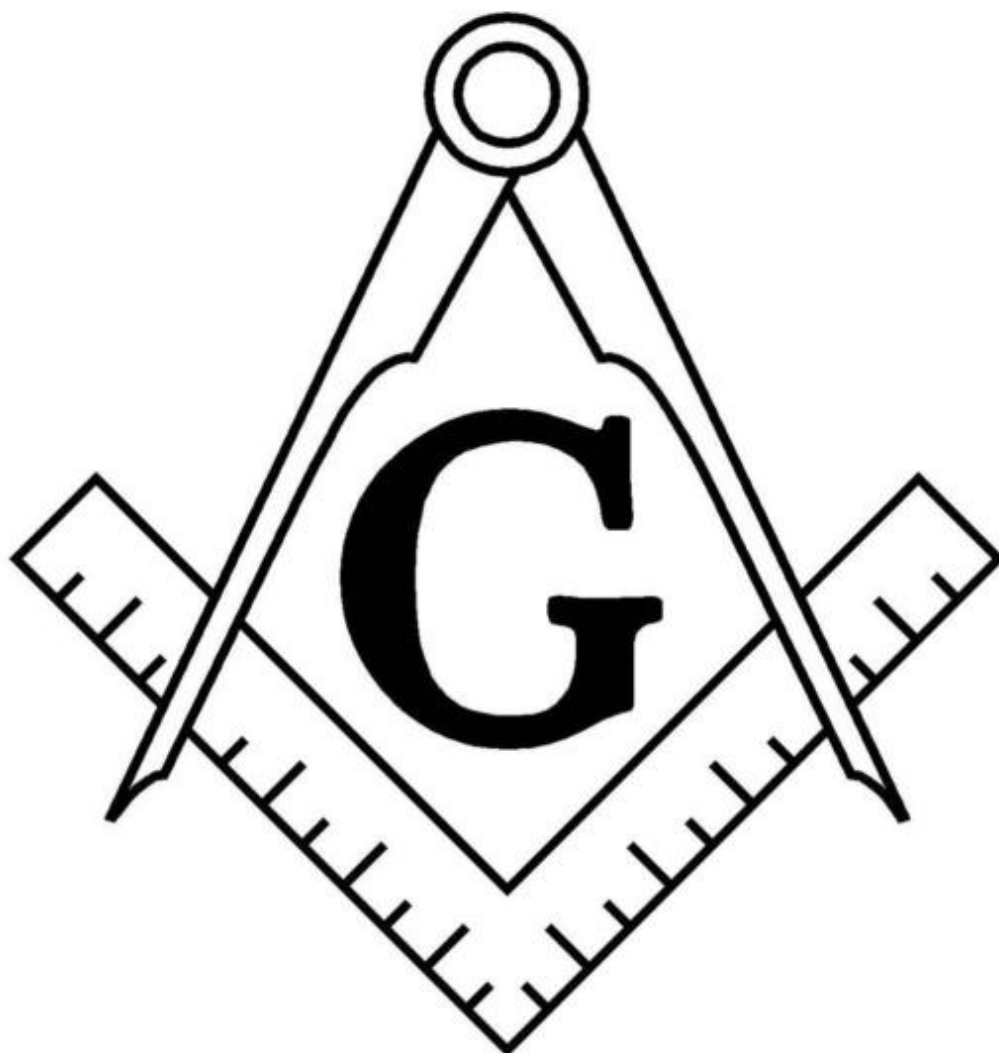


UNIVERSO DOS LIVROS

ALBERT G. MACKEY

SIMBOLISMO DA
MAÇONARIA

DESCUBRA E ENTENDA SEUS SÍMBOLOS, LENDAS E MITOS



JUNHO, 2008

UNIVERSO DOS LIVROS

© 2008 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial

Luis Matos

Coordenação Editorial

Renata Miyagusku

Assistência Editorial

Carolina Evangelista

Projeto Gráfico

Fabiana Pedrozo

Diagramação

Fabiana Pedrozo

Stephanie Lin

Tradução

Caroline Furukawa

Preparação dos Originais

Rita de Cássia da Cruz Silva

Revisão

Guilherme Laurito Summa

Capa

Jorge Godoy de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M155s Mackey, Albert G.

O Simbolismo da Maçonaria / Albert G.
Mackey. – São Paulo . Universo dos Livros, 2008.
160 p.

ISBN 978-85-99187-81-4

1. Maçonaria. 2. Sociedades secretas.
I. Título.

CDD 366.1

Sumário

<u>1 - Preliminares</u>	<u>7</u>
<u>II - Os Noaquidas</u>	<u>16</u>
<u>III - A Maçonaria Primitiva da Antiguidade</u>	<u>19</u>
<u>IV - A Maçonaria Espúria da Antiguidade</u>	
<u>V - Os Mistérios Antigos</u>	<u>29</u>
<u>VI - Os Artífices Dionisiacos</u>	
<u>VII - A União da Maçonaria no Templo de Salomão</u>	
<u>VIII - Os Maçons Viajantes da Idade Média</u>	
<u>IX - Dissociação do Elemento Operativo</u>	
<u>X - O Sistema da Instituição Simbólica</u>	<u>52</u>
<u>XI - A Ciência Especulativa e a Arte Operativa</u>	<u>56</u>
<u>XII - O Simbolismo do Templo de Salomão</u>	<u>62</u>
<u>XIII - A Forma da Loja</u>	<u>74</u>

<u>XIV - Os Oficiais de uma Loja</u>	
<u>XV - O Ponto dentro de um Círculo</u>	<u>83</u>
<u>XVI - A Cobertura da Loja</u>	
<u>XVII - Simbolismo Ritualístico</u>	<u>92</u>
<u>XVIII - O Rito de Descalçamento</u>	
<u>XIX - O Rito de Investidura</u>	
<u>XX - O Simbolismo das Luvas</u>	<u>103</u>
<u>XXI - O Rito de Circumambulação</u>	<u>107</u>
<u>XXII - O Rito de Aceitação, e o Simbolismo de Luz.....</u>	<u>111</u>
<u>índice Sinóptico</u>	

“Ea enim quae scribuntur tria habere decent, utilitatem praesentem, certum finem, inexpugnabile fundamentum.”

Cardanus

Ao General John C. Fremont

Meu caro senhor,

Qualquer americano ficaria orgulhoso de ter o nome associado ao daquele que fez tanto para ampliar o reconhecimento de seu país e enriquecer o conhecimento humano, então este livro é dedicado a você como um singelo testemunho da consideração pelo seu caráter particular e da grata lembrança dos atos de amizade.

Mui sinceramente,

A. G. Mackey.

PREFÁCIO

Entre as várias maneiras de se instruir leigos, o estudioso da Maçonaria tem predileção por duas delas: as lendas e os símbolos. Quase

absolutamente, tudo o que se sabe e o que se pode saber sobre o sistema filosófico ensinado na instituição se deve a isso. Todos os mistérios e dogmas que constituem sua filosofia são transmitidos ao neófito através de um ou outro método de instrução, às vezes, por uma combinação de ambos. Da Maçonaria - ou dos conhecimentos esotéricos da Ordem - só é possível o entendimento por meio de uma lenda ou símbolo.

Por exemplo, a diferença entre uma lenda e uma narrativa histórica é que a primeira não possui prova documentada de sua autenticidade e esta última é o resultado exclusivo da tradição - seus detalhes podem ser total ou parcialmente verdadeiros. No entanto, mesmo não havendo evidência interna do contrário ou de que todo seu pressuposto é falso, nem a possibilidade de veracidade no primeiro caso nem a certeza de inverdade no outro podem excluir a narrativa tradicional da classificação de lenda - a lenda existe simplesmente porque não há embasamento documental. Sua origem está na oralidade, portanto, é enquadrada na categoria de lenda.

Em pontos críticos da história humana, como no estabelecimento de impérios, na descoberta e fundação de países, ou mesmo na ascensão e queda de dinastias, a suposição da verdade ou falsidade da narrativa lendária é fundamental porque o valor histórico acaba prejudicado pela imputação da dúvida. Mas não é isso o que acontece no caso da Maçonaria, pois não há necessidade de qualquer questionamento absoluto da verdade ou inverdade da lenda. O objetivo das lendas maçônicas não é estabelecer fatos históricos, mas transmitir doutrinas filosóficas. Elas compõem o método através do qual a instrução esotérica é transmitida, e o estudante as aceita apenas com referência ao seu uso e significado positivos no desenvolvimento de dogmas maçônicos. Tome a lenda hirâmica do terceiro grau como exemplo. Para o discípulo maçônico, que importância tem se ela é verdadeira ou falsa? Tudo o que ele quer saber é o significado interior; e quando aprende que a lenda deseja ilustrar a doutrina da imortalidade da alma, fica satisfeito com essa interpretação e não a questiona, exceto em razão de curiosidade ou pesquisa da antiguidade, para investigar sua exatidão histórica, ou para conciliar qualquer uma de suas aparentes contradições. Assim como um porta-jóias, as narrativas lendárias da pedra fundamental perdida, do segundo templo e da arca escondida não têm valor para o discípulo maçônico exceto pelo tesouro

precioso que encerram. Cada uma delas é a expressão acabada de uma idéia filosófica.

Mas há outro método de instrução maçônica, aquele que se baseia nos símbolos. Não há ciência mais antiga que o simbolismo. Em certa época, quase todo conhecimento do mundo foi transmitido pelos símbolos. E, embora a filosofia moderna trate apenas de proposições abstratas, a Maçonaria ainda se apegue ao método antigo e preserve sua importância primitiva como meio de conhecimento.

De acordo com a origem grega da palavra, "simbolizar" significa "comparar uma coisa a outra", portanto um símbolo é a expressão de uma idéia que derivou da comparação ou do contraste de algum objeto com um conceito ou atributo moral. Quando dizemos que o chumbo é um símbolo de retidão de conduta, as qualidades físicas do chumbo são comparadas ou contrastadas com a concepção moral de virtude ou retidão. Ao maçom especulativo, depois de apreender o significado simbólico, isso se torna a expressão clara da idéia de honestidade moral.

Embora haja na Maçonaria dois modelos de instrução (por lendas e por símbolos), não há diferença radical entre eles. O símbolo é uma representação gráfica e a lenda uma representação oral de alguma idéia ou conceito moral produzido a partir de uma comparação. Tanto a lenda como o símbolo estão relacionados a dogmas com profundo caráter religioso; ambos transmitem sentimentos morais através de suas peculiaridades e ilustram a filosofia da Maçonaria Especulativa.

Investigar o significado oculto dessas lendas e símbolos, e eleger a moral e as lições filosóficas que eles buscam ensinar, é remover o véu com o qual a ignorância e a indiferença tentam esconder a verdadeira filosofia maçônica.

[Estudar o simbolismo da Maçonaria é a principal maneira de investigar sua filosofia. É o portal do templo que conduzirá cada um de nós ao sacellum, onde suas aporrheta2](#) estão ocultas.

Sua filosofia está engajada na consideração de proposições referentes à Deus e ao homem, à vida presente e futura. Sua ciência é o simbolismo

utilizado para que essas mesmas proposições sejam enunciadas ao intelecto.

Esta obra oferecida ao público é um esforço para desenvolver e explicar a filosofia e as ciências maçônicas, para demonstrar a presença de seus germes de investigação profunda. Se isso não interessa ao sábio, pode instruir o ignorante. Se esse for o caso, então não me arrependerei do trabalho e pesquisas que têm sido dedicados à sua composição.

Albert G. Mackey, M.D.

Charleston, S.C., 22 de fev., 1869.

I

Preliminares

A ORIGEM E O PROGRESSO DA MAÇONARIA

Qualquer pesquisa acerca do simbolismo e da filosofia da Maçonaria, necessariamente, deve ser precedida de uma breve investigação sobre a origem e da história da própria instituição. Antiga e universal como ela é, como surgiu? Quais foram os fatos ligados ao seu nascimento? A partir de que associação semelhante ou parecida floresceu? Ou era original e autóctone, independente em sua concepção de quaisquer influências externas e não relacionada a qualquer outra instituição? Há questões que um investigador inteligente deverá propor bem no início da inquirição e que devem ser claramente respondidas antes mesmo que se compreenda o verdadeiro caráter da Maçonaria como instituição simbólica. É necessário saber um pouco a respeito de seus antecedentes antes de se poder apreciá-la.

Mas aquele que espera chegar a uma solução satisfatória dessa investigação deve primeiro - como uma preliminar absolutamente necessária ao sucesso - tentar não incorrer em um erro comum aos novatos na filosofia maçônica: confundir a doutrina com a forma externa e extrínseca da Maçonaria. Também não deve supor que determinados usos e cerimônias, hoje ainda existentes, mesmo sujeitos a freqüentes variações em diferentes países, constituem o conjunto e a essência da Maçonaria. "A antiguidade prudente", disse Lord Coke, "fez mais pela solenidade e melhor pela memória e observação do que aquilo que está por ser feito e expresso em matéria de cerimônias". Mas se deve sempre lembrar que a cerimônia não é a substância, é somente o traje que a reveste e, talvez, adorna, como as roupas fazem com o corpo humano. No entanto, dispa o homem daquela indumentária e ainda restará o microcosmo, a criação fantástica, com todos os seus nervos, ossos, músculos e, acima de tudo, seu cérebro, pensamentos e sentimentos. Então, mesmo se extraindo da Maçonaria todo o cerimonial,

restam sua filosofia e ciência, que continuam similares, enquanto as cerimônias variaram nas diferentes épocas e de um país para o outro.

A definição de que a Maçonaria é "uma ciência de moralidade, velada em alegoria e ilustrada por símbolos" tem sido tão citada que, não fosse pela beleza, tornaria-se enfadonha, embora contenha o exato princípio enunciado. A Maçonaria é uma ciência - uma filosofia -, um sistema de doutrinas que é ensinado de maneira bastante peculiar e própria por suas alegorias e símbolos. Essa é a sua natureza interior. Suas cerimônias são acréscimos externos que não afetam sua substância.

Agora que estamos prestes a instituir uma investigação à origem da Maçonaria, é o seu sistema filosófico peculiar que investigaremos e não as cerimônias que lhe foram impingidas. Se enveredarmos por qualquer outro caminho, certamente nos perderemos.

Ao buscar a origem e os primórdios da filosofia maçônica, devemos nos remeter às eras remotas, onde encontraremos o princípio no íntimo de associações semelhantes - onde a mesma filosofia foi mantida e ensinada. Mas se confundirmos as cerimônias com a filosofia da Maçonaria, e procurarmos pela origem da instituição baseados em sua atual aparência externa, não precisaremos ir além do início do século XVIII. Na verdade, muito menos que isso, pois as modificações mais importantes nos rituais foram feitas a partir desse período.

Tendo, então, chegado à conclusão de que não é o ritual maçônico, mas a filosofia maçônica cuja origem será investigada, a próxima questão naturalmente está relacionada à natureza peculiar dessa filosofia.

Pois posso afirmar que a filosofia da Maçonaria está engajada na contemplação do caráter divino e humano; de DEUS como um ser eterno, auto-suficiente, em contradição à mitologia dos povos antigos, repleta de deuses e deusas, de semideuses e heróis; do HOMEM como um ser imortal, preparando-se em vida para um futuro eterno, em contradição semelhante à filosofia antiga, que restringiu a existência do homem à vida presente.

Essas duas doutrinas da unidade de Deus e da imortalidade da alma constituem a filosofia maçônica. Quando se deseja defini-la sucintamente, dizemos que se trata de um antigo sistema filosófico que ensina esses dois dogmas. Portanto, se entre a escuridão intelectual e a corrupção das antigas religiões politeístas encontrarmos espalhadas aqui e ali, em todas as épocas, determinadas instituições ou associações que ensinaram essas verdades de forma particular, alegórica e simbólica, então temos o direito de dizer que essas instituições ou associações foram o incunábulo - as predecessoras - da instituição maçônica como ela se constitui hoje.

A partir dessas observações preliminares, o leitor poderá considerar a teoria da origem da Maçonaria que agora disponho nas seguintes proposições:

1. Em primeiro lugar, nas primeiras eras do mundo haviam certas verdades muito importantes para o bem-estar e felicidade da humanidade que foram comunicadas - não importa como, mas muito provavelmente - por inspiração direta de Deus ao homem.

2. Essas verdades basearam-se, principalmente, nas proposições abstratas da união de Deus e da imortalidade da alma, sobre cuja veracidade não há qualquer dúvida racional, pois a crença nessas verdades é uma condição necessária ao sentimento religioso que sempre caracterizou a essência da natureza humana. O homem é, enfaticamente, e em distinção a todas as outras criaturas, um animal religioso. Gross começa seu interessante trabalho *A Religião Pagã em seu Desenvolvimento Popular e Simbólico* com a afirmação de que "um dos fenômenos mais impressionantes da raça humana é a existência universal de idéias religiosas - uma crença em algo sobrenatural e divino, e uma adoração correspondente a isso". Assim como a natureza implantou o sentimento religioso, a mesma natureza deve ter direcionado-o a um canal apropriado. A crença e a adoração devem, à primeira vista, ter sido tão puras como a fonte de onde afluíram, embora, em tempos subseqüentes, e antes do advento da luz de Cristo, possam ter sido corrompidas pela influência dos padres e poetas sobre um povo ignorante e supersticioso. A primeira e a segunda proposições da minha

teoria referem-se apenas ao período primevo, que antecedeu essas corrupções, do qual falarei a partir de agora.

3. Provavelmente, essas verdades de Deus e da imortalidade foram transmitidas através da linhagem dos patriarcas da raça de Ser, mas eram do conhecimento de Noé, e foram por ele comunicadas aos seus descendentes imediatos.

4. Por consequência dessa comunicação, a verdadeira adoração a Deus continuou por algum tempo após a subsidência do dilúvio a ser cultivada pelos noaquidas, também chamados noaquitas, ou descendentes de Noé.

5. Em um período subsequente (não importa quando, mas os registros bíblicos o situam junto à tentativa de construção da torre de Babel), houve a dissociação de uma grande parte da raça humana dos noaquitas.

6. Esses dissidentes rapidamente se esqueceram das verdades divinas que lhes haviam sido transmitidas pelo ancestral comum e incorreram em um dos mais graves erros teológicos, corrompendo a pureza da adoração e a ortodoxia da fé religiosa que eles haviam inicialmente recebido.

7. Essas verdades foram preservadas na íntegra, porém, poucas na linhagem patriarcal, e menos ainda foram aptas a conservar porções turvas e tênues da luz da verdade.

8. A primeira classe ficou restrita aos descendentes diretos de Noé e a segunda aos padres e filósofos e, talvez, mais tarde, aos poetas e nações pagãs, e entre aqueles que foram iniciados nos segredos dessas verdades. Acerca da prevalência dessas verdades religiosas entre os descendentes patriarcais de Noé, temos amplas evidências nos registros sagrados. Quanto à sua existência entre um grupo de eruditos pagãos, temos o testemunho de muitos escritores inteligentes que devotaram suas energias ao mesmo assunto. Então o sábio Grote, em sua "História da Grécia", diz: "A interpretação alegórica dos mitos tem sido estudada por vários pesquisadores, especialmente por Creuzer, e está ligada à hipótese de um antigo e altamente instruído grupo de padres, com origem tanto no Egito como no Ocidente, que comunicaram conhecimentos religiosos, físicos e

históricos aos bárbaros e rudes gregos, sob o véu dos símbolos." O que se disse sobre os gregos é igualmente aplicável a qualquer outra nação intelectualizada da antiguidade.

9.O sistema - ou a doutrina - da primeira classe tem sido chamado pelos escritores maçônicos de "Maçonaria Pura ou Primitiva" da antiguidade, e aquela da última classe de "Maçonaria Espúria" do mesmo período. Esses termos foram usados pela primeira vez, caso não haja engano, pelo Dr. Oliver, e pretendem se referir à palavra pura - para as doutrinas ensinadas pelos descendentes de Noé, na linhagem judaica - e à palavra espúria - aos seus descendentes na linhagem gentil ou pagã.

10. Um grande número de pessoas, especialmente entre os gentis, desconhecia totalmente essa verdade divina, que foi a pedra fundamental de ambos os tipos de Maçonaria, a Pura e a Espúria, e ficou profundamente imersa nos erros e falsidades da crença e adoração pagãs.

11. Os erros das religiões pagãs não constituem invenções espontâneas dos povos que as cultivaram, mas foram corrupções graduais e quase inevitáveis das verdades ensinadas a princípio por Noé; e, realmente, são tão palpáveis que podem ser imediatamente detectadas e traçadas até a forma original da qual, embora muitas delas variem entre os diferentes povos em uma ou outra época, elas se afastaram. Assim, na vida e nas realizações de Dionísio, também conhecido por Baco, encontramos a contraparte travestida da carreira de Moisés, e em nome de Vulcano, o deus ferreiro, nós evidentemente vemos uma corrupção etimológica do nome de Tubalcaim, o primeiro artífice de metais. Pois Vul--cano é uma forma modificada de Baal-Caim, o deus Caim.

12. Mas aqueles que, entre as pessoas - e houve algumas - que souberam da verdade, receberam esse conhecimento por meio de uma iniciação aos Mistérios sagrados - cujo âmago foi ocultado do maior público.

13. Esses Mistérios existiram em todos os países pagãos, em cada um com um nome diferente e, de certo modo, sob uma forma diferente, mas sempre e em todo lugar com o mesmo desígnio de revelar por meio de

ensinamentos alegóricos e simbólicos às grandes doutrinas maçônicas da unidade de Deus e da imortalidade da alma. Essa é uma proposição importante, e o fato que ela enuncia nunca deve ser desprezado em qualquer investigação da origem da Maçonaria, pois os mistérios pagãos foram para a Maçonaria Espúria da antiguidade exatamente o mesmo que as Lojas maçônicas são para a Maçonaria atual. Não é necessário oferecer qualquer prova da existência deles, pois são admitidos e continuamente referidos por todos os historiadores, antigos e modernos - uma discussão detalhada de seu caráter e organização daria origem a um outro tratado. O Barão de Santa Cruz escreveu dois grandes volumes sobre o assunto e ainda não o esgotou.

14. As duas divisões da Instituição Maçônica foram definidas na 9a proposição. Ou seja, a Maçonaria Pura ou Primitiva entre os descendentes judeus dos patriarcas - que são chamados, por fins de distinção, de noaquitas ou descendentes de Noé, pois não se esqueceram ou abandonaram os ensinamentos de seu grande antecessor -, e a Maçonaria Espúria praticada entre as nações pagãs, seguiram a linha do tempo em paralelo, freqüentemente bem próximas, mas nunca se misturaram.

15. Contudo, essas duas correntes não se mantiveram afastadas pelo fato de terem se originado, muito tempo antes, de uma fonte comum, a antiga fraternidade já mencionada na 8a proposição. Elas se dividiram em Maçonaria Pura e Espúria na antiguidade e permaneceram separadas por vários séculos, até que finalmente se encontraram na construção do grande templo de Jerusalém, e foram unidas, a exemplo dos israelitas durante o governo do rei Salomão, e do povo de Tiro sob Hirão, Rei de Tiro, e Hirão Abif. A Maçonaria Espúria, na verdade, não deixou de existir aqui e ali. Pelo contrário, ela perdurou por séculos subseqüentes a esse período; pois não muito depois, e no reinado do Imperador Teodósio, os Mistérios pagãos foram final e totalmente abolidos. Graças à união dos judeus ou maçons puros e o povo de Tiro ou maçons espúrios em Jerusalém houve uma fusão de suas respectivas doutrinas e cerimônias, que por fim culminou na abolição de dois sistemas distintos e no estabelecimento de um novo, que pode ser considerado o protótipo imediato da instituição atual. Dessa forma, muitos estudantes maçônicos não precisarão investigar muito além dos fatos anunciados na 15a proposição para se depararem com a origem da

Maçonaria no templo de Salomão. Agora, se a minha teoria estiver correta, a verdade é que ela recebeu não um nascimento, apenas uma nova modificação em seu caráter. A lenda maçônica do terceiro grau - a lenda dourada, a legenda aurea - foi então adotada pela Maçonaria Pura, que antes não tinha essa lenda originária da Maçonaria Espúria. Mas a lenda existiu sob outros nomes e formas, em todos os Mistérios, em épocas anteriores. A doutrina da imortalidade, que até agora foi ensinada pelos noaquitas simplesmente como uma proposição abstrata, passou a ser desde então inculcada por uma lição simbólica - o símbolo de Hirão, o construtor, que se transformou na característica distintiva eterna da Maçonaria.

16. Porém, outra modificação importante foi efetuada no sistema maçônico durante a construção do templo. Antes da união que se seguiu, a Maçonaria Pura dos noaquitas sempre foi especulativa, mas se assemelhou à presente organização como nenhuma outra graças ao cultivo dos mesmos princípios abstratos da verdade divina.

17. O povo de Tiro, pelo contrário, composto por arquitetos profissionais e como seus líderes eram discípulos da escola maçônica espúria, pela primeira vez, no tempo de Salomão, quando se uniram a seus contemporâneos judeus, introduziram a ciência especulativa praticada por eles - os elementos de uma arte operativa.

18. Portanto, o sistema continuou a partir de então, ao longo das eras, a apresentar elementos misturados da Maçonaria Operativa e da Especulativa. Nós vemos isso no Collegia Fabrorum, ou Colégios de Artífices, primeiramente estabelecido em Roma por Numa, e que certamente teve uma organização maçônica; na seita judaica dos essênios, que realizaram tanto quanto rezaram, e são considerados os descendentes do templo dos construtores, e também, de forma ainda mais proeminente, os maçons viajantes da idade média, que se identificam pelo próprio nome como os sucessores modernos, e cujas sociedades eram compostas de homens versados que pensavam e escreviam, e de operários que trabalhavam e construíam. Então, durante um longo período de tempo a Maçonaria continuou a ser tanto Operativa como Especulativa.

19. Outra mudança estava para ocorrer na instituição de modo a torná-la exatamente o que é hoje e, portanto, em um período bem recente (comparativamente falando), a característica operativa foi abandonada, e a Maçonaria se tornou inteiramente especulativa. O momento exato dessa mudança não é deixado para conjecturas, foi no reinado da Rainha Ana, da Inglaterra, no início do século XVIII. Preston nos forneceu as palavras exatas do decreto que estabeleceu essa mudança, pois se diz que naquela época foi acordado que "os privilégios da Maçonaria não deveriam ficar mais restritos aos maçons operativos, mas se estender a homens de várias profissões, visto que eles eram regularmente aprovados e iniciados na ordem".

A 19a proposição aqui enunciada contém uma breve, mas sucinta visão do progresso da Maçonaria desde a sua origem nas primeiras eras do mundo, simplesmente como um sistema de filosofia religiosa; passando por todas as modificações às quais foi submetida nas raças judaicas e gentis, até finalmente chegar à presente e aperfeiçoada forma. Durante todo esse tempo, ela preservou intactas determinadas características específicas, pelas quais sempre se distinguiu de qualquer outra associação contemporânea. Entretanto, essa associação pode ter simulado isso de forma visível. Essas características são, em primeiro lugar, as doutrinas que ela constantemente ensinou - a da união de Deus e a da imortalidade da alma; e, em segundo lugar, a maneira pela qual as doutrinas foram ensinadas, especialmente, por símbolos e alegorias.

Tomando essas características como expoentes do que a Maçonaria é, não podemos deixar de concluir que a atual Maçonaria Especulativa exhibe abundante evidência da identidade de sua origem com a da Maçonaria Espúria, do período anterior a Salomão, ambos sistemas oriundos da mesma fonte pura, embora a primeira sempre preserve e a outra continuamente corrompa a pureza da fonte comum. Essa também é a conclusão necessária como corolário das proposições apresentadas neste ensaio.

Há também abundantes evidências de que essas proposições não passem de um mero esboço da influência manifesta que foi empregada na Maçonaria Pura ou Primitiva dos noaquitas pela ascendência de Tiro do

sistema espúrio, nos símbolos, mitos e lendas que a primeira recebeu da última, e que foi modificada e interpretada para torná-las consistentes em seu próprio sistema religioso. Uma coisa, ao menos, é incapaz de refutação; ou seja, há um débito para com os maçons de Tiro pela introdução do símbolo de Hirão Abif. A idéia do símbolo, embora modificado pelos judeus maçônicos, não é judaica a princípio. Evidentemente, ela foi emprestada dos Mistérios pagãos, nos quais Baco, Adônis, Proserpina e uma horda de outros seres apoteóticos desempenharam o mesmo papel que Hirão nos Mistérios maçônicos.

Por fim, encontramos na terminologia maçônica, em suas ferramentas de trabalho, nos nomes de seus graus, e em grande parte de seus símbolos, amplo testemunho da forte introdução dos elementos de uma arte operativa em sua filosofia religiosa. E a história novamente explica esse fato ao se referir à conexão da instituição com a Fraternidade Dionisiaca dos Artífices, que eram engajados na construção do templo de Salomão, com o Colégio de Numa dos Operários, e com os maçons viajantes da Idade Média, que construíram todas as grandes edificações daquele período.

A 19a proposição, apresentada no presente ensaio, constitui um breve resumo ou esboço de uma teoria da verdadeira origem da Maçonaria, cuja longa e paciente investigação levou-me a adotar. Para tentar provar a verdade de cada uma dessas proposições (na sua ordem), por demonstração lógica ou por prova histórica, seria necessário a elaboração de um aprimorado tratado. Agora são oferecidas simplesmente como sugestões para que os estudantes maçônicos possam refletir. Não passam de indicadores que pretendem ajudar a guiar suas jornadas, caso desejem se ocupar dessa prazerosa embora difícil tarefa de instituir uma investigação acerca da origem e do progresso da Maçonaria desde seu nascimento até o presente estado da humanidade.

Mesmo apresentadas nesta forma resumida, as proposições são absolutamente necessárias como preliminares a qualquer verdadeiro entendimento do simbolismo da Maçonaria.

II

Os Noaquidas

Prosseguindo, então, com a investigação da origem histórica da Maçonaria, como uma introdução necessária a qualquer investigação do caráter de seu simbolismo. Para isso, com alguma expectativa de fazer justiça ao assunto, é evidente que devo estabelecer meu ponto de partida em uma era muito remota. Analisarei, no entanto, a história antecedente e primitiva da instituição com tanta brevidade quanto uma mínima compreensão do assunto admitir.

Transpondo a história do mundo antediluviano, como algo que não exerceu, com relação a este assunto, qualquer influência sobre o novo mundo, originado das ruínas do velho, encontramos, logo depois do cataclismo, os descendentes imediatos de Noé em posse de, no mínimo, duas verdades religiosas recebidas de seu pai comum, e que devem ter derivado da linhagem dos patriarcas predecessores. Tais verdades eram: a doutrina da existência de uma Inteligência Suprema - o Criador, Protetor e Soberano do Universo - e, como consequência necessária dessa, a crença na imortalidade da alma' - uma emanção da causa primordial, deveria distinguir-se, por meio de uma vida futura e eterna, do vil e perecível pó que forma seu tabernáculo terreno.

A asserção de que essas doutrinas eram conhecidas e reconhecidas por Noé não parecerá uma mera suposição ao crente na revelação divina. Porém, qualquer mente filosófica deve, imagino, chegar à mesma conclusão, independentemente de qualquer outra capacidade que prescindida da razão.

O sentimento religioso, ao menos, como está relacionado à crença da existência de Deus, parece estar presente de alguma forma inata, ou

instintiva e, conseqüentemente, universal na mente humana.² Não há registro de qualquer nação, mesmo que intelectual e moralmente humilhada, que não tenha dado alguma evidência de tender a tal crença. O sentimento pode ser distorcido, a idéia pode ser brutalmente corrompida, todavia ela está lá, e mostra a fonte de onde brotou.³

Mesmo nas formas mais depreciativas de fetichismo, na qual o negro se ajoelha com medo reverencioso diante do santuário de algum ídolo desconhecido e disforme que, talvez, suas próprias mãos esculpiram, o ato de adoração, tão degradado quanto o objeto, é um reconhecimento da forte necessidade de o adorador se apoiar em algum poder desconhecido maior que a sua própria esfera de adoração. Tal poder desconhecido, seja lá qual for, é para ele um Deus.'

Igualmente universal tem sido a crença na imortalidade da alma, que surge do mesmo desejo humano pelo infinito; embora, como a doutrina antiga, ela tenha sido deturpada e corrompida, há entre todas as nações uma tendência a este reconhecimento. Todos os povos, mesmo dos tempos mais remotos, involuntariamente devanearam sobre o ideal de outro mundo, e tentaram encontrar um lugar para os espíritos dos mortos. A adoração do homem, de heróis ou dos mortos é próprio ao desenvolvimento da idéia religiosa para além do fetichismo, pois representa um reconhecimento da crença em uma vida futura - os mortos não poderiam ser deificados a não ser que depois da morte continuem a viver... A adoração de um esqueleto pútrido tem sido a forma de fetichismo inferior e mais degradante do que qualquer outra já descoberta.

No entanto, a adoração surgiu no homem depois do fetichismo. Representou o maior sinal de desenvolvimento do sentimento religioso, uma esperança possível ou crença positiva em uma vida futura.

A razão, assim como a revelação, leva-nos inevitavelmente à conclusão de que essas duas doutrinas prevaleceram entre os descendentes de Noé, imediatamente depois do dilúvio. Eles acreditavam, também, em toda pureza e integridade humanas, pois derivavam da mais suprema e pura fonte.

Essas são as doutrinas que ainda constituem o credo da Maçonaria; e conseqüentemente um dos nomes conferidos aos maçons desde os tempos mais remotos foi "noaquidas"ou "noaquitas", que significa os descendentes de Noé, e os transmissores de seus dogmas religiosos.

III

A Maçonaria Primitiva da Antiguidade

Outra época importante a chamar nossa atenção é aquela ligada ao que, na história sagrada, é conhecida como a dispersão em Babel. O esplendor da verdade, tal como foi comunicado por Noé, tornou-se coberto, como era, por uma nuvem. Os dogmas da unidade de Deus e da imortalidade da alma se perderam, a primeira divergência da verdadeira adoração ocorrida no estabelecimento do Sabeísmo - ou a adoração ao sol, à lua e às estrelas -, entre algumas pessoas, e a deificação de homens entre outras. Essas duas divergências, Sabeísmo ou adoração ao sol, foram as mais antigas e, geralmente, as mais difundidas. "Parece", diz o versado Owen, "que ascenderam de algumas tradições falidas, transmitidas pelos patriarcas a respeito do domínio do sol durante o dia e da lua à noite". O modo como o velho sistema tem sido modificado e simbolizado espiritualmente pela Maçonaria será assunto de consideração futura.

O Sabeísmo foi a mais antiga das corrupções religiosas e também a mais amplamente difundida; portanto, mesmo entre nações que posteriormente adotaram o credo politeísta de homens deificados e deuses fictícios, essa antiga adoração ao sol manifesta continuamente suas influências. Então, entre os gregos, o povo mais refinado que cultivou a adoração ao herói, a fábula mitológica em que Hércules era o sol e destruiu a flechadas a hidra de várias cabeças dos pântanos de Lerna não passou de uma alegoria para denotar a dissipação da malária pantanosa pelos raios purificadores do orbe durante o dia. Entre os egípcios, também, a divindade chefe, Osíris, era mais um nome para o sol, enquanto seu arquiinimigo e destruidor, Tífon, era a tipificação da noite ou da escuridão. E, por fim, entre os hindus, as

verdadeiras manifestações de sua divindade suprema: Brahma, Shiva e Vishnu foram símbolos do nascer do sol, do auge ao meio-dia e do poente.

A prevalência primitiva e bastante geral do sentimento de adoração ao sol merece atenção especial por conta da influência que ela exerceu sobre a Maçonaria Espúria da antiguidade, da qual falarei em breve, e que ainda é sentida, embora modificada e cristianizada, em nosso sistema moderno. Muitos, na verdade quase todos, símbolos maçônicos atuais dificilmente são compreendidos e adequadamente apreciados pela sua referência à adoração ao sol.

Essa verdade divina, da existência de um Deus Supremo, o Grande Arquiteto do Universo, simbolizada na Maçonaria como a palavra verdadeira, ficou perdida nos sabeístas e nos politeístas que surgiram depois da dispersão em Babel, e, com isso, também desapareceu a doutrina de uma vida futura; logo, em alguma parte do ritual maçônico, em alusão ao fato histórico, é falado da "imponente torre de Babel, onde as línguas se confundiram e a Maçonaria se perdeu".

Havia alguns dos construtores que trabalhavam sobre a planície de Sinar que preservaram essas grandes doutrinas religiosas e maçônicas da união de Deus e da imortalidade da alma em sua pureza primitiva. Eram os patriarcas, em cuja linhagem venerável continuaram a ser ensinadas. Dessa forma, anos depois da dispersão das nações em Babel, o mundo apresentou duas grandes seitas religiosas que avançaram progressivamente na linha do tempo, lado a lado, embora uma fosse tão diversa da outra como a luz da escuridão, e a verdade da falsidade.

Uma dessas linhas de pensamento e sentimento religioso foi o mundo idólatra e pagão. Com isso, toda doutrina maçônica, ao menos em sua pureza, foi extinta, embora misturada a ela, e às vezes até a tenha influenciado, um desdobramento da outra linha tenha perdurado, para a qual a nossa atenção será direcionada em breve.

Como já dissemos anteriormente, a segunda dessas linhas é a dos patriarcas e sacerdotes, que preservaram em toda sua pureza as duas

grandes doutrinas da união de Deus e da imortalidade da alma.

Essa linhagem incluía o que, na linguagem dos escritores maçônicos modernos2, foi designado como Maçonaria Primitiva da Antiguidade.

Agora, de forma alguma, pretendemos nos debruçar sobre qualquer dessas teorias gratuitas e insustentáveis - como aquela proposta por alguns escritores criativos de que a Maçonaria dos patriarcas foi em sua organização, ritual ou simbolismo o sistema que existe agora. Na verdade, não sabíamos que ela tinha um ritual ou até mesmo um simbolismo. Estou inclinado a pensar, inclusive, que ela foi composta por proposições abstratas, derivadas de tradições antediluvianas. O Dr. Oliver acha provável que havia alguns símbolos entre esses maçons primitivos e puros, dos quais ele enumera a serpente, o triângulo e o ponto dentro de um círculo; mas como não encontro registro que confirme essa suposição, não acho justo reivindicar para a ordem mais do que a ela está relacionado, nem mais do que se pode atribuir a ela. Quando Anderson chama a Moisés de Grão-Mestre, José de seu Delegado, e Aholiab e Bezaleel de Primeiros Vigilantes, a expressão deve ser considerada simplesmente uma façon de parler (maneira de falar), uma forma de discurso com caráter inteiramente figurativo, e de maneira alguma pretende passar a idéia de que é acolhido com respeito aos oficiais daquele personagem no sistema presente. Teria sido melhor, sem dúvida, que essa linguagem não tivesse sido usada.

Tudo que pode ser reivindicado para o sistema da Maçonaria Primitiva, conforme praticada pelos patriarcas, é o que ela compreendia e ensinava: os dois grandes dogmas da Maçonaria, ou seja, a união de Deus e a imortalidade da alma. Pode ser, e na verdade é bastante provável, que houve uma doutrina secreta, e que essa doutrina não foi indistintamente comunicada. Nós sabemos que Moisés, que foi necessariamente o recipiente do conhecimento de seus predecessores, não ensinou publicamente a doutrina da imortalidade da alma. Mas houve, entre os judeus, uma lei oral ou secreta de que não se tem registro escrito até depois do cativeiro, que poderia conter, suponho, o reconhecimento dos dogmas da Maçonaria Primitiva.

Resumidamente, o sistema da Maçonaria Primitiva, sem ritual ou simbolismo, que chegou até nós, consistia apenas de lendas tradicionais, ensinava apenas as duas grandes verdades já aludidas, em tom totalmente especulativo, sem a mínima introdução de um elemento operativo. Foi regularmente transmitido através da linhagem judaica de patriarcas, sacerdotes e reis, sem alteração, incremento ou redução, à época de Salomão e da construção do templo de Jerusalém.

Deixando isso de lado para seguir a mesma linha de descendentes, vamos nos referir novamente àquela outra linha da história religiosa, passando pelas nações idólatras e politeístas da antiguidade e traçando a partir delas o progresso e ascensão regular de outra divisão da instituição maçônica, que por fins de distinção tem sido chamada de Maçonaria Espúria da Antiguidade.

IV

A Maçonaria Espíria da Antiguidade

No vasto, porém árido, deserto do politeísmo - escuro e lúgubre como seus domínios sombrios - ainda há, entretanto, que se encontrar alguns poucos oásis de verdade. Os filósofos e estudiosos da antiguidade, ajudados pela luz da natureza no decorrer de suas sábias pesquisas, descobriram algumas das inestimáveis verdades com relação a Deus e um estado futuro que seus contemporâneos patriarcais tinham recebido como revelação feita ao seu ancestral comum antes do dilúvio, e que foi guardada e promulgada depois daquele evento com Noé.

Com essas percepções obscuras, porém purificadoras, eles se recusavam a desprezar a majestade da Primeira Grande Causa, compartilhando seus atributos com Zeus e Hera na Grécia, Júpiter e Juno em Roma, Osíris e Ísis no Egito; eles não acreditavam que o pensamento, o sentimento, a alma racional hóspede e companheira do corpo, seriam, no momento de sua dissolução, condenados, como ele, à aniquilação total.

Nas eras mais primordiais depois da dispersão, havia alguns pagãos que acreditavam na unidade de Deus e na imortalidade da alma. Mas eles não ousavam ensinar essas doutrinas publicamente. As mentes das pessoas, imersas em superstição e devotadas, como São Paulo testemunha os atenienses, à adoração de deuses desconhecidos, não estavam preparadas para os ensinamentos filosóficos de uma teologia pura. Na verdade, um axioma enunciado com determinação e repetido com freqüência por seus escritores é de que "há muitas verdades inúteis ao conhecimento das pessoas, e muitas fábulas cuja falsidade não é oportuno que elas saibam".'

Tais são as palavras de Varro, conforme preservada por Santo Agostinho; e Estrabo, outro de seus escritores, exclama: "Um filósofo não consegue conduzir uma multidão de mulheres e pessoas ignorantes por uma linha de raciocínio e depois convidá-los à piedade, à santidade e à fé; mas ele deve usar da superstição, e não omitir a invenção das fábulas e a realização de maravilhas".z

Enquanto encontramos, naquelas eras antigas do mundo, multidões rastejando na humilhação intelectual de uma religião politeísta e idólatra, sem apoio para o presente, sem esperança para o futuro, vivendo sem o conhecimento de uma Providência suprema e protetora, e morrendo sem expectativa de uma imortalidade bem-aventurada, ao mesmo tempo encontraremos amplo testemunho de que essas doutrinas confortantes foram secretamente praticadas pelos filósofos e seus discípulos.

Embora praticadas, elas não eram ensinadas publicamente, pois seriam consideradas heresias imprudentes e perigosas se pronunciadas aos ouvidos do público; elas eram verdades que podiam levar a um desprezo pelo sistema estabelecido e ao fim da superstição popular. Sócrates, o sábio ateniense, é um exemplo ilustre da punição que foi dada ao destemido inovador que tentou insultar os deuses e envenenar as mentes da juventude com as heresias de uma religião filosófica. "Eles permitiram, portanto", disse um escritor versado sobre esse assunto,³ "que a multidão permanecesse profundamente mergulhada em uma idolatria ignorante e complicada; mas os poucos filósofos que sabiam conduzir a luz da verdade sem confundi-la com as chamas removeram o véu misterioso, e exibiram a Divindade na glória radiante de sua unidade. Do olhar vulgar, entretanto, essas doutrinas foram mantidas inviolavelmente sagradas e envoltas no véu do mistério impenetrável".

A conseqüência de tudo isso foi que ninguém pôde ser revestido com o conhecimento dessas verdades sublimes, embora passando por trilhas severas e árduas, por uma iniciação longa e dolorosa, e por uma série formal de preparações graduais, alguém tenha provado ser capaz de merecer toda a luz do conhecimento. Para esse propósito, as instituições religiosas peculiares foram organizadas, sendo designadas pelos antigos como os

Mistérios, e a partir da semelhança de sua organização, seus objetos e suas doutrinas, foram chamados pelos escritores maçônicos de "Maçonaria Espúria da Antiguidade".

[Warburton,4](#) ao definir o que foram aqueles Mistérios, disse: "Cada um dos deuses pagãos tinha (além de pública e aberta) uma adoração sagrada prestada a ele, à qual nada foi admitido além daqueles que foram selecionados por cerimônias preparatórias, chamadas iniciação. Essa adoração sagrada foi denominada Mistérios". Então, tentarei traçar brevemente a conexão entre esses Mistérios e a instituição da Maçonaria; e para fazer isso, será necessário conhecer alguns detalhes da constituição daquelas assembléias místicas.

Quase todos os países do mundo antigo tinham esses Mistérios dedicados à adoração oculta de algum deus especial e favorito, e à divulgação de uma doutrina secreta, muito diferente do que foi ensinado no cerimonial público de devoção. Então, na Pérsia, os Mistérios foram dedicados a Mitras, ou ao Sol; no Egito, a Ísis e Osíris; na Grécia, a Deméter; na Samotrácia, aos deuses Cabiri, os Poderosos; na Síria, a Dionísio; enquanto nas nações mais ao norte da Europa, como Gália e Bretanha, as iniciações foram dedicadas às suas divindades peculiares, e foram celebradas sob o nome geral de ritos druidas. Mas não importa onde ou como foi instituído, se ostensivamente em honra do efeminado Adônis, o favorito de Vênus, ou do implacável Odin, o deus escandinavo da Guerra e do morticínio; se dedicado a Deméter, a representação da terra; ou a Mitras, o símbolo de tudo que frutifica a terra, o grande objetivo e o desígnio da instrução secreta eram idênticos em todos os lugares, e os Mistérios constituíam uma escola de religião na qual os erros e absurdos do politeísmo eram revelados aos iniciados. Ensinou-se ao candidato que as várias divindades da teologia popular não passavam de símbolos ocultos dos vários atributos do deus supremo, um espírito invisível e indivisível, e que a alma, como uma emanção da sua essência, poderia "nunca ver a corrupção", mas deveria, depois da morte do corpo, ser ascendida a uma vida eterna?

É evidente que essa foi a doutrina e o objetivo dos Mistérios no testemunho tanto daqueles escritores antigos que floresceram

contemporaneamente com a prática deles, como dos estudantes modernos que se dedicam à sua investigação.

Dessa forma, Isócrates, falando deles em seu Panegírico, diz: "Aqueles que foram iniciados nos Mistérios de Ceres possuem melhores expectativas para o fim da vida e para o futuro todo".⁶

Epíteto declara que tudo nesses Mistérios foi instituído pelos antigos para a instrução e a melhora da vida.

Platão⁸ disse que o objetivo da iniciação era restaurar a alma ao estado de perfeição do qual ela originalmente se afastou.

Thomas Taylor, o celebrado platonista que possuía um conhecimento incomum do caráter desses ritos antigos, afirmou que eles "obscuramente sugeriam, por meio de visões místicas e esplêndidas, a felicidade da alma, tanto agora como no futuro, quando purificada dos desgastes de uma natureza material e constantemente elevada às verdades da visão intelectual".⁹

Creuzer,¹⁰ um ilustre escritor alemão que examinou o assunto dos antigos Mistérios com grande ponderação e esmero, propõe uma teoria sobre a natureza e o objetivo deles que vale a pena considerarmos.

Ao colocar sob os olhos do iniciado representações simbólicas da criação do universo e da origem das coisas, a teoria se baseia nas migrações e na purificação da alma, no início e no progresso da civilização e da agricultura, extraindo-se desses símbolos e das cenas dos Mistérios uma instrução destinada apenas ao mais perfeito, ou o eopta, ao qual foram comunicadas as doutrinas da existência de um Deus único e eterno, e o destino do universo e do homem.

Creuzer, entretanto, não se refere ao objeto geral das instruções, mas ao caráter dos ritos e cerimônias pelos quais elas foram estampadas na mente; pois nos Mistérios, como na Maçonaria, o Hierofante, a quem hoje chamaríamos de Mestre da Loja, geralmente, como Lobeck observa, proferia uma palestra mística ou discurso sobre alguns assuntos morais.

Apesar de preferir uma teoria que remetesse todos os ritos e símbolos do velho mundo às tradições de Noé, da arca e do dilúvio, Faber deu uma visão geral correta dos sistemas de uma religião antiga, descrevendo a iniciação aos Mistérios como uma representação cenográfica da descida mítica ao Hades, ou à sepultura e o retorno dali à luz do dia.

Em poucas palavras, portanto, o objetivo da instrução em todos esses Mistérios foi a união de Deus; e a intenção das cerimônias de iniciação a eles, por meio de uma representação cenográfica da morte e subsequente restauração à vida," foi para fixar as grandes verdades de ressurreição dos mortos e da imortalidade da alma.

Nem é preciso advertir para a grande similaridade de propósito e de estrutura existente entre esses antigos ritos e o terceiro grau de Mestre da Maçonaria. Como isso, eles eram todos de caráter lúgubre: começavam com pesar e lamentação e acabavam em alegria; havia um afanismo, ou enterro; um pasto, ou túmulo; uma euresse, ou descoberta daquilo que foi perdido; e uma lenda, ou uma relação mítica, tudo que era inteira e profundamente simbólico em seu caráter.

Por fim, olhando para essa estranha identidade de propósito e forma, entre as iniciações dos antigos e aquelas dos maçons modernos, os escritores estiveram propensos a delinear aqueles Mistérios como a Maçonaria Espúria da Antiguidade.

V

Os Mistérios Antigos

Com o objetivo de ilustrar esses pontos de vista e de familiarizar o leitor com as coincidências entre a Maçonaria e os Mistérios antigos, para que ele possa apreciar as influências mútuas à medida que elas forem se desenvolvendo, proponho então apresentar uma relação mais detalhada de um ou mais dos antigos sistemas de iniciação.

Como uma primeira ilustração, escolho os Mistérios de Osíris, tal como foram praticados no Egito, o local de nascimento de tudo que é maravilhoso nas artes ou ciências, ou misterioso na religião, do velho mundo.

As cerimônias solenes da iniciação osiríaca eram realizadas no Lago de Sais. "Neste lago", disse Heródoto, "os egípcios representam pela noite os seus sofrimentos cujo nome eu me abstenho em mencionar; e a esta representação eles chamam de seus Mistérios".

Osíris, o marido de Ísis, foi um antigo rei egípcio. Assassinado por Tífon, seu corpo foi cortado em pedaços² e atirado às águas do rio Nilo, espalhando-se pelos quatro cantos da terra. Sua esposa, Ísis, de luto pela morte e pela mutilação, durante muitos dias procurou diligentemente com ajuda de amigos pelas partes do corpo do marido, e ao encontrá-las, juntou-as e deu-lhe um sepultamento digno. Osíris, então recuperado, tornou-se a divindade chefe de seus súditos, e sua adoração se uniu à de Ísis, como os poderes fecundantes e fertilizantes da natureza. O candidato nessas iniciações deve passar por uma repetição imaginária do conflito e da destruição de Osíris, e de sua recuperação final; ao realizar as cerimônias dolorosas e solenes, ele é qualificado a compartilhar totalmente da luz e das explicações que constituem a doutrina secreta, mencionada anteriormente, como objeto de todos os Mistérios. Osíris, um deus pessoal e real para o

povo, adorado com medo e temor, e apaziguado com sacrifícios e queima de oferendas, tornou-se para o iniciado somente um símbolo da "Primeira grande causa, menos entendida", enquanto sua morte, e o lamento de Ísis, com a recuperação do corpo, elevaram-no ao posto de ser celestial, e o conseqüente regozijo de sua esposa, foi apenas uma forma metafórica para ensinar que depois da morte vem a vida eterna, e que, embora o corpo possa ser destruído, a alma ainda viverá.

"Nós podemos duvidar", diz o Barão de Santa Cruz, "de que essas cerimônias, assim como aquelas praticadas nos Mistérios de Osíris, foram originalmente instituídas para gravar mais profundamente na mente o dogma das recompensas e punições futuras?"³

"Os sofrimentos e a morte de Osíris", diz Wilkinson, "eram o grande Mistério da religião egípcia; e alguns traços disso são perceptíveis entre outros povos da antiguidade. Osíris é a entidade divina e a idéia abstrata de "bem", sua manifestação sobre a terra (como um deus indiano), sua morte e ressurreição, e seu ofício como juiz da morte em um estado futuro, assemelha-se à revelação antecipada de uma manifestação futura da divindade convertida em fábula mitológica".

Uma lenda similar e cerimônias semelhantes, variando quanto ao tempo, ao lugar e aos detalhes insignificantes, foram encontradas em todas as iniciações aos Mistérios antigos. O dogma era o mesmo - a vida futura - e o método de revelação também era igual. As coincidências entre a forma dos ritos e a da Maçonaria, que já devem começar a aparecer, possibilitará a atribuição de seu valor completo à expressão de Hutchinson, quando ele diz que "o Mestre Maçom representa um homem sob a doutrina cristã livre do tumulto da investigação e elevado à fé da salvação".⁵

Na Fenícia, Mistérios semelhantes foram celebrados em homenagem a Adônis, o amante favorito de Vênus, que foi morto por um porco-do-mato enquanto caçava no Monte Líbano e depois ressuscitado por Proserpina. A história mitológica é familiar a todo estudioso clássico. Na teologia popular, Adônis era o filho de Cíniras, rei de Ciro, cuja derradeira morte foi chorada por Vênus e suas ninfas: na teologia física dos filósofos" ele foi um símbolo

do sol, alternadamente presente e ausente na terra; mas na iniciação aos Mistérios de sua adoração, sua ressurreição e retorno do Hades foram adotados como um tipo de imortalidade da alma. As cerimônias de iniciação em Adônia começavam com a lamentação de sua perda, ou como o profeta Ezequiel expressa: "Observe, lá senta a mulher que chora por Tamuz" - pois esse foi o nome sob o qual sua adoração foi introduzida entre os judeus; e eles acabaram com as demonstrações mais extravagantes de alegria na representação de seu retorno à vida,' enquanto o Hierofante exclamou, em uma melodia de congratulação:

*“Confiais, vós iniciados; deus está seguro,
E de nosso fracasso virá a salvação.”*

Antes de prosseguir com uma análise daqueles Mistérios que estão mais intimamente ligados à instituição maçônica, também é preciso ter uma breve visão de sua organização geral.

A adoração secreta, ou os Mistérios, dos antigos era sempre dividida entre menores e maiores; os primeiros queriam apenas despertar a curiosidade, testar a capacidade e a disposição do candidato, e por meio de purificações simbólicas prepará-lo para a sua introdução aos grandes Mistérios.

O candidato foi, a princípio, chamado de aspirante, ou buscador da verdade, e a cerimônia inicial de que ele participou foi uma lustração ou purificação pela água. Nessa condição ele pode ser comparado ao Aprendiz dos ritos maçônicos, e aqui vale advertir para o fato (que será mais adiante completamente desenvolvido) de que todas as cerimônias no primeiro grau da maçonaria simbolizam uma purificação interna.

Nos Mistérios menores⁸ o candidato prestava um juramento de sigilo, que era administrado pelo mistagogo, e então recebia uma instrução preparatória,' que lhe permitia dali em diante entender os desenvolvimentos da divisão superior e da subsequente. Então ele era chamado de miste, ou iniciado, e pode ser comparado ao Companheiro da Maçonaria.

Nos grandes Mistérios, o conhecimento completo das verdades divinas, que foi objeto da iniciação, era comunicado. Aqui encontramos, entre as várias cerimônias que assimilaram esses ritos à Maçonaria, o afanismo, que era o desaparecimento ou a morte; o pasto, a cama, caixão ou túmulo; a eusese, ou a descoberta do corpo; e a autópsia, ou visão completa de tudo, isto é, a comunicação completa dos segredos. O candidato era, então, chamado de eopta, ou testemunha ocular, porque agora nada era oculto a ele; e dessa forma ele pode ser comparado ao Mestre Maçom, de quem Hutchinson diz que: "ele havia descoberto o conhecimento de Deus e a sua salvação, e foi redimido da morte do pecado e do sepulcro da poluição e da injustiça".

VI

Os Artífices Dionisiacos

Depois dessa visão geral dos Mistérios religiosos do mundo antigo, prosseguiremos com uma análise mais detalhada daqueles que estão mais intimamente ligados com a história da Maçonaria, e cuja influência é, até hoje, mais evidentemente sentida nessa organização.

De todos os Mistérios pagãos instituídos pelos antigos, nenhum foi mais amplamente difundido do que o do deus grego Dionísio. Eles foram estabelecidos na Grécia, Roma, Síria e toda Ásia Menor. Entre os gregos, e ainda mais entre os romanos, os ritos celebrados no festival dionisiaco foram, deve-se admitir, de caráter libertino e lascivo. Mas na Ásia, eles assumiram uma forma diferente. Lá, como em qualquer outro lugar, a lenda (pois já havia sido dito que cada Mistério possui a sua lenda) reconta, e as cerimônias representavam isso, o assassinato de Dionísio pelos Titãs. A doutrina secreta, também entre os asiáticos, não foi diferente daquela das nações ocidentais, mas havia algo peculiar no seu sistema de organização. Os Mistérios de Dionísio na Síria, mais especialmente, não eram apenas de caráter teológico. Lá os discípulos anexavam a indulgência em suas opiniões especulativas e secretas, e a unidade de Deus e a imortalidade da alma, que era comum a todos os Mistérios, à prática da arte operativa e arquitetural, e se ocupavam tanto da construção de templos e obras públicas como da busca da verdade divina.

Eu posso dar boas razões à grande pureza desses ritos sírios apenas adotando a teoria engenhosa de Thirwall,² de que todos os Mistérios "eram os resquícios de uma adoração que precedeu a ascensão da mitologia helênica, e seus ritos adjacentes, baseada em uma visão de natureza menos fantástica, mais séria e mais adequada ao despertar tanto do pensamento filosófico como do sentimento religioso" e, supondo que os asiáticos, graças

a sua localização geográfica, não foram tão precocemente imbuídos com os erros do helenismo, eles foram mais bem preparados para preservar a pureza e a filosofia da fé do velho Pelágio, que foi indubitavelmente uma emanção direta da religião patriarcal ou, como tem sido chamada, a Maçonaria Pura do mundo antediluviano.

Sendo assim, soubemos que "os dionisíacos da Ásia Menor formavam uma associação de arquitetos e engenheiros, que tinha o privilégio exclusivo na construção de templos, estádios e teatros, sob a tutela misteriosa de Baco, e se distinguiam dos habitantes não-iniciados ou profanos pela ciência que possuíam, ainda por muitos signos particulares e sinais com os quais se reconheciam".³

A sociedade especulativa e operativa⁴ - especulativa nos ensinamentos esotéricos e teológicos que absorveram em sua iniciação, e operativa pelos trabalhos de seus membros como arquitetos - distinguia-se por muitas particularidades que a assemelham à instituição da Maçonaria. Na prática da caridade, os mais opulentos foram obrigados a socorrer as necessidades e contribuir com apoio aos irmãos mais pobres. Eles foram divididos, por conveniência de trabalho e vantagens políticas, em grupos menores que, como nossas lojas, eram dirigidas pelos oficiais superintendentes. Eles empregaram, em seus costumes cerimoniais, muitos dos implementos da Maçonaria operativa e usaram, como os maçons, uma linguagem universal; os modos convencionais de identificação pelos quais um irmão pode reconhecer outro no escuro tão bem quanto sob a luz, e que serviam para unir o grupo todo, em qualquer lugar que estivessem dispersos, em uma irmandade comum?

Eu disse que nos mistérios de Dionísio a lenda recontou a morte daquele deus-herói, e a subsequente descoberta de seu corpo. Mais detalhes da natureza do ritual dionisíaco são, portanto, necessários para uma apreciação completa dos pontos que proponho para uma observação direta.

Nesses ritos místicos, o aspirante deveria representar, simbolicamente e de uma forma dramática, os eventos conectados com o assassinato do deus de que derivam o nome dos Mistérios. Depois de várias cerimônias preparatórias, com o intuito de evocar toda a sua coragem e força, o

afanismo ou morte mística de Dionísio também era exibido no cerimonial, onde os gritos e lamentações dos iniciados, com o confinamento ou enterro do candidato no pasto, cama ou caixão, constituem a primeira parte do ritual de iniciação. Daí começava a busca de Réia pelos restos mortais de Dionísio, que continuava entre cenas da maior confusão e tumulto, até, por fim, com o sucesso da busca, ver o lamento se transformar em alegria, a luz suceder à escuridão, e o candidato tomar posse do conhecimento da doutrina secreta dos Mistérios - a crença na existência de um Deus e um estado futuro de recompensas e punições.'

Esses eram os Mistérios praticados pelos arquitetos - os maçons, por assim dizer - da Ásia Menor. Em Tiro, a cidade mais rica e mais importante daquela região, uma cidade memorável pelo esplendor e magnificência das construções ali erguidas, havia colônias ou lojas desses arquitetos místicos; e este fato é importante ter em mente, pois é um elo necessário da corrente que liga Dionísio aos maçons.

Para completar todos os elos de ligação dessa corrente, é necessário provar, ao menos, que os artistas místicos de Tiro eram contemporâneos da construção do templo do Rei Salomão; a evidência desse fato é o que tentarei demonstrar agora.

Lawrie, cujas pesquisas elaboradas sobre o assunto revelou a ligação entre os fatos, situa a chegada dos dionisiacos na Ásia Menor no tempo da migração Jônica, quando "os habitantes da Ática, queixando-se da estreiteza de seu território e da esterilidade de seu solo, foram em busca de terras mais amplas e férteis. Junto a alguns habitantes das províncias vizinhas, eles velejaram para a Ásia Menor, expulsaram os habitantes nativos, explorando as situações mais convenientes, e se reuniram sob o nome de Jônia, porque o maior número de refugiados provinha daquela província grega."⁷ Por seu conhecimento em artes, escultura e arquitetura, áreas que os gregos já haviam feito progresso, os emigrantes transmitiram ao novo povoado os costumes religiosos e introduziram na Ásia os mistérios de Atena e Dionísio bem depois dessas práticas serem corrompidas pela imoralidade dos nativos daquele país.

Mais recentemente, Playfair coloca a migração Tônica no ano 1044 a.C., Gillies em 1055, e o Abade Bartolomeu, em 1076. Mas o último desses períodos se estenderá até 44 anos antes da inauguração do templo de Salomão em Jerusalém, tempo suficiente para o estabelecimento da fraternidade dionisiaca na cidade de Tiro e para a iniciação de "Hirão, o Construtor" em seus Mistérios.

Seguindo a corrente de eventos históricos que finalmente uniu o mais puro ramo da Maçonaria Espúria das nações pagãs com a Maçonaria Primitiva dos judeus em Jerusalém. Quando Salomão, rei de Israel, esteve para construir, de acordo com os propósitos de seu pai, Davi, "uma casa sob o nome de Jeová, seu deus", ele informou sua intenção a Hirão, rei de Tiro, seu amigo e aliado; como conhecia bem a habilidade arquitetural dos dionisiacos de Tiro, pediu a ajuda do monarca para pôr seu humilde projeto em execução. As escrituras nos informam que Hirão assentiu com o pedido de Salomão, e enviou-lhe os operários necessários para ajudá-lo na gloriosa tarefa. Entre outros, enviou um arquiteto, brevemente descrito no Primeiro Livro de Reis como "filho de uma viúva da tribo Naphtali e de um homem de Tiro, um artesão que mexia com latão, um homem cheio de sabedoria e entendimento, esperto o suficiente para comandar todos os artesãos da sua área". A descrição do Segundo Livro de Crônicas já é mais completa, o define como "um homem esperto, imbuído do entendimento do chefe de Hirão, filho de uma mulher, uma das filhas de Dá. Seu pai, um homem de Tiro, habilidoso no trabalho com ouro e prata, latão, ferro, pedra, e madeira, em roxo, azul, fino linho e carmesim, era também capaz de esculpir qualquer forma de escultura, e de manusear qualquer instrumento que precisasse usar."

A este homem - filho de viúva (como a história das Escrituras, e a tradição maçônica nos informa) - o Rei Salomão confiou uma posição importante entre os operários do edifício sagrado que foi construído no Monte Moriá. Seu conhecimento e a experiência como artífice, e sua habilidade eminente em todo tipo de "curiosa e perspicaz mão-deobra", imediatamente colocou-o à frente tanto dos artífices judeus como daqueles de Tiro, como o chefe construtor e mestre-de-obras; é a ele, graças à grande autoridade conferida pela posição ocupada, que atribuímos a união de dois povos tão antagônicos

racionalmente, tão diferentes quanto aos costumes e tão opostos na religião como os judeus e o povo de Tiro, em uma fraternidade comum, que resultou na organização da instituição da Maçonaria. Este Hirão, habitante de Tiro, especialista em artes manuais, deve ter sido ligado à fraternidade dionisiaca; não seria um membro muito humilde ou discreto, se o julgarmos por sua posição social - pelo valor do talento que possuía e pela posição elevada que ocupava nas relações de afeto e na corte do rei de Tiro. Ele deve, portanto, ter sido bem familiarizado com todas as práticas cerimoniais dos artífices dionisiacos, deve ter desfrutado de uma longa experiência e de vantagens do governo pela disciplina empregada na construção dos mais sagrados edifícios nos quais esteve engajado. Parte desse aprendizado nas cerimônias e da disciplina ele estaria naturalmente inclinado a introduzir entre os operários em Jerusalém.

Então, ele os uniu em uma sociedade, semelhante em muitos aspectos àquelas dos artífices dionisiacos. Ele transmitiu lições de caridade e amor fraternal; estabeleceu a cerimônia de iniciação para testar a força e o valor do candidato; adotou sinais de reconhecimento e fixou as regras de responsabilidade e os princípios de moralidade por meio de símbolos e alegorias.

Para os trabalhadores e homens de carga, o Ish Sabal, e para os artífices, correspondendo ao Primeiro e Segundo grau da Maçonaria moderna, mas pouco conhecimento secreto lhes foi confiado. Como aspirantes aos Mistérios menores do paganismo, suas instruções simplesmente deveriam purificá-los e prepará-los para uma prova mais solene, para o conhecimento das verdades mais sublimes que deveriam constar ao grau de Mestre, assemelhando-se aos grandes Mistérios; neles seriam reveladas, explicadas e impingidas as grandes doutrinas da união de Deus e da imortalidade da alma. Porém aqui também surgiu um obstáculo aparentemente insuperável quanto à semelhança da Maçonaria com os Mistérios de Dionísio. Nos Mistérios pagãos, essas lições foram alegoricamente ensinadas por meio de uma lenda. Agora, nos Mistérios de Dionísio, a lenda foi aquela da morte e subsequente ressurreição do deus Dionísio. Mas deve ter sido completamente impossível introduzir tal lenda como base para quaisquer das instruções comunicadas aos candidatos judeus. Qualquer alusão às fábulas mitológicas de seus

vizinhos gentis ou qualquer celebração dos mitos da teologia pagã teriam sido igualmente ofensivas e repugnantes aos preconceitos religiosos de uma nação educada, de geração em geração, à adoração de um ser divino e zeloso com suas prerrogativas - àquele que fez de si mesmo conhecido pelo seu povo como Jeová, o Deus do tempo presente, passado e futuro. Seria incapaz de precisar como esse obstáculo foi superado pelo israelita fundador da ordem: um substituto, certamente, deve ter sido inventado, preenchendo todos os requerimentos simbólicos da lenda dos Mistérios, ou a Maçonaria Espúria, sem violar os princípios religiosos da Maçonaria Primitiva dos judeus. Mas a necessidade dessa artimanha não aconteceu, antes do término do templo, ocorreu um fato triste que serviu para cortar esse difícil nó: foi a morte do arquiteto-chefe que forneceu à Maçonaria sua lenda apropriada - que, como as lendas de todos os Mistérios, é usada para testemunhar a nossa fé na ressurreição do corpo e a imortalidade da alma.

Antes de concluir esta parte do assunto, é justo que algo seja dito sobre a autenticidade da lenda do terceiro grau. Alguns maçons ilustres estão inclinados a dar total crédito a ela como um fato histórico, enquanto outros a consideram apenas uma bela alegoria. Até que a questão exerça alguma influência sobre o simbolismo da Maçonaria, ela não é importante; mas aqueles que sustentam seu caráter histórico afirmam que eles não o fazem pela seguinte razão: em primeiro lugar, porque o caráter da lenda é, por exemplo, preencher todos os requisitos do axioma bem conhecido de Vincentius Lirinensis, para que se acredite em questões tradicionais.'

"Quod semper, quod ubique, quod ab omnibus traditum est." Ou seja, acreditamos em qualquer tradição que exista em todas as épocas, todos os lugares e que tenha sido transmitida por todas as pessoas.

Com essa regra, a lenda de Hirão Abif concorda em todos os aspectos. Ela tem sido aceita no mundo todo, e quase igualmente admitida entre os maçons mais antigos. Não temos registro de qualquer Maçonaria que existiu desde o tempo do templo sem ela; e, na verdade, ela está intimamente entremeada ao sistema todo, formando a parte mais essencial dele e dando-lhe um caráter mais determinante - é evidente que a instituição poderia não mais existir sem a lenda e a lenda não poderia se manter sem a instituição.

Ela, portanto, defende o caráter histórico do pensamento lendário, dando probabilidade, ao menos, à sua verdade.

Em segundo lugar, ela não se contradiz pela história escrita) das transações no templo e, portanto, na ausência da única autoridade escrita existente sobre o assunto, assim temos a liberdade para nos apoiarmos na informação tradicional, desde que a tradição seja, como é afirmado neste exemplo, racional, provável e apoiada por sucessão ininterrupta.

Em terceiro lugar, afirma-se que o verdadeiro silêncio das Escrituras com relação à morte de Hirão, o Construtor, é um argumento em favor da natureza misteriosa de sua morte. Um homem tão importante e influente, que tem sido chamado de o favorito dos dois reis - enviado por um e recebido pelo outro como um presente de valor inigualável, a doação que merecia um registro especial - dificilmente teria caído no esquecimento quando seu trabalho foi terminado, sem a menção de uma única linha. A menos que sua morte tenha acontecido de uma forma tal que rendesse um relato público inadequado. E supõe-se que esse foi o caso. Acabou por tornar-se a lenda dos novos Mistérios e, como os antigos, só deve ser divulgada quando acompanhada das instruções simbólicas que ele pretendeu imprimir às mentes dos aspirantes.

Mas se, por outro lado, for admitido que a lenda do terceiro grau é uma ficção, que todo o mecanismo maçônico e o relato extra-escritural de Hirão Abif é simplesmente um mito, ela não pode, o mais [parcamente, afetar a teoria que pretendo estabelecer. Pois, em uma relação mítica, como o sábio Müller](#)⁹ observou, fato e imaginação, real e ideal, estão muito proximamente unidos, e uma vez que o mito sempre surge (de acordo com o mesmo autor) da necessidade e da inconsciência sobre a posição de seus criadores, e pelos impulsos que agem igualmente sobre tudo, nós devemos voltar à Maçonaria Espúria dos dionisíacos, para o princípio que leva à formação involuntária deste mito Hirâmico. Então chegaremos ao mesmo resultado já indicado, ou seja, que a necessidade de sentimento religioso na mente judaica, para a qual a introdução da lenda de Dionísio teria sido odiosa, levou à substituição daquela pela de Hirão, onde as partes ideais da narrativa foram absolutamente misturadas aos relatos reais. Pois houve um homem como

Hirão Abif; que era chefe construtor no templo de Jerusalém; ou seja, que foi o amigo confidente dos reis de Israel e Tiro, que é indicado pelo título de Ab, ou pai; e de quem não se ouviu mais falar depois do término da construção do templo - são todos fatos históricos. Que ele morreu com violência, e da forma descrita na lenda maçônica, também pode ser verdade, ou podem ser meramente elementos míticos incorporados à narrativa histórica.

Mas se foi assim ou não, se a lenda é um fato ou uma ficção, uma história ou mito, uma coisa, ao menos, é certa: que foi adotada pelos maçons salomônicos do templo em substituição à lenda idólatra da morte de Dionísio e que pertenceu aos Mistérios dionisiacos dos operários de Tiro.

VII

A União da Maçonaria no Templo de Salomão

DA ESPECULATIVA E DA OPERATIVA

Dessa forma, então, chegamos a outra época importante na história da origem da Maçonaria.

Eu mostrei como a Maçonaria Primitiva, originando-se no novo mundo, com Noé, foi transmitida aos seus descendentes como uma instituição puramente especulativa e que continha determinadas tradições da natureza de Deus e da alma.

Eu mostrei como, logo após o dilúvio, os descendentes de Noé se separaram, sendo que uma parte substituiu suas tradições por religiões idólatras e politeístas, enquanto a outra parte menor reteve e comunicou aquelas tradições originais sob o nome da Maçonaria Primitiva da Antiguidade.

Eu mostrei como, entre as nações politeístas, havia algumas pessoas que ainda tinham um entendimento desordenado e confuso dessas tradições, e que as ensinavam em determinadas instituições secretas, conhecidas como os "Mistérios", estabelecidas por outro ramo da ciência especulativa que é conhecido pelo nome de Maçonaria Espúria da Antiguidade.

Novamente, mostrei como um grupo ou divisão dos maçons espúrios existiu em Tiro na época da construção do templo do Rei Salomão, e acrescentei à sua ciência especulativa, que era muito mais pura que aquela

de seus contemporâneos místicos Gentis, a prática das artes da arquitetura e da escultura, sob o nome de Fraternidade Dionisiaca de Artífices.

E, por fim, mostrei como, na construção do Templo de Salomão, a convite do rei de Israel, uma grande parte desses arquitetos foi de Tiro para Jerusalém organizar uma nova instituição, ou mais especificamente, uma modificação das duas antigas, os maçons primitivos entre os israelitas lucrando algo, e os maçons espúrios entre o povo de Tiro lucrando ainda mais; os primeiros purificando a ciência especulativa, e os últimos introduzindo a arte operativa e as cerimônias místicas com as quais puderam acompanhar a sua administração.

É nessa época, então, que situo a primeira união da Maçonaria Especulativa à Operativa - unificação que continuou a existir de maneira ininterrupta até um período recente, e que terei a oportunidade de melhor esclarecer aqui brevemente.

Os outros ramos da Maçonaria Espúria não foram, no entanto, todos reunidos e imediatamente abolidos por essa união, mas também continuaram a existir e a ensinar seus dogmas parcialmente verdadeiros por muito tempo depois, com sucesso interrompido e influência reduzida, até que, no século V da era cristã, todos foram proscritos pelo Imperador Teodósio. Periodicamente, no entanto, outras uniões parciais aconteceram, como no exemplo de Pitágoras, que era originariamente membro da escola de Maçonaria Espúria e foi - durante sua visita à Babilônia, cerca de 450 anos após a união no templo de Jerusalém - iniciado pelos israelenses cativos nos ritos do Templo Maçônico. Por isso é que as instruções do sábio se aproximam muito mais dos princípios da Maçonaria, tanto em espírito como em significado, do que as de qualquer outro filósofo da antiguidade; razão pela qual ele é familiarmente chamado, nas palestras maçônicas modernas, de "um velho amigo e irmão" e um importante símbolo da ordem - o 470 Teorema de Euclides tem sido consagrado à sua memória.

Não proponho empreender uma tarefa tão exaustiva como a de traçar a história da instituição desde o término do primeiro templo até a sua destruição por Nabucodonosor; passando dos 72 anos de cativo

babilônico à reconstrução do segundo templo por Zerubabel; daí para a devastação de Jerusalém por Tiro, quando a Maçonaria foi introduzida pela primeira vez na Europa; por todas as suas lutas na Idade Média, algumas vezes protegida e outras perseguida pela igreja, algumas vezes proibida pela lei, mas geralmente encorajada pelo monarca; até que, no início do século XVI, ela assumiu a forma da sua organização atual. Os detalhes requereriam muito mais tempo para a sua recapitulação do que os limites desta obra permitem.

Meu objetivo não é apresentar uma história enredada do progresso da Maçonaria, mas oferecer uma visão racional de sua origem e uma análise das modificações importantes que, ocasionalmente, foram demarcadas por influências externas, tanto que nos possibilitou mais de imediato apreciar o verdadeiro caráter e o propósito de seu simbolismo.

Ao menos dois pontos evidentes chamam atenção em sua história subsequente porque eles influenciam de forma significativa a sua organização, como uma instituição especulativa e operativa combinada.

VIII

Os Maçons Viajantes da Idade Média

O primeiro desses pontos ao qual me refiro é o estabelecimento de um grupo de arquitetos, amplamente disseminado pela Europa durante a Idade Média, sob o declarado nome de Maçons Viajantes. Acredita-se que essa associação de operários tenha sido composta por descendentes de maçons do templo e que pode ser encontrada nos sólidos monumentos construídos por eles no início dos séculos IX e X; embora, de acordo com Hope, que escreveu detalhadamente sobre o assunto, alguns historiadores encontrem provas de sua existência no século VII, e tenham investigado uma linguagem maçônica peculiar nos reinados de Carlos Magno da França e Alfredo da Inglaterra.

O mundo deve a esses dois homens, pela habilidade extraordinária na arquitetura e de seu sistema bem organizado como uma classe trabalhadora, os edifícios magníficos que surgiram dos princípios não divergentes da forma arquitetônica durante a Idade Média.

"Quando quer que fossem procurar emprego", diz Hope, "na companhia de missionários, ou chamados pelos nativos, ou por vontade própria, eles pareciam estar sendo liderados por um inspetor chefe, que governava a tropa toda, e nomeava um homem entre dez vigilantes para supervisionar os outros nove, designados a construir barracas temporárias" para habitar ao redor do local em que a obra seria feita, regularmente organizava seus diferentes departamentos, punham-se a trabalhar, encomendava provisões frescas de seus irmãos conforme o objetivo exigia e, quando tudo estava

pronto, nova [mente levantavam acampamento para ir a outros lugares realizarem seus trabalho S11.2](#)

Essa sociedade continuou preservando as características combinadas da Maçonaria Operativa e da Especulativa, tais como eram praticadas no Templo de Salomão. A admissão à comunidade não ficava restrita aos artesãos profissionais, mas os homens de eminência e particularmente os eclesiásticos figuravam entre seus membros. "Esses últimos", diz Hope, "ficavam especialmente ansiosos, eles próprios, para dirigir as melhorias e construções de suas igrejas e monastérios, administrar as despesas de suas construções e se tornarem membros de um estabelecimento que tinha tido tão alto e sagrado propósito, pois estava inteiramente isento de qualquer jurisdição local ou civil e reconhecia apenas o papa como seu chefe direto - somente trabalhavam sob sua autoridade imediata. Portanto, nós lemos sobre tantos eclesiásticos do mais alto gabarito - abades, prelados, bispos -, conferindo peso adicional e respeitabilidade à ordem da Maçonaria por se tornarem seus membros - eles mesmos definindo os propósitos e supervisionando a construção de suas igrejas, e empregando o trabalho manual dos próprios monges em suas edificações".

Então na Inglaterra, no século X, os maçons disseram ter recebido a proteção especial do Rei Athelstane; no século XI, Eduardo, o Confessor, declarou a si mesmo seu patrono; e no século XII, Henrique 1 deu-lhes sua proteção.

Os maçons penetraram na Escócia no início do século XII, e construíram a Abadia de Kilwinning, que a partir de então se tornou o berço da Maçonaria escocesa sob o governo do Rei Robert Bruce.

Dos edifícios magníficos que ergueram, e da sua condição sublime sob o patronato eclesiástico e leigo em outros países, não é necessário dar um mínimo detalhe. É suficiente dizer que por toda Europa são encontradas provas da existência da Maçonaria, praticada por um grupo organizado de operários, e que recebiam a adesão de homens versados; ou, em outras palavras, de uma instituição operativa e especulativa combinada.

O que a natureza de sua ciência especulativa continuou a ser, nós podemos apreender neste documento muito curioso, se autêntico, datado em Colônia, no ano de 1535, e, portanto designado como "Carta Patente de Colônia". Nesse instrumento, que se acredita ter sido expedido pelos líderes da ordem em dezenove diferentes cidades importantes da Europa, e é endereçado à seus irmãos como uma defesa contra as calúnias dos inimigos, foi anunciado que a ordem tomou sua origem no tempo "em que uns poucos adeptos, distintos pela sua vida, sua doutrina moral e sua interpretação sagrada de verdades arcanas, desviaram-se da multidão para poder preservar mais efetivamente intactos os preceitos morais daquela religião que está inserida na mente do homem".

Nós, portanto, estamos diante de um aspecto da Maçonaria tal como ela era na Idade Média, quando se apresenta à nossa visão em seu caráter tanto operativo como especulativo. O elemento operativo que foi introduzido nela por meio de seus artífices dionisíacos de Tiro, na construção do Templo de Salomão, ainda não foi separado do elemento especulativo puro que havia prevalecido nela antes daquele período.

IX

Dissociação do Elemento Operativo

O próximo ponto ao qual nossa atenção deve ser dirigida é quando, alguns séculos depois, o caráter operativo da instituição começou a ser menos proeminente e o especulativo assumia uma preeminência que finalmente culminou na dissociação total das duas.

É impossível precisar em que período exato o caráter especulativo da sociedade começou a predominar sobre o operativo. A mudança foi indubitavelmente gradual e deve ser atribuída, em toda probabilidade, ao crescente número de homens com conhecimentos literários e científicos que foram admitidos nos graus da fraternidade.

A Carta Patente de Colônia, que acabei de mencionar, fala de "homens sábios e iluminados" constituindo a sociedade bem antes da data daquele documento de 1535; mas a autenticidade dessa obra que, deve-se confessar, foi impugnada, e eu não irei, portanto, impor o argumento sobre a sua duvidosa autoridade. Mas o diário do celebrado antiquário, Elias Ashmole, que é admitido como autêntico, descreve sua admissão no ano de 1646 à ordem, quando não há dúvida de que o caráter operativo foi rapidamente dando lugar ao especulativo. Preston fala sobre cerca de trinta anos antes, quando o Conde de Pembroke se tornou Grão-Mestre da Inglaterra: "homens muito eminentes, ricos e sábios foram admitidos".

No ano de 1663 uma assembléia de maçons da Inglaterra aconteceu em Londres, e o Conde de Sr. Albans foi eleito Grão-Mestre. Nessa mesma assembléia, determinados regulamentos foram adotados e cujas

qualificações prescritas aos candidatos claramente se referiam ao caráter especulativo da instituição.

E, finalmente, no início do século XVIII, durante o reinado da Rainha Anne, que morreu em 1714, foi acordada uma proposição pela sociedade de "que os privilégios da Maçonaria não deveriam mais se restringir aos maçons operativos, mas se estender aos homens de várias profissões, uma vez que eles eram regularmente aprovados e iniciados na ordem".

Conseqüentemente, os registros da sociedade mostram que desde 1717, ao menos, em termos gerais, mas indevidamente, distinguiu-se como a época da restauração da Maçonaria - o elemento operativo da instituição havia sido completamente descartado, exceto quanto à influência exibida na escolha e na disposição dos símbolos, e o uso típico de sua linguagem técnica.

A história da origem da ordem é aqui concluída; em uma breve recapitulação posso dizer que nesse princípio, da época de Noé até a construção do Templo de Salomão, ela foi de caráter inteiramente especulativo; que na construção daquele edifício, um elemento operativo foi introduzido pelos construtores de Tiro; que ela continuou a possuir essa organização operativa e especulativa combinada até por volta da metade do século XVII, quando o último elemento começou a predominar; e, finalmente, no início do século XVIII, o elemento operativo desapareceu completamente, e a sociedade já havia se apresentado com o caráter de uma simples associação especulativa.

A história que esbocei brevemente extrairá de cada mente reflexiva ao menos duas deduções de alguma importância ao maçom inteligente.

Em primeiro lugar, podemos observar que ascendendo, como faz a instituição, a linha do tempo quase até as verdadeiras nascentes da história, uma vez que sua fonte chega até nós hoje, com uma aparência tão venerável de antiguidade, que apenas por essa causa e sobre aquela afirmação ela

exige o respeito do mundo. Não é invenção recente do gênio humano, cuja vitalidade ainda tem de ser testada pelo desgaste e pela fúria do tempo e da oposição, e sem aumento repentino do entusiasmo de curto prazo, cuja existência pode ser tão efêmera quanto seu nascimento foi recente. Uma das mais antigas instituições modernas, o Carbonarismo da Itália, vangloria-se de uma época que mal chega à metade de um século e que não foi capaz de estender o seu progresso além dos países do sul da Europa, imediatamente adjacentes ao local de seu nascimento. Enquanto essa e qualquer outra sociedade de nosso próprio tempo que tem procurado simular a aparência externa da Maçonaria, se parece com aquele que examinou a história de sua antiga instituição e alega ter surgido ao redor dela como cogumelos brotando entre as raízes e vegetando sob a sombra de alguns carvalhos fortes e veneráveis, o patriarca da floresta, cujo enorme tronco e galhos amplamente estendidos têm protegido-os do sol e da tempestade, e cujos frutos caídos no outono enriqueceram e nutriram o solo que dá a essas pobres plantas seus poderes de vida e crescimento.

Mas há uma dedução mais importante a ser extraída dessa narrativa. Traçando o progresso da Maçonaria, nós a encontraremos tão intimamente ligada à história da filosofia, da religião e das artes em todas as épocas do mundo, que fica evidente que nenhum maçom pode esperar compreender a fundo a natureza da instituição, ou apreciar seu caráter, a menos que estude cuidadosamente seus anais e se torne conhecedor dos fatos históricos sobre os quais ele exerce e dos quais recebe uma influência mútua. O irmão que supõe de forma equivocada serem os únicos requisitos de um maçom habilidoso repetir com fluência as leituras ordinárias, ou abrir e fechar corretamente a loja, ou fazer com bastante exatidão os sinais de reconhecimento, dificilmente dará crédito a asserção cujo conhecimento da "arte real" não se estende para muito além dessas preliminares que avançaram nos rudimentos da nossa ciência. Há uma série muito mais nobre de doutrinas com as quais a Maçonaria está ligada, e que qualquer estudante que já tenha começado a investigá-la foi insensivelmente seduzido, e a cada passo em suas pesquisas, o amor e a admiração pela ordem aumentam proporcionalmente ao conhecimento do seu caráter. É isso que constitui a ciência e a filosofia da Maçonaria, e somente isso dará ao estudioso que se dedica à tarefa uma recompensa sete vezes maior pelo seu trabalho.

A partir desse ponto de vista, proponho realizar a seguir uma análise da ciência e da filosofia, conforme elas se desenvolveram no sistema do simbolismo, e que deve a sua existência a esta origem e a peculiar organização da ordem, e sem um conhecimento disso, tal como tentei retratar nesta investigação preliminar, a própria ciência nunca será compreendida.

X

O Sistema da Instituição Simbólica

As leituras das lojas inglesas, que são mais filosóficas que a nossa - embora eu não acredite que o próprio sistema é em geral tão filosoficamente estudado pelos nossos irmãos ingleses quanto por nós mesmos - definiram muito bem a Maçonaria como "uma ciência de moralidade velada em alegoria e ilustrada por seus símbolos". Mas a própria alegoria não passa de simbolismo verbal; ela é a representação de uma idéia, ou de uma série de idéias, não apresentadas à mente em uma forma objetiva e visível, mas revestidas pela linguagem e exibidas na forma de uma narrativa. Assim, a definição inglesa, na verdade, se resume a isso: a Maçonaria é uma ciência de moralidade, desenvolvida e inculcada pelo antigo método do simbolismo. É o seu caráter peculiar como instituição simbólica e sua completa adoção do método de instrução pelo simbolismo que dá total identidade à Maçonaria, e tem feito com que ela se diferencie de qualquer outra associação que a ingenuidade de homem tenha concebido. É isso que a confere uma forma atrativa para assegurar sempre a dedicação de seus discípulos e sua própria perpetuidade.

[A igreja católica romana'](#) é, talvez, a única instituição contemporânea que continua a cultivar, em qualquer grau, o belo sistema do simbolismo. Mas o que na igreja católica é, em grande medida, incidental e fruto do desenvolvimento, na Maçonaria é a verdadeira vida, o sangue e a alma da instituição. É aquilo que carrega consigo desde o nascimento o germe que fez as árvores brotarem, que dá a ela suporte, alimento ou até mesmo a própria vida. Extrair da Maçonaria seu simbolismo é o mesmo que tirar a alma do corpo, deixando para trás somente uma massa de matéria degenerada sem vida, que só servirá para se decompor rapidamente.

Sendo assim, como a ciência do simbolismo representa uma parte importante do sistema da Maçonaria, vale a pena começar qualquer discussão desse assunto com uma investigação da natureza dos símbolos em geral.

Não há ciência tão antiga como aquela do simbolismo,2 e nenhum modo de instrução será tão geral quanto foi o simbólico em épocas anteriores. "O primeiro aprendizado no mundo", diz o grande antiquário, Dr. Stukely, "consistia principalmente de símbolos. A sabedoria dos caldeus, fenícios, egípcios, judeus ou seguidores de Zoroastro, Sanconiaton, Périclides, Ciro, Pitágoras, Sócrates, Platão, de todos os antigos que chegaram até nós é o simbólico". E o erudito Faber observa, que a "alegoria e a personificação eram adaptadas ao gênio da antiguidade, e a simplicidade da verdade foi continuamente sacrificada no santuário da decoração poética".

Na verdade, as primeiras instruções do homem foram por meio de símbolos? O caráter objetivo de um símbolo é mais bem calculado para ser captado pela mente infantil, tanto se a infância daquela mente for considerada nacional ou individualmente. Portanto, nas primeiras épocas do mundo, em sua infância, todas as proposições teológicas, políticas ou científicas foram expressas na forma de símbolos. As primeiras religiões eram eminentemente simbólicas; assim como Grote, aquele grande historiador filosófico, observou: "Em um tempo onde a linguagem estava ainda em sua infância, símbolos visíveis foram os meios mais vívidos de agir nas mentes dos ouvintes ignorantes."

Novamente: as crianças recebem seus ensinamentos elementares em símbolos. "A de Arqueiro"; o que é isso senão esse simbolismo? O arqueiro se torna para a mente infantil o símbolo da letra A, assim como, na vida posterior, a letra se tornou, para a mente mais desenvolvida, o símbolo de um determinado som da voz humana4 A primeira lição recebida por uma criança ao adquirir seu alfabeto é então transmitida pelo simbolismo. Mesmo na própria formação da linguagem, o meio de comunicação entre os homens, deve ter sido um passo elementar no progresso do aprimoramento humano recorrer aos símbolos, pois as palavras são apenas e verdadeiramente determinados símbolos arbitrários através dos quais nós

damos expressão às nossas idéias. A construção da linguagem foi, portanto, um dos primeiros produtos da ciência do simbolismo.

Devemos com alguma constância ter em mente este fato, da existência primária e da predominância do simbolismo nos tempos mais antigos.' Quando estamos investigando a natureza das religiões antigas, com a qual a história da Maçonaria está continuamente ligada. Quanto mais antiga é a religião, mais abundante é seu simbolismo. Religiões modernas podem transmitir seus dogmas em proposições abstratas; religiões antigas sempre os transmitiam em seus símbolos. Então há mais simbolismo na religião egípcia do que na judaica, mais no judeu do que no cristão, mais no cristão do que no maometano e, por fim, mais no romano do que no protestante.

Mas o simbolismo não é apenas a mais antiga e geral, é também a mais usada das ciências. Nós já vimos como ela age ativamente nos estágios iniciais da vida e da sociedade. Também como as primeiras idéias dos homens e das nações foram registradas em suas mentes por meio de símbolos. Pois foi quase totalmente dessa forma, então, que os povos antigos foram educados.

"Nos estágios mais simples da sociedade", diz um dos escritores sobre este assunto, "a humanidade pode ser instruída no conhecimento abstrato das verdades apenas por símbolos e parábolas. Dessa forma, encontramos a maioria das religiões pagãs se tornando míticas, ou explicando seus mistérios por alegorias, ou episódios instrutivos. Mais ainda, o próprio Deus, conhecendo a natureza das criaturas criadas por ele, nas revelações anteriores que ele fez de si mesmo, cedeu ao ensino por símbolos; e o maior de todos os professores instruiu as multidões por parábolas.' O grande exemplo da filosofia antiga e o grande arquétipo da filosofia moderna foram igualmente ilustres por possuir esta faculdade em um alto grau, relatando-nos que o homem foi mais bem instruído por associações." ⁷

Tal é o sistema adotado na Maçonaria para o desenvolvimento e a transmissão da grande religião e das verdades filosóficas, que ele foi, durante muitos anos, o único meio capaz de conservá-la. E é por essa razão que qualquer investigação acerca do caráter simbólico da Maçonaria, deve

ser precedida de uma investigação da natureza do simbolismo em geral, se apreciarmos adequadamente seu uso particular na organização da instituição maçônica.

XI

A Ciência Especulativa e a Arte Operativa

Agora aplicaremos essa doutrina à investigação da natureza de uma ciência especulativa, derivada de uma arte operativa; pois o fato de que a Maçonaria é de dois tipos soa familiar a qualquer um. Nós trabalhamos, é verdade, apenas na Maçonaria Especulativa, mas nossos antigos irmãos trabalhavam tanto na operativa como na especulativa; e está claro que os dois ramos são completamente diferentes quanto à forma e ao caráter - a primeira é simplesmente uma arte útil, cuja intenção é proteger e servir à conveniência do homem e à gratificação de suas necessidades físicas. A outra é uma ciência profunda, que empreende investigações ocultas da alma e da existência futura, e que dá origem à necessidade ardente da humanidade em conhecer algo que esteja acima e além da mera vida exterior que nos rodeia com sua espessa atmosfera aqui embaixo.' Na verdade, o único laço ou ligação que une a Maçonaria Especulativa à Operativa é o simbolismo que pertence à primeira, mas que, em toda sua extensão, é derivada da última.

Nossa primeira investigação, em seguida, será sobre a natureza do simbolismo que a Maçonaria operativa dá à especulativa; e para entender isso completamente - saber a sua origem, a sua necessidade e seu modo de aplicação - começaremos com uma referência à condição de um longo período de tempo passado.

Há milhares de anos, a ciência do simbolismo foi adotada pelo sagaz clero egípcio com a finalidade de transmitir as lições de sabedoria mun dial e o conhecimento religioso, que eles haviam comunicado aos seus discípulos.² Sua ciência, história e filosofia foram, então, escondidas sob um

impenetrável véu de todos os profanos, e somente aqueles que passassem por esta severa ordem de iniciação teriam a posse da chave que possibilitaria o deciframento e a leitura com facilidade dessas lições místicas que ainda vemos gravadas nos obeliscos, tumbas e sarcófagos, que permanecem espalhadas até hoje, em profusão, ao longo das margens do Nilo.

O mesmo método de instrução simbólica dos egípcios foi difundido entre todas as nações pagãs da antiguidade, e foi usado em todos os Mistérios antigos³ como meio de comunicação aos iniciados nas doutrinas esotéricas e secretas para cuja preservação e promoção essas associações singulares se formaram.

Como consta nas Sagradas Escrituras, Moisés, que era instruído em toda a sabedoria do Egito, trouxe consigo do berço das ciências um completo conhecimento do simbolismo, da maneira como era ensinado pelos sacerdotes de Ísis e Osíris e que foi aplicado às cerimônias da mais pura religião do seu povo e para as quais ele foi eleito e escolhido para legislar.⁴

Por conseqüência, aprendemos com o maior historiador judeu que, na construção do tabernáculo, que serviu de primeiro modelo para o templo de Jerusalém e, posteriormente, para todas as lojas maçônicas, o mesmo princípio simbólico foi aplicado. Então ele foi dividido em três partes para representar as três grandes divisões elementares do universo - terra, mar e ar. Os dois primeiros, ou partes externas, que eram acessíveis aos sacerdotes e ao povo, simbolizavam a terra e o mar, onde todos os homens poderiam habitar; enquanto o terceiro, ou a divisão interior - o santo dos santos - cujo limiar nenhum mortal ousaria cruzar, e que foi particularmente consagrado a Deus, representava os céus, sua morada. Os véus, também de acordo com Josefo, pretendiam representar a instrução simbólica em suas cores e materiais. Coletivamente, eles representaram os quatro elementos do universo; e, a propósito, pode-se observar que esta noção dedicada a simbolizar o universo caracterizou todos os sistemas antigos, tanto o verdadeiro como o falso, e que os resquícios do princípio podem ser encontrados em todo lugar, mesmo ainda hoje, permeando a Maçonaria, o que não passa de um desenvolvimento desses sistemas. Nos quatro véus do tabernáculo, o branco e fino linho significava a terra, da qual o linho foi

produzido; o escarlate significava fogo, apropriadamente representado pela sua cor flamejante; o violeta representava o mar, em alusão ao peixe concha múrex, do qual uma tinta foi obtida; e o azul, a cor do firmamento, representava o ar.⁵

Não é necessário entrar em detalhes do sistema de simbolismo religioso completo, tal como desenvolvido no ritual mosaico. Essa foi apenas uma aplicação dos mesmos princípios de instrução, que atravessaram todas as nações Gentis, para a transmissão da verdade. A própria idéia da arca⁶ foi copiada, como as descobertas dos egiptólogos modernos mostraram, das margens do Nilo; e o peitoral do sumo sacerdote, com seu Urim e Tumim,⁷ deve sua origem a um ornamento semelhante ao que foi usado pelo juiz egípcio. O sistema era o mesmo; mas se diferenciava na aplicação.

O templo do Rei Salomão está intimamente relacionado ao tabernáculo de Moisés, um é arquétipo do outro. Na construção do templo é que devemos situar a origem da Maçonaria, em sua atual organização: não que o sistema não tenha existido antes, mas a união do caráter operativo ao especulativo, e a dependência mútua de ambos, a princípio, foram estabelecidas nesse mesmo momento.

Na construção do estupendo edifício - não na magnitude, pois muitas igrejas paroquiais superam o seu tamanho" mas em riqueza e magnificência de ornamentos - o sábio rei de Israel, com toda sagacidade que o caracterizava, ajudado e aconselhado pela experiência Gentil do rei de Tiro, e do arquiteto imortal que supervisionou seus operários, viu imediatamente a excelência e a beleza de seu método de transmissão de moral e verdade religiosas e deu, portanto, o estímulo a partir daquela referência simbólica de coisas materiais para um sentido espiritual, o que desde então diferenciou a instituição fundada por ele.

Considerando necessário reforçar a afirmação de que a mente do Rei Salomão foi eminentemente simbólica em suas predileções, eu posso ainda facilmente me referir aos seus escritos, cheios de tropas e números. Dando uma olhada no Livro dos Cânticos - o grande drama lírico cuja desconhecida simbologia ainda não foi completamente esclarecida ou explicada, apesar do vasto número de estudiosos que tentaram decifrá-lo -, simplesmente me

refiro à bela passagem no Eclesiastes, capítulo 12, tão familiar a todo maçom como sendo apropriada, no ritual, às cerimônias do terceiro grau, e na qual uma construção é destruída metaforicamente para representar os sacrifícios no corpo humano e as enfermidades da antiguidade. Essa ligeira, porém eloqüente descrição incorpora muito do simbolismo maçônico, tanto ao modo quanto ao assunto em questão.

Ao tentar fazer qualquer investigação sobre o simbolismo da Maçonaria, a primeira coisa a se considerar é o propósito geral da instituição, e o modo como seu simbolismo se desenvolveu. Examinando-o como um todo, antes de investigações parciais, como eram feitas a princípio, críticos ao efeito geral de sua construção, antes de começarmos a pesquisar os detalhes arquitetônicos.

Olhando, então, dessa forma, para a instituição - que veio de uma época remota, e assim será - que sobreviveu inalterada e ilesa a milhares de revoluções das nações - empregando, como discípulos dessa escola de labor mental, os intelectuais de todos os tempos -, a primeira coisa que deve naturalmente chamar atenção é a combinação singular que ela representa: uma organização operativa com uma especulativa - uma arte com uma ciência -, os termos técnicos e a linguagem de uma profissão mecânica somada aos ensinamentos ocultos de uma filosofia profunda.

Estamos diante de uma escola venerável, discursando sobre assuntos filosóficos e profundos, onde apenas sábios podem apropriadamente ser admitidos, e que ainda tem seu nascimento e origem baseados em uma sociedade de artesãos, cujo único objetivo foi, aparentemente, a construção de edifícios materiais de pedra e argamassa.

Então, a natureza dessa combinação operativa e especulativa, é o primeiro problema a ser resolvido, e o simbolismo adjacente é a primeira característica da instituição que deve ser desenvolvida.

A Maçonaria, como uma arte operativa, é familiar a todos. Sendo assim, ela está engajada na aplicação das regras e princípios da arquitetura, na construção de edifícios para uso público e privado - casas para habitação de homens, templos para a adoração de divindades. Ela possui, como qualquer

outra arte, muitos termos técnicos, e emprega na prática muitas ferramentas e materiais que são inerentes a ela.

Se os fins da Maçonaria operativa acabassem aqui - se o dialeto e os implementos técnicos nunca fossem usados para qualquer outro propósito, nem apropriados a qualquer outro objetivo senão aquele de capacitar seus discípulos a buscarem seus labores artísticos com grande conveniência a si mesmos -, ela nunca teria existido. Os mesmos princípios deveriam, em todo caso, ter sido desenvolvidos de alguma outra forma; mas a organização, o nome e o modo de instrução teriam se diferenciado mais substancialmente daquilo que conhecemos.

Mas os maçons operativos, que fundaram a ordem, não estavam contentes com a parte meramente material e manual de sua profissão: eles acrescentaram a isso, sob as sábias instruções de seus líderes, um ramo de estudo correlativo.

Portanto, aos maçons, a arte operativa tem sido simbolizada pela sua dedução intelectual e chamada corretamente de Maçonaria Especulativa. Antigamente, cada um era parte integrante de um sistema indivisível. Não existiu um período em que todo maçom operativo conhecia ou era iniciado na ciência especulativa. Mesmo ainda hoje, há centenas de artesãos habilidosos que sabem tão pouco a respeito disso quanto da língua hebraica que foi falada por seu fundador. Mas a Maçonaria operativa foi, no princípio da nossa história, e é, até certo ponto, ainda hoje, o esqueleto sobre o qual foram atados os vigorosos músculos, os tendões e os nervos do sistema especulativo. Ela foi o bloco de mármore - bruto e não lapidado - onde foi esculpida a estátua viva.⁹

A Maçonaria Especulativa (que é apenas outra denominação para a Maçonaria em sua acepção moderna) pode ser brevemente definida como a aplicação científica da consagração religiosa de regras e princípios, da linguagem, dos implementos e materiais da Maçonaria operativa para a veneração de Deus, a purificação do coração, e a transmissão dos dogmas de uma filosofia religiosa.

XII

O Simbolismo do Templo de Salomão

Eu disse que a arte operativa é simbolizada - ou seja, usada como um símbolo - na ciência especulativa. Agora vamos investigar como isso é feito com relação ao sistema simbólico cuja construção depende de sinais e figuras derivadas do Templo de Salomão, e que nós, por consequência, chamaremos de "Templo do Simbolismo da Maçonaria".

Tendo em mente que a origem da Maçonaria Especulativa data da construção do Templo do Rei Salomão pelos artífices judeus e de Tiro, o primeiro fato importante a chamar atenção é que os maçons operativos de Jerusalém foram empregados na construção de um templo terreno e material que seria dedicado ao serviço e à adoração de Deus - uma casa na qual Jeová deveria residir visivelmente por sua Shekinah, e de onde ele, por Urim e Tumim, deveria enviar seus oráculos para o governo e a direção de seu povo escolhido.

Agora que a arte operativa cessou para nós, como maçons especulativos simbolizamos os labores de nossos predecessores ao nos ocuparmos da construção de um templo espiritual em nossos corações, puro e imaculado, adequado ao local onde ELE mora, que é o autor da pureza - onde Deus deve ser adorado em espírito e verdade, e de onde cada pensamento maligno e cada paixão incontrolável serão banidos, como o pecador e o gentil foram expulsos do santuário do templo judeu.

Essa espiritualização do Templo de Salomão é a primeira, a mais proeminente e mais penetrante de todas as instruções simbólicas da Maçonaria. Essa é a ligação que une as divisões operativa e especulativa da

ordem. É isso que confere a ela seu caráter religioso. Toma da Maçonaria a sua dependência sobre o templo, omite de seu ritual toda referência ao edifício sagrado, e às lendas ligadas a ele, e o próprio sistema deve imediatamente decair e morrer, ou, na melhor das hipóteses, permanecer apenas como algum osso fossilizado, imperfeitamente mostrando a natureza do corpo vivo ao qual ele já pertenceu.

A adoração do templo é em si mesma um tipo antigo de sentimento religioso em seu progresso na direção da ascensão espiritual. Assim que uma nação emergiu, no progresso do mundo, como resultado do Fetichismo, ou da adoração de objetos visíveis - a forma mais degradada de idolatria - seu povo começou a estabelecer um clero e a erigir templos.² Os escandinavos, celtas, egípcios, gregos, embora muitos deles pudessem diferir no ritual e nos objetos de sua adoração politeísta, possuíam todos sacerdotes e templos. Os judeus primeiro construíram seu tabernáculo, ou templo portátil, então, quando o tempo e a oportunidade permitiram, transferiram sua adoração monoteísta àquele edifício mais permanente que é agora motivo de nossa contemplação. A mesquita dos maometanos e a igreja ou a capela dos cristãos são apenas incorporações da mesma idéia de adoração do templo em uma forma mais simples.

A adaptação, portanto, do templo material para uma ciência do simbolismo seria fácil e, de forma alguma uma tarefa nova, tanto à mente judaica quanto à do povo de Tiro. Sem dúvida, em sua concepção original, a idéia era primitiva e sem sentido, e foi aperfeiçoada e polida por futuros intelectos sucessivamente agregados. Embora nenhum estudioso bíblico se aventure em negar que houve, no modo de construção, e em todas as circunstâncias ligadas à construção do Templo do Rei Salomão, um propósito aparente para estabelecer uma fundação para esse simbolismo.

Agora me proponho a ilustrar, com poucos exemplos, o método que os maçons especulativos usaram para se apropriar do projeto do Rei Salomão para uso próprio.

Para construir seu templo terrenamente, o maçom operativo seguia os desenhos arquitetônicos anotados no painel de desenhar, ou na Tábua de

Delinear, ou no livro de plantas do arquiteto. A partir deles era cortado e alinhado seus materiais; erguido suas paredes; construídas suas abóbadas; e pela força e durabilidade combinadas à graça e beleza, usava-se no edifício com os quais era construído.

A Tábua de Delinear é, portanto, um de nossos símbolos elementares. Pois no ritual maçônico, o maçom especulativo é lembrado que, como o artista operativo realiza sua construção temporal, de acordo com as regras e determinações anotadas na Tábua de Delinear do mestre-deobras, então ele deve erigir aquele prédio espiritual, do qual o material é um símbolo, na obediência das regras e do propósito, nos preceitos e mandamentos transmitidos pelo Grande Arquiteto do Universo, naqueles grandes livros de natureza e revelação, que constituem a Tábua de Delinear espiritual de todo maçom.

A Tábua de Delinear é o símbolo da lei natural e moral. Como qualquer outro símbolo da ordem, ela é universal e tolerante em sua aplicação; e enquanto, como maçons cristãos, nós nos apegamos com inabalável integridade àquela explicação que as Escrituras dão de am bas as revelações da Tábua de Delinear, permitimos que os irmãos judeus e maometanos se contentem com os livros do Velho Testamento, ou do Corão. A Maçonaria não interfere na forma peculiar ou no desenvolvimento da fé religiosa de uma pessoa. Tudo que ela pede é que a interpretação do símbolo seja feita de acordo com o que cada um supõe que será revelado pelo seu Criador. Mas exige muito rigidamente que o símbolo seja preservado e, de alguma forma racional, interpretado, excluindo peremptoriamente o Ateísmo de sua comunhão, pois se não acredita em um Ser Supremo, um arquiteto divino, necessariamente ele deve estar sem uma tábua de delinear espiritual sobre a qual os desígnios daquele Ser foram inscritos para orientá-lo.

O maçom operativo requer materiais com os quais possa construir seu templo. Há, por exemplo, o ashlar bruto - a pedra em seu estado bruto e natural - disforme e ainda não lapidada, como pode ser encontrada nas pedreiras de Tiro desde a criação do mundo. Essa pedra deve ser cortada e lapidada, adaptada e ajustada por simples mas adequados implementos, até

que se torne um ashlar perfeito, ou uma pedra bem acabada, pronta para assumir o lugar a que está destinada a ocupar na construção.

Aqui, então, novamente, nesses materiais encontramos outros símbolos elementares. A pedra bruta e áspera é um símbolo do estado natural do homem - ignorante, não desenvolvido e, como o historiador romano expressa, "rastejando na terra, como os animais do campo, e sujeito a todo apetite sórdido";⁴ mas quando a educação exortou as suas influências salutareis ao expandir seu intelecto, restringindo-o até agora a paixões incontroláveis, e purificando sua vida, ele é então representado pelo ashlar perfeito, ou pedra acabada, que, sob as mãos hábeis dos artesãos, foi polida e limada, adequando-a para ocupar o seu lugar na construção.

Uma interessante circunstância na história da preparação desses materiais foi belamente apropriada por nossa ciência simbólica. Nós aprendemos com a narrativa do templo, contida no Primeiro Livro dos Reis, que "a casa foi construída de pedra e ficou pronta antes que fosse trazida para o lado de cá, então não se ouviu o som de martelo, machado, ou qualquer ferramenta de ferro na casa, enquanto ela estava sendo construída".⁵

Agora, este modo de construção, indubitavelmente adotado para evitar confusão e discórdia entre milhares de operários,' foi selecionado como um símbolo elementar da concórdia e da harmonia - virtudes que não são mais essenciais à preservação e à perpetuação da nossa sociedade do que o são cada associação humana.

O ashlar perfeito - a pedra lapidada para se encaixar apropriadamente no templo - tornou-se não apenas um símbolo de perfeição humana (em si mesma, claro, apenas um termo comparativo), mas também, quando nos referimos ao modo como ela foi preparada, daquelas espécies de perfeição que resultam na concórdia e na união dos homens em sociedade. É, na verdade, um símbolo do caráter social da instituição.

Há outros símbolos elementares, aos quais poderei me referir adiante; entretanto, os três já descritos - o ashlar bruto, o ashlar perfeito, e a Tábua de Delinear - graças à sua importância, receberam o nome de "jóias", e

serão suficientes para dar uma idéia da natureza do que pode ser chamado de "alfabeto simbólico" da Maçonaria. Passamos agora a uma breve consideração do método com o qual esse alfabeto da ciência é aplicado às partes mais elevadas e ocultas do sistema, e que, como o templo constitui seu símbolo mais importante, escolhi chamar de "Templo do Simbolismo da Maçonaria".

As Escrituras e a tradição nos informam que, na construção do templo do Rei Salomão, os maçons foram divididos em diferentes classes, cada uma engajada em diferentes tarefas. Aprendemos, no Segundo Livro das Crônicas, que essas classes foram os carregadores de cargas, os entalhadores de pedras e os inspetores, chamados pelos antigos escritores maçônicos de Ish sabal, Ish chotzeb e Menatzchim, respectivamente. Agora, sem a pretensão de dizer que a instituição moderna preservou exatamente o mesmo sistema de regulamentos como aquele que foi observado no templo, nós certamente encontraremos uma semelhança nessas divisões em Aprendizes, Companheiros e Mestres Maçons atuais. Em todo caso, a divisão estabelecida pelo Rei Salomão entre os operários em Jerusalém foi adotada como os tipos de grau atualmente praticados na Maçonaria Especulativa; e é assim que nós devemos considerá-los. O modo com o qual essas três divisões de operários atuaram na construção do templo foi belamente simbolizado na Maçonaria Especulativa, e constitui uma parte importante e interessante do templo do simbolismo.

Dessa forma, sabemos, por experiência entre os operários modernos, quais ainda seguem o mesmo método. Sabemos também, a partir das tradições da ordem, que as ferramentas usadas nas pedreiras eram poucas e simples, e o trabalho, na verdade, requeria ao menos duas ferramentas: a régua de Vinte e Quatro Polegadas, ou a régua de 60 centímetros, e o malho, ou Malhete de escultor de pedra. Com a primeira ferramenta, o maçom operativo tomava as dimensões necessárias da pedra que ele iria preparar, e com a última, desferindo hábeis golpes repetidos, ele desgastava cada protuberância desnecessária, e tornava-a polida e plana, adequada a ocupar seu lugar na construção.

Assim, no primeiro grau da Maçonaria Especulativa, o Aprendiz recebe esses utensílios simples, como as ferramentas de trabalho emblemáticas de sua profissão, com sua adequada instrução simbólica. Ao maçom operativo somente seu uso mecânico e prático tem significado, e a sua presença não traz alusões importantes à mente. Ao maçom especulativo a visão deles sugere os pensamentos mais nobres e sublimes possíveis; eles ensinam-lhe a medir, não pedras, mas tempo; não a lixar e polir o mármore para o uso do construtor, mas a purificar e limpar seu coração de todos os vícios e imperfeições que poderiam torná-lo inadequado a ocupar um lugar no templo espiritual do seu corpo.

No alfabeto simbólico da Maçonaria, portanto, a Régua de Vinte e Quatro Polegadas é um símbolo de tempo bem empregado; o Malho, da purificação do coração.

Há que se fazer uma pausa para falar de uma das coincidências entre a Maçonaria e os Mistérios, que eram uma parte importante das religiões antigas, e cujas coincidências levaram os pesquisadores no assunto à formação de uma teoria muito bem embasada de que havia um ponto comum entre eles. A coincidência à qual me refiro agora é esta: em todos esses Mistérios - a cerimônia incipiente de iniciação -, o primeiro passo dado pelo candidato foi uma lustração ou purificação. Ao aspirante não foi permitido adentrar o vestíbulo sagrado, ou compartilhar da fórmula secreta de iniciação, até que, pela água ou pelo fogo, ele tivesse sido emblematicamente purificado das corrupções do mundo que estava para deixar para trás. Eu não preciso, depois disso, fazer mais que sugerir a semelhança dessa fórmula, em princípio, com uma correspondente na Maçonaria, na qual os primeiros símbolos apresentados ao aprendiz eram aqueles que transmitiam uma purificação do coração, purificação esta que, nos antigos Mistérios, era corporal e também simbólica.

Nós não usamos mais o banho ou a fonte, porque em nosso sistema filosófico o simbolismo é mais abstrato, se é que posso usar o termo; mas nós apresentamos o aspirante com o Avental de Pele de Carneiro, a Régua e o Malhete como símbolos de uma purificação espiritual. O propósito é o mesmo, mas o modo com o qual ele é confeccionado é diferente.

Vamos resumir as séries relacionadas ao simbolismo do templo. Na construção do templo, as pedras haviam sido preparadas pelos artesãos de menor grau (os Aprendizes, como nós os chamamos atualmente, ou aspirantes aos Mistérios antigos), e foram transportadas ao local da construção sobre o Monte Moriá, e lá foram colocadas nas mãos de outra classe de artesãos, que agora são tecnicamente chamados de Companheiros, e que correspondem aos mistes, aos que receberam o segundo grau dos Mistérios antigos. Nessa fase da obra operativa, um trabalho mais importante e abrangente deveria ser realizado, conseqüentemente eram requeridos maior habilidade e conhecimento àqueles cuja tarefa foi confiada. As pedras preparadas pelos Aprendizes⁸ (pois daqui em diante, ao falar dos operários do templo, devo usar as denominações equivalentes dos maçons mais modernos), eram depositadas na construção em seus locais destinados, onde sólidas paredes deveriam ser erguidas. Para esse propósito, ferramentas maiores e mais complicadas que a régua e o malhete eram exigidos. O esquadro foi requerido para fazer os encaixes com a exatidão necessária, o nível para dispor os tijolos em uma linha horizontal, e o prumo para erguer tudo com o devido cuidado à perpendicularidade perfeita. Essa parte do trabalho encontra seu simbolismo no segundo grau da ciência especulativa, ao aplicar o conhecimento simbólico ainda continuamos a nos referir à idéia de erguer um templo espiritual no coração.

O aspirante recebe as preparações necessárias no primeiro grau, e as lições recebidas o ensinam a começar o trabalho da vida com a purificação do coração, mas como Companheiro ele dá continuidade à tarefa cultivando aquelas virtudes que dão forma e imprimem o caráter, assim como pedras bem polidas dão forma e estabilidade à construção. As "ferramentas de trabalho" dos Companheiros são relacionadas, em suas aplicações simbólicas, a essas virtudes. No alfabeto do simbolismo, nós encontramos o Esquadro, o Nível e o Prumo mencionados no segundo grau. O Esquadro é um símbolo que denota moralidade. Ele nos ensina a aplicar os princípios infalíveis da ciência moral em todas as ações de nossas vidas, para vermos que todos os motivos e resultados de nossa conduta devem coincidir com o decreto da justiça divina, e que todos os nossos pensamentos, palavras e obrigações devem agir harmoniosamente em conjunto, como os encaixes

bem ajustados e exatamente enquadrados de um edifício, resultando em uma vida de virtude estável e incólume.

O Prumo é um símbolo da retidão de conduta, e representa a integridade vital e o curso invariável da retidão moral que sozinho distingue o homem bom e justo. Como os trabalhadores operativos erguem sua construção temporal com estrita observância daquela linha de prumo, que não lhes permitirá desviarem um fio de cabelo para a direita ou para a esquerda, então o maçom especulativo, guiado pelos princípios infalíveis do direito e da verdade demonstrados nos ensinamentos simbólicos da mesma ferramenta, é leal à busca da verdade, e não se inclinará sob as adversidades, nem se renderá às seduções da prosperidade?

O Nível, a última das três ferramentas do artífice operativo, é um símbolo da igualdade de posição. Não da igualdade de posição civil ou social que só pode ser encontrada nos sonhos vãos do anarquista ou do utópico, mas a grande igualdade física e moral que afeta toda a raça humana - como as crianças de um mesmo Pai que faz com que o sol brilhe e a chuva caia para todos da mesma forma - e aquela que foi apontada como o destino universal de humanidade, a igualdade da morte, a niveladora de toda grandeza humana, que deve visitar no mesmo ritmo o palácio do príncipe e a choupana do camponês.¹⁰

Aqui, então, temos mais três signos ou hieróglifos acrescentados ao nosso alfabeto simbólico. Há outros nesse grau, mas eles pertencem a um grau mais elevado de interpretação, e não podem ser apropriadamente discutidos em um ensaio sobre o templo do simbolismo.

Agora chegamos ao terceiro grau, aos mestres maçons da ciência moderna e aos eopota (espectadores de coisas sagradas nos Mistérios antigos).

No terceiro grau as alusões simbólicas ao templo de Salomão, e as ferramentas maçônicas empregadas em sua construção, são ampliadas e totalmente completas. Na construção daquele edifício, nós já havíamos visto que uma das classes de operários havia sido empregada na preparação

dos materiais, enquanto outra havia se engajado em colocar os materiais na posição adequada. Mas houve uma terceira e superior classe - os artesãos mestres - cuja obrigação era supervisionar as outras duas classes e verificar se as pedras estavam sendo devidamente preparadas, mas a mais apurada exatidão havia sido observada ao lhe dar sua verdadeira justaposição no edifício. Isso acontecia apenas quando o último e derradeiro trabalho" era realizado, e o cimento era aplicado por esses habilidosos operários, para assegurar os materiais em seus locais adequados, e unir a construção e uma massa resistente e ligada. Dessa forma, a trolha, como soubemos, foi a mais importante, embora, claro, não fosse a única ferramenta usada pelos mestres construtores. Eles não permitiam que esta última e indelével operação fosse realizada por quaisquer mãos menos habilidosas que as suas próprias. Pediam que os artesãos provassem a precisão de seu trabalho pelo esquadro, nível e prumo, e testassem, por meio desses infalíveis instrumentos, a exatidão de seus encaixes; e, quando ficavam satisfeitos com a justa disposição de cada parte, o cimento, que foi para dar uma união imutável ao todo, era então aplicado por eles mesmos.

Na Maçonaria Especulativa, a Trolha havia sido escolhida como a ferramenta adequada ao terceiro grau, e o significado simbólico que a acompanha possui uma referência restrita e bela aos propósitos para os quais ela foi usada no antigo templo; pois como era empregada "para espalhar o cimento que uniu a construção em uma massa comum", então ela acabou escolhida como símbolo do amor fraternal - aquele cimento cujo objetivo é unir nossa associação mística em um sagrado e harmonioso grupo de irmãos.

Aqui, então, percebemos a primeira, ou, como já havia denominado antes, a forma elementar de nosso simbolismo - a adaptação dos termos, ferramentas e processos de uma arte operativa a uma ciência especulativa. O templo agora está completo. As pedras foram cortadas, polidas, ajustadas e numeradas nas pedreiras pelos aprendizes - tendo sido apropriadamente ajustadas pelos artesãos e finalmente encaixadas no local adequado, com o mais forte e puro cimento, pelos mestres construtores. O templo do Rei Salomão apresentou, em sua condição acabada, uma aparência tão nobre de sublimação e grandeza que merece ser selecionado, como foi o símbolo ou

a representação daquele templo imortal do corpo, ao qual Cristo significativa e simbolicamente aludiu quando disse: "Destrua este templo, e em três dias eu o reerguerei."

Essa idéia de representar o homem interior e espiritual por um templo material é tão adequada em todas as suas partes como ocorreu em mais de uma ocasião aos primeiros professores do Cristianismo. O próprio Cristo aludiu repetidas vezes a isso em outras passagens, e o eloqüente e imaginativo São Paulo comentou de forma bela as idéias em uma de suas Epístolas ao Coríntios, na seguinte forma: "Ainda não sabeis que sois o templo de Deus, e que o espírito de Deus reside em vós?" E ainda, em uma passagem subsequente da mesma Epístola, ele reitera a idéia de uma forma mais positiva: "Não sabeis que seu corpo é o templo do Espírito Santo que há em vós, que possuís de Deus, e não é o vosso?" E o Dr. Adam Clarke, ao comentar essa última passagem, faz muitas alusões que foram o tópico dessa discussão no presente ensaio. "Tão verdadeiro", diz ele, "é o Deus vivo que reside no tabernáculo do Mosaico e no Templo de Salomão, quanto verdadeiro é o Espírito Santo que reside em nossas almas de cristãos genuínos; e à medida que o templo e todos os utensílios eram sagrados, apartados de todos os usos comuns e profanos, e dedicados apenas ao serviço de Deus, então os corpos de cristãos verdadeiros são sagrados, e devem ser empregados apenas em serviço de Deus".

A idéia, portanto, de fazer do templo um símbolo do corpo, não é exclusivamente maçônica; mas o modo de tratamento do simbolismo através da referência ao Templo de Salomão em particular, e a arte operativa engajada em sua construção, é sim peculiar à Maçonaria. Isso é o que a isola de todas as outras associações semelhantes. Tendo muitas coisas em comum com as sociedades secretas e os Mistérios religiosos da antiguidade, em seu "templo de simbolismo", ela se difere de todos eles.

XIII

A Forma da Loja

No último ensaio, tratei daquele simbolismo do sistema maçônico que faz do Templo de Jerusalém o arquétipo de uma Loja, e no qual, em consequência, todos os símbolos são referidos à conexão de uma ciência especulativa com uma arte operativa. Proponho-me agora a discursar sobre um modo de simbolismo superior e mais oculto; e observar que, em se tratando desse tópico, nós chegamos, pela primeira vez, àquela cadeia de semelhanças que une a Maçonaria aos antigos sistemas religiosos e que deu origem, entre os escritores maçônicos, aos nomes de Maçonaria Pura e Espúria - a Maçonaria Pura sendo aquele sistema de religião filosófica que, vindo da linhagem dos patriarcas, foi eventualmente modificado pelas influências exortadas na construção do Templo do Rei Salomão, e a Espúria sendo o mesmo sistema que foi alterado e corrompido pelo politeísmo das nações pagãs.'

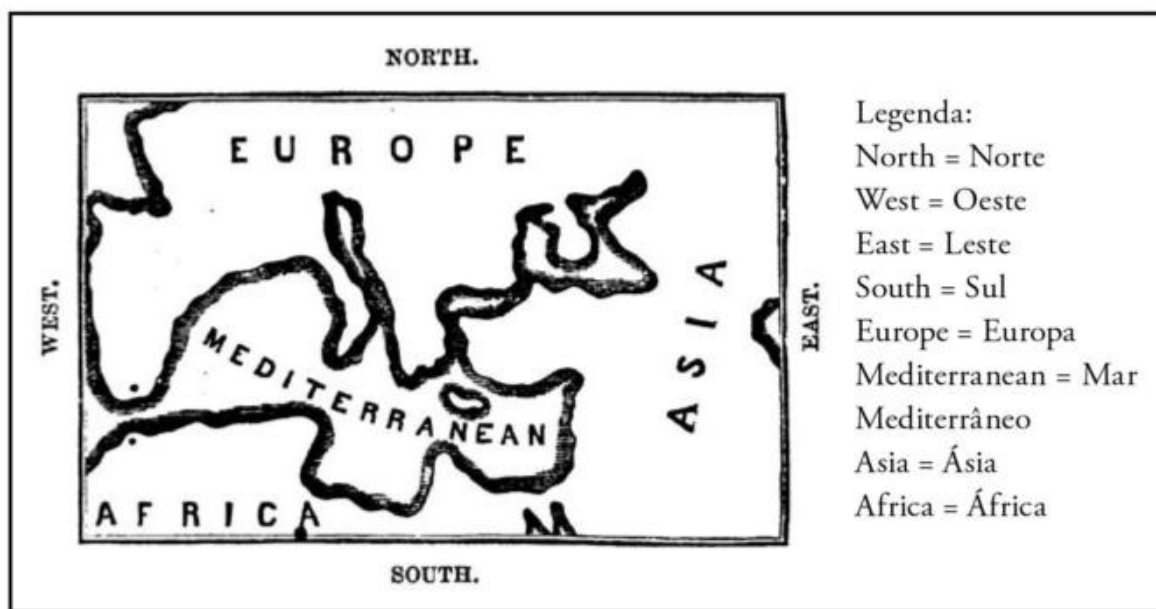
Nesse modo de simbolismo mais oculto, se menos peculiar ao sistema maçônico, é, entretanto, mais interessante que aquele que foi tratado no ensaio anterior - porque este é mais filosófico. Proponho fazer uma investigação maior do seu caráter. Em primeiro lugar, seria o que podemos chamar de uma visão elementar de seu simbolismo mais oculto, e que parece ser quase um corolário do que já foi descrito no artigo precedente.

Como se supôs que cada maçom era o símbolo de um templo espiritual, "um templo não construído com as mãos, eterno nos céus", a Loja ou assembléia reunida desses maçons é adotada como um símbolo do mundo.²

É no primeiro grau da Maçonaria, mais particularmente, que essa espécie de simbolismo é desenvolvida. Em seu detalhe, ela extrai as características semelhantes nas quais se baseia na forma, nos fundamentos, nos ornamentos, na construção geral e na organização interna de uma Loja, em tudo que a referência simbólica ao mundo se apoiou bela e consistentemente.

Diz-se que a forma de uma Loja maçônica é um paralelogramo, ou um quadrado alongado; seu maior comprimento sendo do leste para o oeste, sua largura do norte para o sul. Um quadrado, um círculo, um triângulo, ou qualquer outra forma que não aquela do quadrado alongado, seria eminentemente incorreta e não maçônica, porque tal figura poderia não ser uma expressão da idéia simbólica que pretende ser passada.

Agora, como o mundo é um globo, ou, para falar com maior exatidão, uma esfera achatada nos pólos, a tentativa de fazer de um quadrado alongado seu símbolo seria considerada, à primeira vista, apresentando dificuldades insuperáveis. Mas o sistema de simbolismo maçônico passou no teste de uma experiência tão longa para ser facilmente encontrado por engano; portanto seu verdadeiro símbolo fornece uma evidência contundente da antiguidade da ordem. Na época de Salomão - a era da construção do Templo de Jerusalém - supunha-se que o mundo, é importante lembrar, tinha uma forma bastante alongada,³ que havia sido simbolizada aqui. Se, por exemplo, precisássemos inscrever sobre um mapa-múndi uma figura alongada, cujas linhas limítrofes pudessem circunscrever e incluir apenas aquela parte das terras de Salomão que se sabia ter sido habitada, essas linhas, percorrendo uma curta distância de norte a sul do Mar Mediterrâneo, e se estendendo do oeste da Espanha até o leste da Ásia Menor, formariam um quadrado alongado, incluindo a costa sul da Europa, a costa norte da África e a região ocidental da Ásia. O paralelogramo teria cerca de sessenta graus de comprimento de leste a oeste, e cerca de vinte graus de norte a sul de largura. Esse quadrado alongado incluiria, então, tudo que supostamente era o globo habitável,⁴ precisamente representando e simbolicamente referido como a forma da Loja; enquanto as Colunas de Hércules no Ocidente, de cada lado dos estreitos de Gades, ou Gibraltar, pode adequadamente ter relação com as duas colunas que ficam à entrada do templo.



Uma Loja é, portanto, um símbolo do mundo.

Esse símbolo é, algumas vezes, por uma figura de linguagem bastante usual, ampliado em sua aplicação, e o mundo e o universo se tornam sinônimos quando as Lojas se tornam, obviamente, um símbolo do universo. Mas nesse caso a definição do símbolo é ampliada, acrescentando às idéias de comprimento e largura aquelas de altura e profundidade, e a Loja assume a forma de um cubo duplo.' O conteúdo sólido da terra abaixo e a expansão dos céus acima darão as diretrizes do cubo, e o universo inteiro criados será incluído nos limites simbólicos de uma Loja maçônica.

Por sempre lembrar que a Loja é o símbolo do mundo, em sua forma e extensão, somos capazes imediata e racionalmente de explicar muitos outros símbolos, ligados principalmente àqueles do primeiro grau; e nós somos capazes de combiná-los e compará-los a símbolos semelhantes de outras similares instituições da antiguidade, pois se deve observar que esse simbolismo do mundo, representado por um local de iniciação, amplamente influenciou todos os ritos e mistérios antigos.

Será, sem dúvida, interessante estender nossas investigações sobre o assunto, com uma visão particular do método no qual esse simbolismo do

mundo ou do universo se desenvolveu a alguns de seus detalhes mais proeminentes; para essa finalidade selecionarei a explicação mística dos oficiais de uma Loja, suas vestes e uma parte de seus ornamentos.

XIV

Os Oficiais de uma Loja

Os Três Principais Oficiais de uma Loja, não é necessário dizer, estão situados a leste, oeste e sul. Agora, tendo em mente que a Loja é um símbolo do mundo, ou do universo, a referência daqueles três oficiais ao sol em seu nascimento, poente e auge deve imediatamente sugerir a si mesma.

Este é o primeiro desenvolvimento do símbolo, e uma pesquisa muito breve fornecerá ampla evidência de sua antiguidade e universalidade.

Nas iniciações brahmânicas do Hindustão, que estão entre as mais antigas que nos foram transmitidas, e que podem ser consideradas o berço de todas as outras das eras subseqüentes e em vários países, as cerimônias foram realizadas em grandes cavernas, os resquícios de algumas delas em Salsette, Elefanta e em outros poucos lugares darão ao leitor senão uma idéia bastante inadequada da extensão e do esplendor dessas antigas Lojas indianas.' Mais imperfeitos resquícios que aqueles ainda serão encontrados em grande número por todo Hindustão e Caxemira. A forma delas era algumas vezes a de uma cruz, emblemática dos quatro elementos dos quais a terra é composta - fogo, água, ar e terra - porém geralmente mais oval, como uma representação do ovo mundano, que, nos sistemas antigos, constituiu um símbolo do mundo.²

O interior da caverna de iniciação era iluminado com várias lâmpadas, e lá se sentavam a leste, oeste e sul os hierofantes principais, ou os intérpretes dos Mistérios, como representantes de Brahma, Vishnu e Shiva. Brahma foi a divindade suprema dos hindus, emprestado ou derivado do deus-sol de seus ancestrais sabeítas, e Vishnu e Shiva não passaram de manifestações de seus atributos. Nós aprendemos com o Panteão indiano que "quando o sol se levanta a leste, ele é Brahma; quando ele atinge seu auge no sul, ele é Shiva; e quando ele se põe a oeste, ele é Vishnu".

Novamente, nos mistérios zoroástricos da Pérsia, o templo da iniciação era circular, sendo assim feito para representar o universo; e o sol a leste, com o zodíaco ao redor, formava uma parte indispensável da cerimônia de recepção?

Nos Mistérios egípcios de Osíris, a mesma referência ao sol é feita, e Heródoto, que foi ele mesmo um iniciado, sugere que as cerimônias consistiam de uma representação ao deus-sol que havia encarnado, ou seja, tinha aparecido sobre a terra, ou ascendido, e que foi finalmente morto por Tífon, o símbolo da escuridão, típico do pôr-do-sol.

Nos grandes Mistérios de Elêusis,⁴ que foram celebrados em Atenas, aprendemos com São Cristóvão, assim como com as outras autoridades, que o templo da iniciação era símbolo do universo, e nós sabemos que um dos oficiais representavam o sol.⁵

Nos Mistérios celtas dos druidas, o templo também era oval, para representar o ovo mundano - um símbolo do mundo, como já foi citado; ou circular, porque o círculo era um símbolo do universo; ou cruciforme, em alusão aos quatro elementos, ou constituintes do universo. Na Ilha de Lewis, na Escócia, há uma combinação das formas cruciforme e circular. Há um círculo, consistindo de doze pedras, enquanto outras três são colocadas a leste, e o mesmo tanto a oeste e sul; e trinta e oito em duas linhas paralelas, no norte, formando uma avenida que dá para um templo circular. No centro do círculo está a imagem de deus. Nas iniciações desses ritos, a divindade solar possuía uma parte importante, as celebrações começavam ao irromper do dia, quando o sol era saudado em sua aparição acima do horizonte como o "deus da vitória, o rei que se levanta em luz e ascende ao céu".

Mas não é preciso multiplicar esses exemplos de adoração ao sol. Cada país e religião do mundo antigo possui um.⁶ O suficiente foi citado para mostrar a coincidência completa, em referência ao sol, entre o simbolismo da Maçonaria e aquela dos ritos e Mistérios antigos, e sugerir a eles uma origem comum, o sol sendo sempre no sistema anterior, dos tempos mais remotos da Maçonaria primitiva ou patriarcal, considerado simplesmente como uma manifestação de Sabedoria, Força e Beleza do Arquiteto Divino, visivelmente representado pela posição dos três principais oficiais de uma

Loja, enquanto pela última, em sua degeneração e corrupção da verdadeira fé noaquita, ele foi adotado como objeto especial de adoração.

XV

O Ponto dentro de um Círculo

O ponto dentro de um Círculo é outro símbolo de grande importância na Maçonaria, e atrai atenção peculiar em sua ligação com o simbolismo antigo do universo e a orbe solar. Todo mundo que já leu um "Monitor" maçônico está bem familiarizado com a explicação usual de seu símbolo. Contaram-nos que o ponto representa um irmão individual, o círculo a linha fronteira de sua obrigação com Deus e o homem, e as duas linhas paralelas perpendiculares os santos padroeiros da ordem - São João, o Batista, e São João, o Evangelista.

Uma explicação banal e miserável como essa pode muito bem servir para o ensinamento exotérico da ordem; mas a questão neste momento não é como foi explicado pelos palestrantes modernos e criadores de sistemas maçônicos; mas qual foi a interpretação antiga do símbolo e por que ela deveria ser lida como um hieróglifo sagrado em referência ao verdadeiro sistema filosófico que constitui a real essência e o caráter da Maçonaria?

Para entender perfeitamente esse símbolo, eu devo me referir, como uma questão preliminar, à adoração de Falo, uma modificação peculiar da adoração ao sol, que prevaleceu durante um grande período entre as nações da antiguidade.

Falo era uma escultura de um membro viril, ou órgão reprodutor masculino, e acredita-se que a adoração a ele se originou no Egito, onde, depois do assassinato de Osíris por Tífon, que é simbolicamente explicado pela destruição ou privação da luz do sol pela noite, Ísis, sua esposa, ou símbolo da natureza, em busca pelo seu corpo mutilado, diz ter encontrado

todas os membros exceto os órgãos de reprodução, cujo mito simplesmente simboliza o fato de que o sol se pôs e seu poder fecundante e revigorante tinha cessado. Falo, portanto, como o símbolo do princípio do órgão masculino, foi universalmente venerado entre os antigos,² e também como um rito religioso, sem a menor referência a uma aplicação impura ou lasciva? Alguns escritores supõem que ele seja o deus mencionado sob o nome de Baal-peor, no Livro dos Números,' como tendo sido adorado pelos idólatras moabitas. Entre as nações orientais da Índia o mesmo símbolo foi prevalente, sob o nome de "Lingam". Mas Falo ou Lingam era uma representação apenas do princípio masculino. Para aperfeiçoar o círculo de reprodução é necessário avançar um passo adiante. Conseqüentemente, nós encontramos em Cteis dos gregos, e em Yoni dos indianos, um símbolo do princípio reprodutor feminino, de prevalência co-abrangente com Falo. Cteis era um pedestal circular e côncavo, ou receptáculo, sobre o qual Falo ou uma coluna ficavam, e do centro do qual ele surgia.

A união de Falo e Cteis, ou de Lingam e Yoni, em uma figura composta, como um objeto de adoração, foi o modo mais usual de representação. O que mantinha estrita concordância com o sistema completo da mitologia antiga, fundado sobre uma adoração aos poderes prolíficos da natureza. Todas as divindades da antiguidade pagã, por mais numerosas que fossem, podiam sempre ser reduzidas às duas formas diferentes de princípio gerativo - o ativo, ou masculino, e o passivo, ou feminino. Dessa forma, os deuses eram sempre arranjados em pares, como Júpiter e Juno, Baco e Vênus, Osíris e Ísis. Mas os antigos foram mais longe. Acreditando que os poderes procriadores e produtivos da natureza podiam ser concebidos para existir no mesmo indivíduo, eles fizeram a mais antiga das divindades hermafroditas, e usaram o termo Ó Evo6ÉÀuç, ou homem-virgem, para denotar a união de dois sexos na mesma pessoa divina.'

Então, em um dos Hinos Órficos, nós encontramos o seguinte verso:

"ZEtc áp6nv yÉVETO, ZEtc áp3poTOS ÈtÀETO Vúµcpn."

"Zeus criou um homem e uma virgem imaculada. "

Plutarco, em seu tratado "Sobre Ísis e Osíris", diz "Deus, que é uma inteligência masculina e feminina, sendo tanto vida e luz, criou outra inteligência, o Criador do Mundo."

Supõe-se que esse hermafroditismo da Divindade Suprema foi novamente representado pelo sol, que era a energia geradora masculina, e pela natureza ou universo, que era o prolífico princípio feminino. Essa união foi simbolizada em formas diferentes, mas principalmente pelo ponto dentro do círculo, o ponto indicando o sol, e o círculo do universo, revigorado e fertilizado por meio dos raios geradores. Em algumas das cavernas-templos indianas, essa alusão se manifestou pela inscrição dos signos do zodíaco sobre o círculo.

Até agora, então, nós chegamos à verdadeira interpretação do simbolismo maçônico do ponto dentro do círculo. É o mesmo que, mas sob uma forma diferente, com o Mestre e os Guardiões de uma Loja. O Mestre e os Guardiões são símbolo do sol, a Loja do universo ou do mundo, assim como o ponto é o símbolo do mesmo sol, e o círculo do universo.

Mas ainda resta explicar as duas linhas perpendiculares. Cada uma é familiar à interpretação mais recente de que elas representam os dois São João - o Batista e o Evangelista. Mas devemos deixar esta moderna explanação de lado, se desejarmos obter o verdadeiro significado.

Em primeiro lugar, devemos recobrar à mente o fato de que, em dois pontos particulares de seu curso, o sol se encontra nos signos zodiacais de Câncer e Capricórnio. Esses pontos são astronomicamente distintos como o solstício de verão e de inverno. Quando o sol está nesses pontos, ele alcançou sua maior declinação norte e sul, e produziu os efeitos mais evidentes na temperatura das estações e na duração dos dias e das noites. Esses pontos, se supormos que o círculo representa o curso aparente do sol, serão indicados pelos pontos onde as linhas paralelas tocam o círculo, ou, em outras palavras, as paralelas indicam os limites dos extremos norte e sul do sol, quando chega aos pontos solsticiais de Câncer ou Capricórnio.

Mas os dias em que o sol alcança esses pontos são, respectivamente, 21 de junho e 22 de dezembro, e isso esclarecerá sua aplicação subsequente ao

dois São João, cujos aniversários foram situados pela igreja próximos a esses dias.

XVI

A Cobertura da Loja

A Cobertura da Loja é outra, e deve ser a nossa última referência a este simbolismo do mundo ou do universo. A simples menção do fato supõe que essa cobertura seja figurativamente "um canopo anuviado", ou o firmamento, sobre o qual uma constelação de estrelas é representada, será suficiente para indicar a alusão contínua do simbolismo do mundo. A Loja, como um representante do mundo, claro, supostamente não tem outro teto senão os céus; e raramente seria necessário entrar em qualquer discussão sobre o assunto, não fosse aquele outro símbolo - a escada teológica - que está tão intimamente ligado a ela, então o primeiro naturalmente sugere o outro. Esta escada mística que liga o andar térreo da Loja ao seu teto ou cobertura é outro laço importante e interessante que une, com uma corrente comum, o simbolismo e as cerimônias da Maçonaria, e o simbolismo e os ritos das iniciações antigas.

Esta escada mística, que na Maçonaria é referida como a "escada teológica, que Jacó conheceu em sua visão, alcançando o céu da terra", foi disseminada entre as religiões da antiguidade que sempre supuseram que ela consistia de sete voltas ou degraus.

Por exemplo, nos Mistérios de Mitras, na Pérsia, onde havia sete fases ou graus de iniciação, foram erguidas nos templos, ou mais especialmente, nas cavernas - pois nelas a iniciação era conduzida - uma escada alta, de sete degraus ou portões, cada uma dedicada a um dos planetas, que foi tipificada por um dos metais, o degrau mais alto representando o sol, de forma que, começando de baixo, nós temos Saturno representado pelo chumbo, Vênus por estanho, Júpiter por latão, Mercúrio por ferro, Marte por uma mistura de metais, a Lua por prata, e o Sol por ouro, o todo sendo um símbolo do progresso sideral da orbe solar pelo universo.

Nos Mistérios de Brahma nós encontramos a mesma referência à escada de sete degraus; mas os nomes eram diferentes, embora houvesse a mesma alusão ao símbolo do universo. Os sete degraus foram emblemáticos dos sete mundos que constituíam o universo indiano. O inferior era a Terra; o segundo, o Mundo da Reexistência; o terceiro, o Céu; o quarto, o Mundo Intermediário, ou a região entre os mundos inferior e superior; o quinto, o Mundo dos Nascimento, no qual as almas nasciam novamente; o sexto, a Mansão do Abençoado; e o sétimo, ou o degrau mais alto, a Esfera da Verdade, a residência de Brahma, ele mesmo sendo um símbolo do sol, e assim nós chegamos mais uma vez ao simbolismo maçônico do universo e do orbe solar.

[Dr. Oliver acredita haver encontrado Mistérios escandinavos na escada mística da árvore sagrada Ydrasil;2 mas, aqui, a referência à divisão setenária3 é](#) tão imperfeita, ou ao menos confusa, que estou relutando em incluí-la no nosso catálogo de coincidências, embora não haja dúvida de que encontraremos nessa árvore sagrada a mesma alusão que há na escada de Jacó, para uma ascensão da terra, onde suas raízes foram plantadas, aos céus, onde seus galhos se expandiram, cuja subida seria uma mudança da mortalidade para a imortalidade, do tempo para a eternidade. Essa era a doutrina ensinada em todas as iniciações. A ascensão da escada ou da árvore da vida futura - da terra ao céu.

Não é necessário carregar esses paralelismos mais além. Qualquer um pode, no entanto, encontrar neles uma referência indubitável à divisão setenária que tão universalmente prevaleceu por todo mundo antigo, e a influência que ainda é sentida na vida diária comum e nas observâncias de nosso tempo. Sete foi entre os hebreus o número perfeito; o que continuamente se repete em todos os seus ritos sagrados. A criação foi aperfeiçoada em sete dias; sete sacerdotes, com sete trombetas, circundadas as muralhas de Jericó por sete dias; Noé recebeu um aviso sete dias antes do início do dilúvio, e sete pessoas acompanharam-no até a arca, que ficou no Monte Arafat no sétimo mês; Salomão ficou sete anos construindo o templo; e há centenas de outros exemplos da proeminência desse número talismânico que poderíamos citar, se houvesse tempo ou necessidade.

Entre os gentis, o mesmo número foi igualmente sagrado. Pitágoras chamou-o de "número venerável". A divisão setenária do tempo em semanas de sete dias, embora não universal, como tem sido geralmente suposto, foi suficiente para indicar a influência do número. É impressionante que, talvez de alguma forma referindo-se à escada de sete degraus que havíamos considerado, nos Mistérios antigos, como nos conta Apuleio, o candidato fosse lavado sete vezes nas águas consagradas da ablução.

Há, então, uma anomalia em atribuir à escada mística da Maçonaria apenas três degraus. É uma anomalia, entretanto, com a qual a Maçonaria não tem nada a ver. O erro surgiu da ignorância daqueles inventores que foram os primeiros a gravar os símbolos maçônicos para os nossos monitores. A escada da Maçonaria, como as escadas equivalentes a esses tipos de instituições, sempre tinha sete degraus, embora atualmente se faça alusão apenas aos três principais ou aos mais altos. Esses degraus, começando com o mais baixo, são a Temperança, a Coragem, a Prudência, a justiça, a Fé, a Esperança, e a Caridade. A Caridade, portanto, ocupa o mesmo lugar na escada das virtudes maçônicas que o sol na escala dos planetas. Na escada dos metais encontra-se o ouro, e na das cores o amarelo ocupa a mesma posição elevada. São Paulo explica que a Caridade significa não a doação, mas representa na moderna linguagem popular o amor - o amor que "sofreu muito e é afável"; e quando, em nossas leituras sobre o assunto, entendemos a isso como a maior das virtudes, porque, quando a Fé está perdida e a Esperança se acabou, ela se estende "além da sepultura aos reinos de eterna felicidade", nos refere rimos à expressão como o Amor Divino de nosso Criador. Mas Portal, em seu Ensaio sobre as Cores Simbólicas, nos informa que o sol representa o Amor Divino, e o ouro indica a bondade de Deus.

Então, se a Caridade é equivalente ao Amor Divino, e o Amor Divino é representado pelo sol e, por fim, se a Caridade for o degrau mais alto da escada maçônica, novamente chegamos ao resultado de nossas pesquisas, ao símbolo já tão freqüentemente repetido do orbe solar. O sol natural ou o sol espiritual - o sol, tanto como o princípio vivo da natureza animada, portanto um objeto de adoração especial, ou como o mais proeminente

instrumento da benevolência do Criador - nunca teve um papel central no simbolismo da antiguidade.

Sua prevalência, logo, na instituição maçônica, é uma evidência fértil da analogia íntima existente entre ela e todos esses sistemas. Como essa analogia foi introduzida pela primeira vez, e como ela deve ser explicada, sem detrimento à pureza e honestidade de nosso próprio caráter religioso, envolveria uma longa pesquisa à origem da Maçonaria, e à história de sua ligação com os sistemas antigos.

Essas pesquisas podem ter ido ainda mais longe; no entanto, o bastante foi dito para estabelecer os seguintes princípios:

1. Que a Maçonaria é, estritamente falando, uma ciência de simbolismo.
2. Que nesse simbolismo há uma estrita analogia à mesma ciência, como visto nos ritos místicos das religiões antigas.
3. Que, assim como nas religiões antigas, o universo foi simbolizado para o candidato; o sol, como seu princípio vivo, foi objeto de sua adoração, ou ao menos, de sua veneração; então, na Maçonaria, a Loja é a representação do mundo ou do universo, e o sol é apresentado como seu mais proeminente símbolo.
4. Que essa identidade simbólica prova uma identidade de origem, a qual pode ser mostrada como estritamente compatível com o verdadeiro sentimento religioso da Maçonaria.
5. E que todo o simbolismo da Maçonaria possui uma referência exclusiva ao que os cabalistas vêm chamando de Algabil - o Mestre Construtor - aquele que os maçons designaram como o Grande Arquiteto do Universo.

XVII

Simbolismo Ritualístico

Até então estivemos engajados na consideração dos símbolos simples, que parecem expressar uma única e independente idéia. Algumas vezes eles foram chamados de "alfabeto da Maçonaria", mas indevidamente, creio, pois as letras do alfabeto têm, em si mesmas, diferentemente dos símbolos maçônicos, nenhum significado, elas são simplesmente as partes componentes das palavras, elas mesmas representantes das idéias.

Em vez disso, os símbolos maçônicos podem ser comparados aos caracteres elementares da língua chinesa, cada um deles denotando uma idéia; ou, ainda melhor, aos hieróglifos dos antigos egípcios, nos quais um objeto é completamente representado por outro que continha alguma relação subjetiva com ele, como o vento foi representado pelas asas de um pássaro, ou a coragem pela cabeça e os ombros de um leão.

É dessa mesma forma que na Maçonaria o Prumo representa retidão, o Nível, a igualdade humana, e a Trolha, a concórdia ou harmonia. Cada um é, em si mesmo, independente, cada um expressa uma única idéia elementar.

Mas agora nós passamos a uma divisão superior do simbolismo maçônico, que, indo além dos símbolos tangíveis, chegamos àqueles que são de uma natureza mais oculta, a qual, sendo desenvolvida em uma forma cerimonial, controlada e dirigida pelo ritual da ordem, pode ser designada como o simbolismo ritualístico da Maçonaria.

É para essa divisão superior que agora eu chamo a sua atenção; e com o propósito de exemplificar a definição que dei, seleciono algumas das cerimônias mais proeminentes e interessantes do ritual.

Nossas primeiras pesquisas eram sobre o simbolismo dos objetos; a nossa próxima será sobre o simbolismo das cerimônias.

Nas explicações que me aventurarei a dar ao seu simbolismo ritualístico, ou ao simbolismo das cerimônias, uma referência será constantemente feita ao que foi tão mencionado, ou seja, a analogia existente entre o sistema da Maçonaria e os antigos ritos e Mistérios, então novamente desenvolveremos a identidade de sua origem.

Cada um dos graus da Antiga Arte da Maçonaria contém alguns desses símbolos ritualísticos: as lições de toda ordem são, na verdade, veladas em suas vestes alegóricas; mas é apenas a mais importante que vou falar. Este, entre outros, são os rituais de descalçamento, de investidura, de circumambulação e de aceitação. Cada um deles será devidamente considerado.

XVIII

O Rito de Descalçamento

O Rito de Descalçamento, ou despimento dos pés sobre um chão sagrado que se aproxima, é derivado da palavra latina discalceare, retirar o sapato de uma pessoa. Seu uso possui o prestígio da antiguidade e da universalidade em seu favor.

Embora não prevalecendo de forma geral, seu significado simbólico foi bem compreendido na época de Moisés, nós aprendemos daquela passagem do Êxodo onde o anjo do Senhor, em um arbusto flamejante, exclama ao patriarca: "Aproxime-se; tire seus sapatos dos pés, pois o lugar em que pisas é chão sagrado".¹ Clarke² acredita que é por causa desse mandamento que as nações orientais adquiriram o costume de realizar seu atos religiosos de adoração com os pés descalços. Mas é muito mais provável que a cerimônia fosse usada muito antes da circunstância do arbusto flamejante, e que os legisladores judeus imediatamente reconheceram-no como um símbolo de reverência.

O Bispo Patrick³ compartilha dessa opinião, considerando que o costume foi derivado dos antigos patriarcas e transmitido por uma tradição geral às épocas sucessoras.

Provas abundantes podem ser fornecidas pelos antigos autores da existência do costume entre todas as nações, tanto judaicas como as Gentis. Poucas entre elas, principalmente as reunidas pelo Dr. Mede, são curiosas e interessantes.

A instrução de Pitágoras aos seus discípulos foi a seguinte: "AvuttóōnTOç eúf }ai itpóa)ÇUVEI"; ou seja: "Ofereça sacrifício e adoração descalço."⁴

Justin Martyr diz que aqueles que adoravam santuários e templos gentis eram orientados por seus sacerdotes a retirar os sapatos.

Drúsio, em suas anotações no Livro de Josué, diz que entre a maioria das nações orientais era uma obrigação religiosa pisar o chão do templo com os pés descalços.'

Maimônides, o grande estudioso da lei judaica, afirma que "não era lícito a um homem vir à montanha da casa de Deus com sapatos nos pés, com seu cajado, em suas vestimentas de trabalho ou mesmo com poeira nos pés".6

Rabbi Salomão, comentando sobre o mandamento em Levítico XIX. 30: "Vós deveis reverência em meu santuário", faz a mesma observação com relação a esse costume. Sobre esse assunto, o Dr. Oliver observa: "O ato de ir com os pés descalços foi sempre considerado um sinal de humildade e reverência; e os sacerdotes, no templo de adoração, sempre conduziram os sacramentos com os pés descalçados, embora fossem freqüentemente prejudiciais à saúde deles."7

Mede cita Zago Zaba, um bispo etíope, que foi embaixador de Davi, Rei da Abissínia, a João III, de Portugal, dizendo: "Não podemos entrar na igreja, exceto descalços."8

Os maometanos, quando estavam para realizar suas devoções, sempre deixavam seus chinelos à porta do mosteiro. Os druidas tinham o mesmo costume, quando queriam celebrar seus antigos ritos; e acredita-se que os antigos peruanos sempre deixavam seus sapatos no pórtico quando entravam no templo magnífico consagrado à adoração do sol.

Adam Clarke afirma que o costume de adoração descalça da divindade era tão comum entre as nações da antiguidade, que credita a esse fator como uma das 13 provas de que a raça humana toda foi derivada de uma única família.9

Pode-se extrair a seguinte teoria: os sapatos ou as sandálias eram usados em ocasiões ordinárias como uma proteção às sujeiras do chão. Para continuar a usá-los, então, em um local consagrado, seria uma insinuação

tácita que o solo fosse igualmente poluído e capaz de produzir sujeira. Mas, como o verdadeiro caráter de um lugar sagrado e consagrado exclui a idéia de qualquer tipo de sujeira ou impureza, o reconhecimento de que este foi o espírito transmitido, simbolicamente, ao se despir os pés de todas aquelas proteções da poluição e impurezas que seriam necessárias em locais não consagrados.

Então, nos tempos modernos, nós balançamos a cabeça para expressar o sentimento de estima e respeito. Antigamente, quando havia mais violência para ser temida do que agora, o elmo, ou capacete, possuía uma ampla proteção que podia resistir a qualquer golpe repentino de um inimigo inesperado. Mas não podemos temer violência de alguém que estimamos ou respeitamos; então, despojar a cabeça dessa proteção habitual, é dar uma prova de nossa confiança ilimitada na pessoa a quem o gesto é feito.

O Rito de Descalçamento é, portanto, um símbolo de reverência. Isto significa, na linguagem do simbolismo, que o local que está para ser adentrado é de forma humilde e reverencial consagrado para algum propósito divino.

Agora, como em tudo o que foi dito, o maçom inteligente irá imediatamente relacionar a sua aplicação ao terceiro grau. De todos os graus da Maçonaria, este é de longe o mais importante e sublime. A lição solene que ele ensina, a cena sagrada que representa e as cerimônias comoventes que nele são conduzidas, são todas calculadas para inspirar a mente com sentimentos de respeito e reverência. No mais sagrado de todos os templos sagrados, quando a arca da aliança foi depositada em seu local apropriado, e a Shekinah estava flutuando sobre ela, o Sumo Sacerdote sozinho, e em um único dia no ano todo, pôde, depois da mais cuidadosa purificação, entrar de pés descalços e pronunciar com veneração temerosa, o tetragramaton ou palavra omnífica.

Na Loja do Mestre Maçom - o santo dos santos dos templos maçônicos, onde as verdades solenes da morte e imortalidade são transmitidas -, o aspirante, ao entrar, deve purificar seu coração de toda contaminação, e lembrar, com o devido senso de sua aplicação simbólica, daquelas palavras

que certa vez irromperam nos ouvidos atônitos do velho patriarca: "Retire seus sapatos dos pés, pois o local em que está é solo sagrado."

XIX

O Rito de Investidura

Outro simbolismo ritualístico, de ainda maior importância e interesse, é o Rito de Investidura.

O Rito de Investidura, chamado, em linguagem coloquial técnica da ordem, de cerimônia de vestir, traz-nos imediatamente à consideração do símbolo bem conhecido da Maçonaria, o Avental de pele de carneiro.

Esse Rito de Investidura, ou colocação de algum traje no aspirante, como uma indicação de sua preparação adequada para as cerimônias nas quais ele está por participar, prevaleceu em todas as antigas iniciações. Poucas delas valerá a pena considerar.

Na economia levítica dos israelitas, os sacerdotes sempre usavam o abanete, ou avental de linho, ou cinto, como uma parte da investidura da fraternidade. Ele, junto com as outras vestimentas, deveria ser usado, como o texto expressa: "para a glória e para a beleza", ou, como já foi explicado por um sábio estudioso: "como símbolo daquela santidade e pureza que sempre caracterizou a natureza divina, e a adoração que ela merece".

Nos Mistérios persas de Mitras, o candidato, tendo recebido a luz, foi investido com um cinto, uma coroa ou mitra, uma túnica roxa e, por fim, um avental branco.

As iniciações praticadas no Hindustão, na cerimônia de investidura foram substituídas pela faixa, ou zennaar sagrado, consistindo de uma corda, composta de nove fios amarrada com um nó na ponta, pendendo do ombro esquerdo ao lado direito da cintura. Este era, talvez, o tipo de xale maçônico, que é ou deveria ser, sempre usado na mesma posição.

A seita judaica dos essênios, mais que qualquer outra instituição secreta da antiguidade, se assemelha à Maçonaria em sua organização, sempre agraciando seus novatos com uma túnica branca.

E, por fim, nos ritos escandinavos, onde o gênio militar do povo tinha introduzido uma espécie de iniciação de guerra, em vez do avental encontramos o candidato recebendo um escudo branco, que era, entretanto, sempre apresentado com o acompanhamento de algumas instruções simbólicas, não muito diferentes daquelas que estão ligadas ao Avental maçônico.

Em todas essas maneiras de investidura, não importando qual fosse o material ou a formalidade, a significação simbólica transmitida era a de pureza.

Na Maçonaria, o mesmo simbolismo é comunicado pelo Avental, o qual tem sido chamado de "distintivo de um maçom" por ser o primeiro presente que o aspirante recebe e o primeiro símbolo sobre o qual ele é instruído. Com o passar do tempo, a denominação tem sido ainda mais adequada; pois, por mais distante que o futuro avançamento do candidato na "Arte Real" ou em qualquer arcanas mais profunda que a sua devoção à instituição mística ou sua sede de conhecimento possam levá-lo, com o avental - sua primeira investidura - ele nunca se perde. Mudando, talvez, sua forma e suas decorações, e conduzindo a cada passo a algumas belas e novas alusões, sua essência não muda e continua a reivindicar o título honrado pelo qual ele foi primeiramente conhecido na noite de sua iniciação.

O avental deriva seu significado, como símbolo de pureza, de duas fontes: a cor e o material. Cada um desses pontos de vista, então, deve ser considerado, diante de seu simbolismo, de maneira adequada.

Primeiro, a cor do avental deve ser branco imaculado. Essa cor, em todas as épocas, foi estimada com um emblema de inocência e pureza. Tem sido com referência a este simbolismo que uma parte das vestimentas do clero judaico foi orientada a ser feita em branco. Assim, Aarão foi ordenado,

quando entrou no santo dos santos para fazer uma expiação dos pecados do povo, aparecer vestido em linho branco, com seu avental de linho, ou cinto, sobre seus quadris. Vale a pena salientar que a palavra hebraica Laban, que significa tornar branco, denota também purificação; sendo assim, nós encontramos, por todas as Escrituras, muitas alusões àquela cor como um emblema de pureza. "Embora teus pecados sejam escarlates", disse Isaías, "eles devem ser brancos como a neve"; e Jeremias, ao descrever a condição inocente de Sião, diz: "Os nazarenos dela eram mais puros que a neve; eles eram mais brancos que leite".

No Apocalipse, uma pedra branca foi a recompensa prometida pelo Espírito àqueles que se sujeitassem; e no mesmo livro místico o apóstolo é instruído a dizer que o fino linho, limpo e branco é a probidade dos santos.

Nas eras mais antigas da igreja cristã uma vestimenta branca foi colocada sobre o catecúmeno que havia sido recentemente batizado, para denotar que seus pecados anteriores haviam sido expiados, e a partir de então levaria uma vida de inocência e pureza. Então lhe apresentaram com o cuidado apropriado: "Receba esta vestimenta branca e imaculada, e exiba-a limpa diante do tribunal de nosso Senhor Jesus Cristo, que você poderá obter a imortalidade."

A alva branca ainda constitui uma parte das vestimentas da Igreja Romana, e suas cores, segundo o Bispo da Inglaterra "são para estimular a piedade e nos ensinar a pureza do coração e o do corpo que devemos possuir ao sermos apresentados aos mistérios sagrados".

Os pagãos prestam a mesma atenção ao significado simbólico dessa cor. Os egípcios, por exemplo, decoram a cabeça de sua principal divindade, Osíris, com uma tiara branca, e os sacerdotes usam túnicas do mais branco linho.

Na escola de Pitágoras, os hinos sagrados foram cantados pelos discípulos vestidos com vestimentas brancas. Os druidas davam vestimentas brancas aos iniciados que haviam chegado ao último grau, ou aquele da perfeição. E se pretendeu, de acordo com o ritual deles, ensinar ao aspirante

que nenhum seria admitido àquela honra, se estivesse limpo de todas as impurezas, tanto do corpo como da mente.

Em todos os Mistérios e ritos religiosos de outras nações da antiguidade, o mesmo uso de vestimentas brancas podia ser observado.

Portal, em seu "Tratado sobre as Cores Simbólicas", diz que o "branco, o símbolo da divindade e do clero, representa a sabedoria divina; aplicado a uma jovem moça, denota virgindade; a uma pessoa acusada, inocência; a um juiz, justiça"; e acrescenta - em referência ao seu uso na Maçonaria, que seria peculiarmente apropriado - "como um símbolo característico de pureza, ele exhibe uma promessa de esperança depois da morte". Nós vemos, portanto, a propriedade de adotar esta cor no sistema maçônico como um símbolo de pureza. Este simbolismo penetra o ritual completo, do menor ao mais alto grau, não importando se são usadas vestimentas ou decorações brancas.

Requer-se que o material do avental seja impreterivelmente pele de carneiro. Nenhuma outra substância como linho, seda ou cetim poderia substituí-lo sem destruir inteiramente o simbolismo da vestimenta. O carneiro, como o ritual expressa, "tem sido, em todas as épocas, considerado um emblema de inocência"; mais particularmente nas igrejas judaicas e cristãs esse simbolismo tem ocorrido. Exemplos disso raramente precisam ser citados. Eles abundam por todo o Velho Testamento, onde nós aprendemos que um carneiro era escolhido pelos israelitas para expiar seus pecados sob a forma de uma oferenda, e no Novo, onde a palavra cordeiro é quase constantemente empregada como um sinônimo de inocência. "O cordeiro pascal", diz Didron, "que foi comido pelos israelitas na noite que antecedeu sua partida, é o exemplo daquele outro cordeiro divino, que os cristãos partilham na Páscoa, para por meio dele se libertarem da escravidão na qual eles estão presos em vício". O cordeiro pascal, uma ovelha portando uma cruz foi, portanto, em um período anterior, descrito pelos cristãos como o Cristo crucificado, "aquele imaculado Cordeiro de Deus, que foi assassinado na fundação do mundo".

O material do avental une-se às as cores para dar à investidura de um maçom a significação simbólica de pureza. A cerimônia de investidura era comum a todos os antigos ritos religiosos, constituindo outra prova da identidade da origem entre eles e a instituição maçônica.

Este simbolismo também indica o caráter sagrado e religioso que seus fundadores quiseram impor à Maçonaria, tanto pelas qualidades físicas como morais de nossos candidatos indubitavelmente fazem referência, pois é assim com a Loja maçônica e foi assim com a igreja judaica, onde se declarou que "o homem que tivesse uma cicatriz não deveria se aproximar do altar"; e no clero pagão, sabemos que se era uma desonra aos deuses ser servido por qualquer um que fosse aleijado, manco, ou que tivesse qualquer outra forma de imperfeição; com ambos, também, requerendo-se que não se aproximasse de coisas sagradas aquele que não fosse puro e probo.

O Avental da pura e imaculada pele de cordeiro é, então, na Maçonaria, símbolo daquela perfeição do corpo e da pureza da mente que são qualidades essenciais em todos aqueles que participariam de seus Mistérios sagrados.

XX

O Simbolismo das Luvas

A investidura com Luvas está intimamente ligada à investidura com o Avental; e a consideração do simbolismo de uma pessoa naturalmente segue a consideração do simbolismo de outra.

Nos ritos continentais da Maçonaria, como os praticados na França, na Alemanha e em outros países da Europa, é costume invariável apresentar o candidato recém-iniciado não apenas, como nós fazemos, com um avental branco de couro, mas também com dois pares de luvas brancas de pele de carneiro, um par masculino para o próprio candidato, e outro feminino, para presentear sua esposa ou sua noiva, de acordo com o costume dos maçons alemães, ou, de acordo com os franceses, para a mulher que ele mais estima; na verdade, equivale, ou deveria equivaler, à mesma coisa.

Há nisso, claro, como há em tudo o mais que pertence à Maçonaria, um simbolismo. As luvas dadas ao candidato por ele mesmo pretendem ensiná-lo que os atos de um maçom devem ser tão puros e imaculados como as luvas que recebe. Nas Lojas alemãs, a palavra usada para atos é mesmo *handlungen*, ou *handlings*, "as obras das suas mãos", que fazem com que a idéia simbólica seja ainda mais comovedora.

O Dr. Robert Plott - não partidário da Maçonaria, mas um historiador experiente - diz, em sua *História Natural de Staffordshire*, que a Sociedade dos Maçons, naquela época (ele escreveu em 1660), presenteava seus candidatos com luvas para eles e para suas esposas. Isto mostra que o costume ainda preservado no continente europeu era antigamente praticado na Inglaterra, embora lá, assim como na América, ele não tenha sido contínuo, o que se deve, talvez, lamentar.

Mesmo que o ato de presentear os candidatos com luvas não seja mais praticado como uma cerimônia na Inglaterra ou na América, o uso delas como uma parte da vestimenta profissional adequada a um maçom nas obrigações da Loja, ou em procissões, ainda é mantida, e em muitas Lojas regulares os membros são quase regularmente vestidos com luvas e aventais brancos.

O simbolismo das luvas, ainda será admitido, é, na verdade, uma modificação do avental. Ambos significam a mesma coisa; ambos são uma alusão à purificação da vida. "Quem deve ascender", diz o salmista: "à montanha do Senhor? Ou quem deve permanecer neste local sagrado? Aquele cujas mãos são limpas e o coração é puro." Pode-se dizer que o Avental se refere ao "coração puro" e as Luvas às "mãos limpas". Ambos são símbolos daquela purificação que sempre foi simbolizada pela ablução que precedia as antigas iniciações aos Mistérios sagrados. Mas enquanto os maçons americanos e ingleses aderiram apenas ao avental, e rejeitaram as luvas como símbolo de sua instituição, os últimos parecem ser mais importantes na ciência simbólica, porque as alusões às mãos puras ou limpas são abundantes em todos os escritores antigos.

"Mãos", diz Wemyss, em seu "Clavis Symbolica", "são símbolos de ações humanas; mãos puras são ações puras; mãos injustas são atestados de injustiça". Há inúmeras referências nos escritores sagrados e profanos para esse simbolismo. A lavagem das mãos possui o símbolo externo de uma purificação interna. O salmista diz: "Eu lavarei minhas mãos em inocência, e circundarei seu altar, Jeová."

Nos antigos Mistérios a lavagem das mãos sempre foi uma cerimônia introdutória à iniciação, e, claro, ela foi usada simbolicamente para indicar a necessidade de pureza do crime como uma qualificação daqueles que queriam admissão aos ritos sagrados; em um templo na Ilha de Creta há a seguinte inscrição: "Limpe seus pés, lave suas mãos, só depois entre".

Na verdade, a lavagem das mãos, como símbolo da pureza, foi entre os antigos um rito religioso peculiar. Ninguém ousava rogar aos deuses antes de limpar as mãos. Então Homero faz Heitor dizer:

"XEπαὶ ὁ' ἀνί7τTOIOiv AIÀEí(3EivA~οpai." (Ilíada, VI. p. 266)

“Eu temo com mãos sujas trazer

Meu perfumado vinho a Júpiter como uma oferenda.”

Em um espírito de religião semelhante, Enéas, ao deixar Tróia ardendo em chamas, recusou-se a entrar no templo de Ceres até que suas mãos, sujas da recente briga, fossem lavadas no riacho corrente:

“Me bello e tanto digressum et cæde recenti,

Attrectare nefas, donec me flumine vivo

Abluero.” (En. II. p. 718)

“Em mim, agora recém-saído da guerra e de recente briga,

É deplorável, as coisas sagradas, tocar

Até no riacho corrente eu me banhar.”

A mesma prática prevaleceu entre os judeus, e um exemplo evidente do simbolismo é exibido na ação bem conhecida de Pilatos, que, quando os judeus clamaram por Jesus, que eles queriam crucificá-lo, apareceu diante do povo e, tendo pegado água, lavou suas mãos, dizendo ao mesmo tempo: "Eu sou inocente do sangue deste homem justo. Vejam vocês." Na igreja cristã da Idade Média, luvas eram sempre usadas por bispos ou padres quando desempenhavam as funções eclesiásticas. Elas eram brancas e feitas de linho; Durandus, um ilustre ritualista, diz que "pelas luvas brancas denotava-se a castidade e a pureza, porque as mãos eram mantidas limpas de toda e qualquer impureza".

Não há necessidade de expandir ainda mais os exemplos. Não há dúvida de que o uso das luvas na Maçonaria é uma idéia simbólica copiada da antiga e universal linguagem do simbolismo que pretendia, como o avental, denotar a necessidade de pureza de vida.

Então nós rastreamos a mesma fonte simbólica para as Luvas e o Avental, os quais possuem a mesma origem histórica.

O avental evidentemente deve a sua adoção na Maçonaria ao uso das vestimentas necessárias aos maçons operativos da Idade Média. Essa é uma das evidências mais positivas - na verdade podemos dizer, absolutamente, da

evidência mais tangível - da derivação de nossa ciência especulativa em uma arte operativa. Os construtores, associados em companhias, que cruzaram a Europa e participaram da construção de palácios e catedrais, deixando para nós e para os seus descendentes seu nome, sua linguagem técnica e aquela peça de roupa distintiva através da qual eles se protegiam da sujeira de seus empregos laboriosos, também nos legaram as suas luvas? Essa é uma questão que algumas das modernas descobertas nos permitirão responder.

M. Didron, em seu *Anais Arqueológicos*, apresenta-nos um entalhe, copiado do vitral da Catedral de Chartres, na França. A pintura foi executada no século XIII, e representa vários maçons operativos trabalhando. Três deles são adornados com coroas de louros. Eles não representariam os três oficiais de uma Loja? Todos os maçons usavam luvas. M. Didron observa que, nos antigos documentos a que examinou, é feita freqüentemente menção às luvas que deveriam ser apresentadas aos maçons e pedreiros. Em um número subsequente dos *Anais*, ele dá os três exemplos seguintes desse fato:

- no ano 1331, o Chatelan de Villaines, em Duemois, comprou uma quantidade considerável de luvas, para serem dadas aos operários, com o intuito, como se acredita, de "proteger suas mãos da pedra e da cal";
- em outubro de 1383, como ele viu em um documento daquele período, três dezenas de pares de luvas foram comprados e distribuídos aos maçons quando eles começavam as construções no Convento de Dijon;
- finalmente, em 1486 ou 1487, vinte e dois pares de luvas foram dados aos maçons e pedreiros que trabalharam na cidade de Amiens.

Portanto, fica evidente que os construtores - os maçons operativos - da Idade Média usavam luvas para proteger suas mãos dos efeitos do trabalho. É igualmente evidente que os maçons especulativos recebiam de seus predecessores operativos tanto as luvas como o avental, ambos, usados pelos últimos com fins práticos, sendo, no espírito do simbolismo, apropriado pelo primeiro como "um propósito mais nobre e glorioso".

XXI

O Rito de Circumambulação

O Rito de Circumambulação nos fornecerá outro símbolo ritualístico, a partir do qual poderemos novamente comparar a identidade da Maçonaria com a das cerimônias religiosas e místicas dos antigos.

"Circumambulação" é o nome dado pelos arqueólogos sagrados a esse rito religioso nas iniciações antigas caracterizado por uma procissão formada ao redor do altar ou de outro objeto divino e consagrado.

A prevalência desse rito entre os antigos parece ser universal, o que originalmente (como terei oportunidade de demonstrar) se referia ao curso aparente do sol no firmamento - uma movimentação do leste para o oeste pelo caminho do sul.

Na antiga Grécia, quando os sacerdotes realizavam os ritos de sacrifício, eles e os demais participantes sempre davam três voltas ao redor do altar enquanto entoavam um hino ou ode sagrada. Algumas vezes, enquanto as pessoas permaneciam ao redor do altar, o rito de circumambulação era realizado apenas pelo sacerdote, voltando-se em sentido horário e girando em torno ao objeto sagrado, salpicava-o com farinha e água benta. Ao fazer esta circumambulação, foi considerado absolutamente necessário que o lado direito ficasse sempre próximo ao altar e, conseqüentemente, que a procissão se movesse do leste para o sul, então para oeste, depois para o norte e, por fim, novamente para o leste. Foi assim que a aparente revolução foi representada.

A esta cerimônia os gregos chamam de movimento $\epsilon\lambda\upsilon\gamma\iota\sigma\mu\acute{o}\varsigma$, da direita para a direita, que era a direção do movimento, e os romanos cunharam o termo *dextrovorsum*, ou *dextrorsum*, o que significa a mesma coisa. Então Plautus faz Palinurus, um personagem em sua comédia de "Curculio", dizer: "Se reverenciasse esses deuses, você deveria virar para a mão direita." Gronovius, ao comentar sobre a passagem de Plautus, diz: "Ao adorar e rezar aos deuses eles estavam acostumados a virar no sentido horário."

Um hino de Calímaco foi preservado, que se acredita ter sido cantado pelos sacerdotes de Apolo em Delos enquanto realizavam a cerimônia de circumambulação, tem por essência o seguinte texto: "Nós imitamos o exemplo do sol, e seguimos seu curso benevolente."

Essa circumambulação ao redor do altar foi acompanhada pelo canto ou entoação de uma ode sagrada. Das três partes da ode, a estrofe, a antiestrofe e o epodo, cada uma deveria ser cantada em determinada parte da procissão. A analogia entre o canto de uma ode pelos antigos e a recitação de uma passagem das Escrituras na circumambulação maçônica será imediatamente aparente.

Entre os romanos, a cerimônia da circumambulação sempre foi usada nos ritos de sacrifício, de expiação ou purificação. Dessa forma, Virgílio descreve Corinaso purificando seus companheiros, no funeral de Miseno, passando três vezes ao redor deles enquanto os borrifava com as águas lustrais; e para fazer isso convenientemente, seria necessário que tivesse movido a mão direita na direção deles:

*"Idem ter socios pura circumtulit unda,
Spargens rore levi et ramo felicis olivæ."* (En. VI. 229).

*"Três vezes com água pura ele circundou o grupo de operários,
salpicando, com ramo de oliva, o nobre orvalho."*

Na verdade, era muito comum unir a cerimônia de circumambulação com a de expiação ou purificação, em outras palavras, seria como fazer uma procissão em círculo, ao realizar o último rito (o termo *lustrare*, cujo

significado primitivo é "purificar", passa a ser sinônimo de circuire, andando ao redor de qualquer coisa); portanto, purificação e circumambulação eram geralmente expressadas pela mesma palavra.

Entre os hindus, o mesmo rito de circumambulação sempre foi praticado. Por exemplo, podemos citar as cerimônias realizadas por um brâmane assim que se levantava da cama pela manhã, relatado mais exatamente por Colebrooke em "Pesquisas Asiáticas". O sacer dote, tendo primeiro adorado o sol enquanto dirigia sua face para o leste, então andava na direção oeste passando pelo sul e dizendo, ao mesmo tempo: "Eu sigo o curso do sol", que ele depois explica: "Como o sol, em seu curso, move-se ao redor do mundo passando pelo sul, então eu sigo este corpo luminoso para obter o benefício que resulta de uma jornada ao redor da terra pelo caminho do sul."

Por fim, posso me referir à preservação desse rito entre os druidas, cuja "dança mística" ao redor de cairn, ou pedras sagradas, não passava de um rito de circumambulação. Nessas ocasiões, os sacerdotes sempre faziam três circuitos, do leste para o oeste, pelo lado direito, ao redor do altar ou cairn, acompanhados por todos os adoradores. O rito já foi considerado tão sagrado, como citou Toland,² que nas ilhas escocesas, a principal morada da religião druida na época, o povo "nunca ia até os antigos cairns sacrificiais e consagradas pelo fogo, mas andava três vezes ao redor dele, do leste para o oeste, de acordo com o curso do sol". Esta volta santificada, ou giro pelo sul, ainda observa ele, é chamada de Deiseal, assim como o contrário ou o não santificado, ou o giro pelo norte, é chamado Tuapholl. Ele também observa que a palavra Deiseal derivou de "Deas, à direita (entenda-se), e solo, um dos antigos nomes do sol, a mão direita em sua volta estando sem- pre próxima ao ,

Eu poderia levar essas pesquisas ainda mais adiante e estender este Rito de Circumambulação a outras nações da antiguidade; mas entendo que o suficiente já foi dito para mostrar a sua universalidade, assim como a tenacidade com a qual a cerimônia essencial de realização do movimento cujo número místico de vezes - sempre pelo lado direito, do leste para o sul, e dali para o oeste - foi preservada. Considero que essa analogia singular ao mesmo rito na Maçonaria deve nos levar à legítima conclusão de que a

fonte comum de todos esses ritos deve ser encontrada na origem idêntica da Maçonaria Espúria ou nos Mistérios pagãos, e a Maçonaria Primitiva, pura, da qual a antiga se afastou apenas por estar se deteriorando.

Ao rever o que foi dito sobre o assunto, iremos perceber que a essência do antigo rito consistia em fazer a circumambulação ao redor do altar, do leste para o sul, do sul para o oeste, dali para o norte e aí para o leste novamente.

Hoje, o rito maçônico de circumambulação concorda estritamente com a unidade antiga.

Mas o circuito pelo lado direito, como é admitido, foi feito para representar o movimento do sol. Uma simbologia do aparente curso do sol ao redor da Terra.

Assim, novamente aqui, temos a velha e repetida menção aos ritos de adoração ao sol, que na Maçonaria já foi vista nos oficiais de uma Loja e no ponto dentro de um círculo. Como a circumambulação é feita ao redor da Loja, assim como o sol supostamente se movia ao redor da Terra, somos trazidos de volta ao simbolismo original com o qual iniciei este trabalho - a Loja é um símbolo do mundo.

XXII

O Rito de Aceitação, e o Simbolismo de Luz

O Rito de Aceitação, ao qual agora direcionamos a nossa atenção, irá nos fornecer muitos símbolos importantes e interessantes.

Há um período fundamental na cerimônia da iniciação maçônica, quando o candidato está para receber uma comunicação completa dos mistérios a qual ele deve se submeter e cujos julgamentos e trabalhos ele tem de experimentar para poder ser intitulado. Essa cerimônia é tecnicamente chamada "Rito de Aceitação", porque é quando o aspirante começa a receber a posse do que estava buscando.' É equivalente ao que, nos Mistérios antigos, era chamado de "autópsia", ou a visão do que apenas ao iniciado foi permitido contemplar.

O Rito de Aceitação é, evidentemente, dividido em várias partes ou períodos; pois as aporrheta, ou coisas secretas da Maçonaria, não são transmitidas imediatamente, mas em uma progressão gradual. No entanto, isso começa com a comunicação da luz, que, embora faça parte da preparação para o desenvolvimento dos Mistérios que devem ser seguidos, tem de ser considerada o mais importante dos símbolos em toda ciência do simbolismo maçônico. Na verdade, ele é tão importante e influente que a própria Maçonaria antigamente era chamada de, entre outras denominações, Lux, ou Luz - cujo significado a ser considerado é o de doutrina sublime da Verdade Divina através do qual o caminho a ser seguido será iluminado em sua peregrinação de vida.

O cosmogonista hebreu descreve a criação ao declarar que "Deus disse, que se faça a luz, e houve luz" - uma frase que, na forma mais enfática de

sua língua original, era expressa da seguinte forma: "Que haja luz, e houve luz",³ por causa do seu caráter sublime e da repercussão que adquiriu por ter sido proferida pelo maior dos críticos gregos. "A singularidade enfática por meio da qual...", diz um profundo escritor moderno,_' "... a luz que é chamada à existência, provavelmente devido a sua ilustre utilidade e a glória daquele elemento, junto com sua natureza misteriosa, fez com que isso se parecesse com:

*"O Deus deste 'novo mundo',
Trouxe para si a adoração primordial da humanidade."*

A luz era, de acordo com o antigo sentimento religioso, o grande objeto a ser alcançado em todos os antigos Mistérios religiosos. Foi através da Maçonaria, como é agora, que o símbolo de verdade e conhecimento foi criado. Sempre pautado neste antigo simbolismo, nunca devemos perder de vista seu significado emblemático, estamos considerando a natureza e a significação da luz maçônica. Quando o candidato faz um pedido pela luz, não é meramente para aquela luz material que deve remover a escuridão física; que é apenas a forma externa escondendo o simbolismo interno. Ele anseia mesmo por uma iluminação intelectual que dissipará a escuridão da ignorância mental e moral, que trará à sua visão as verdades sublimes da Religião, Filosofia e Ciência - o grande propósito que a Maçonaria ensina.

Em todos os sistemas antigos esta reverência à luz, como o símbolo de verdade, foi predominante. Nos Mistérios de todas as nações, o candidato deveria passar, durante sua iniciação, pelas cenas de total escuridão. Para finalmente terminar seu julgamento com uma admissão ao sacellum (ou santuário) esplendidamente iluminado, onde se diz que ele atingiu a luz pura e perfeita e onde recebeu as instruções necessárias sobre o conhecimento da verdade divina - o objeto de todos os seus trabalhos e o propósito da instituição a qual foi iniciado.

A Luz, por conta disso, tornou-se sinônimo de verdade e conhecimento, e a escuridão de falsidade e ignorância. Devemos encontrar o mesmo simbolismo penetrando não apenas as instituições, mas as verdadeiras linguagens da antiguidade.

Então, entre os hebreus, a palavra aur, no singular, significava luz, mas no plural, aurim, denotava a revelação do desejo divino; e o urim e o tumim, literalmente as luzes e as verdades, constituíam uma parte da armadura onde o sumo sacerdote obtinha as respostas oraculares às questões que propunha.'

Há uma peculiaridade sobre a palavra "luz", na linguagem egípcia antiga, que vale a pena considerar nessa correlação. Entre os egípcios, a lebre era o hieróglifo para olhos que estão abertos; e foi adotado porque aquele tímido animal supostamente nunca fechava seus olhos com o intuito de manter sempre à vista os inimigos. A lebre foi posteriormente adotada pelos sacerdotes como um símbolo de iluminação mental ou luz mística que foi revelada aos neófitos, em contemplação da verdade divina, durante o progresso de sua iniciação; de acordo com Champollion, a lebre também era o símbolo de Osíris, seu deus chefe; assim mostrando a ligação íntima com o que eles acreditavam que existisse entre o processo de iniciação aos seus ritos sagrados e a contemplação da natureza divina. Mas a palavra hebraica para lebre é ARNaBeT. Que é composta por duas palavras AUR (luz), e NaBaT (contemplação), portanto as palavras que em egípcio denotavam iniciação, em hebreu significavam contemplar a luz. Nessas duas nações tão intimamente relacionadas na história, os hebreus e os egípcios, tal coincidência não poderia ser acidental. Isso mostra a prevalência do sentimento, naquele período, de que a comunicação da luz era o propósito proeminente dos Mistérios - tão proeminente que aquela virou sinônimo do outro.'

A adoração da luz, tanto em sua essência pura quanto na forma de adoração ao sol e ao fogo, porque o sol e fogo eram causas de luz, estava entre as superstições mais antigas e universais do mundo. A Luz foi considerada a fonte primordial de tudo aquilo que era sagrado e inteligente; e a escuridão, seu oposto, era visto como um outro nome para o mal e a ignorância. Dr. Beard, em artigo sobre o assunto, na Enciclopédia de Kitto sobre a Literatura Bíblica, atribui a visão da natureza divina da luz, incorporada pelas nações orientais, ao fato de que, em parte do mundo, a luz "tinha uma claridade e brilho acompanhada de intensidade de calor, que era entendida, em sua influência, como fato positivo, coisa que os

habitantes de lugares com climas menos amenos não conheciam. A luz fácil, naturalmente, se tornou, em consequência, entre os orientais, um representante do maior bem humano. Todas as emoções mais alegres da mente, todas as sensações prazerosas do corpo, todas as horas alegres de relacionamento doméstico, foram descritos sob uma imagem derivada da luz. A transição foi natural - do terreno para o celestial, das coisas corpóreas para as espirituais; e assim a luz veio para tipificar a verdadeira religião e a felicidade que transmite. Mas como a luz não veio apenas de Deus, mas também tornou o caminho do homem iluminado, então ela foi empregada como verdade moral e superior ao sistema divino de verdade, que está estabelecido na Bíblia desde seus mais antigos vislumbres progressivos ao dia perfeito do Grande Sol da Retidão."

Estou inclinado a acreditar que, nessa passagem, o sábio autor errou, não na definição do símbolo, mas na dedução de sua origem. A luz se tornou o objeto de veneração religiosa, não por causa do brilho e da claridade de um céu em particular, nem pelo calor e influência positiva de um clima em particular - pois a adoração era universal, tanto na Escandinávia como na Índia -, mas porque significava o resultado natural e inevitável da adoração ao sol, a divindade chefe do Sabeísmo - uma fé que penetrou com extensão extraordinária todo o sentimento religioso da antiguidade.'

A luz era venerada por ser uma emanção do sol, no materialismo da antiga fé, luz e escuridão foram ambas personificadas como existências positivas, uma sendo contrária a outra. Dois princípios e suposições que imperavam no mundo, antagônicos entre si, e ambos alternadamente influenciando o destino da humanidade.⁸

A competição entre o princípio do bem e do mal, simbolizado pela luz e pela escuridão, compôs uma grande parte da antiga mitologia em todos os países.

Entre os egípcios, Osíris era luz, ou o sol; e seu arquiinimigo, Tífon, que finalmente o destruiu, representava a escuridão.

Zoroastro, pai da antiga religião persa, ensinou a mesma doutrina, e chamou o princípio de luz, ou bem, Ormuz, e o princípio de escuridão, ou mal, Arimã. O primeiro, nascido da mais pura luz, e o último, da total escuridão, estão, nessa mitologia, continuamente em guerra um com o outro.

Manes, ou Maniqueu, o fundador da seita dos maniqueus, no século 111, ensinou que havia dois princípios dos quais tudo procedia; o primeiro é uma matéria pura e sutil, chamada luz, e o outro uma substância impura e corrupta, chamada escuridão. Cada um deles é objeto do domínio de um ser supremo, cuja existência é de toda a eternidade. O ser que preside a luz é chamado Deus; aquele que rege a escuridão é chamado Hyle, ou Demônio. O regente da luz é altamente feliz, bom e benevolente, enquanto o da escuridão é infeliz, mau e maligno.

Pitágoras também manteve sua doutrina de dois princípios antagônicos. Ele chamou a primeira unidade, luz, a mão direita, igualdade, estabilidade e uma linha reta; o outro ele chamou de binário, escuridão, a mão esquerda, desigualdade, instabilidade e linha curva. Das cores, ele atribuiu branco ao princípio bom e preto ao mau.

Os cabalistas deram um local proeminente para a luz em seu sistema de cosmogonia. Eles ensinaram que, antes da criação do mundo, todo espaço era preenchido de Aur en soph (Luz Eterna), e quando a Mente Divina determinava ou desejava a produção de Natureza, a Luz Eterna se removia a um ponto central, deixando ao seu redor um espaço vazio, onde o processo de criação acontecia por meio de emanções da massa central de luz. Não é necessário adentrar a narrativa cabalística de criação; basta aqui observar que tudo foi feito pela influência intermediária de Aur en soph, ou luz eterna, que produz matéria bruta, mas um grau acima da não-existência, apenas quando ela se tornar tão atenuada que possa se perder na escuridão.

[A doutrina brahmânica diz que: "luz e escuridão são estimadas nos caminhos eternos do mundo; aquele que andou no primeiro não voltou; ou seja, ele foi para a felicidade eterna; enquanto aquele que andou no último](#)

voltou sobre a terra", portanto está destinado a passar por mais transmigrações, até que a sua alma seja perfeitamente purificada pela luz.'

Em todos os antigos sistemas de iniciação o candidato era envolvido pela escuridão, como uma preparação para a recepção da luz. A duração variava nos diferentes ritos. Nos Mistérios celtas de druidismo, o período no qual o aspirante ficava imerso na escuridão era de nove dias e noites; entre os gregos, em Elêusis, era três vezes mais longo; e nos ritos ainda mais severos de Mitra, na Pérsia, cinquenta dias de escuridão, solidão e jejum eram impostos ao neófito aventureiro que, por meio desses testes excessivos, buscava o acesso à inteira comunicação da luz do conhecimento.

O sentimento religioso baseado nos princípios de bem e mal deu à escuridão, no simbolismo antigo, uma dimensão similar e tão proeminente quanto aquela da luz.

O mesmo sentimento religioso dos antigos, modificado, no entanto, em seus detalhes, pelo mais amplo conhecimento das coisas divinas, forneceu à Maçonaria um duplo simbolismo - aquele de luz e escuridão.

A escuridão é o símbolo de iniciação. Ele pretende lembrar o candidato de sua ignorância, que a Maçonaria deve iluminar; de sua natureza mal, que a Maçonaria deve purificar; do mundo, que tem estado mergulhado na obscuridade, e da qual a Maçonaria irá resgatá-lo.

A luz, por outro lado é o símbolo da autópsia, o sinal dos Mistérios, a aceitação, a fruição total da verdade e do conhecimento maçônicos.

A iniciação precede a comunicação do conhecimento na Maçonaria, assim como a escuridão precede a luz nas antigas cosmogonias. No livro do Gênesis, vemos que no início "o mundo estava sem forma e vazio; e havia trevas sobre a face do abismo". A cosmologia Caldéia ensinou que no início "tudo era escuridão e água". Os Fenícios supunham que "o início de todas as coisas era um vento de ar negro, e o caos escuro como Erebus".¹⁰

Mas de toda a escuridão surgiu a luz, ao comando divino, e a frase sublime: "Que se faça a luz", é repetida, de forma idêntica,

substancialmente, em todas as histórias antigas da criação.

Assim, também, da escuridão misteriosa da Maçonaria surge a chama plena da luz maçônica. Uma deve preceder a outra como a noite precede a manhã. "Então a noite e a manhã eram o primeiro dia."

O mesmo pensamento é preservado no grande lema da Ordem "Lux e tenebris" - Luz a partir da escuridão. Ele é equivalente a essa outra sentença: Verdade a partir da iniciação. Lux, ou luz, é verdade; tenebrae, ou escuridão, é iniciação.

Essa é a parte mais bela e instrutiva de nosso simbolismo, a ligação entre a escuridão e a luz, e merece investigação profunda.

"As cosmogonias do Gênesis", diz Portal, "mencionam o antagonismo entre luz e escuridão. A forma dessa fábula varia de acordo com cada nação, mas a fundação é igual em todo lugar. Sob o símbolo da criação do mundo ela representa a figura regeneradora e iniciadora.""

Plutarco diz que morrer é ser iniciado no maior dos Mistérios; e a palavra grega TEÀEUTQv, que significa morrer, também significa ser iniciado. Mas preto, que é a cor simbólica da escuridão, é também o símbolo de morte. Novamente, escuridão, como a morte, é símbolo de iniciação. Foi por essa razão que todas as iniciações antigas eram realizadas à noite. A celebração dos Mistérios sempre foi noturna. O mesmo costume prevalece na Maçonaria, e a explicação é a mesma. A morte e a ressurreição foram ensinadas nos Mistérios, como eles aconteciam na Maçonaria. A iniciação era a lição de morte. A total fruição da autópsia, a recepção da luz, a lição de regeneração ou ressurreição.

A luz é, portanto, um símbolo fundamental na Maçonaria. Na verdade, o primeiro símbolo importante que é apresentado ao neófito em suas instruções, e contém em si mesmo a verdadeira essência da Maçonaria Especulativa, que é nada mais do que a contemplação de luz ou verdade intelectual.'²

Índice Sinóptico

A

ABANETE. Avental ou faixa feita de fino linho, confeccionada de várias formas e usada pelo clero judeu. Parece ter sido copiada diretamente dos egípcios, nas representações que eles fizeram dos deuses encontra-se um cinto semelhante. Como o zennaar, ou corda sagrada dos brâhmanes, e o escudo branco dos escandinavos, ele é análogo do avental maçônico.

ABIF. Ver Hirão Abif.

ACEITAÇÃO, RITO DE. Aquela parte da cerimônia de iniciação que consiste na comunicação ao aspirante ou candidato das aporrheta, ou segredos do mistério.

ADÔNIA. Os Mistérios de Adônis, principalmente celebrados na Fenícia e na Síria, tinham a duração de dois dias e comemoravam a morte e a restauração de Adônis. As cerimônias do primeiro dia eram fúnebres, consistiam em lamentações dos iniciados pela morte de Adônis - sua imagem era carregada na procissão. O segundo dia era devotado ao júbilo, à alegria pela ressurreição de Adônis. Em seu espírito e desígnio místico, esses Mistérios possuem bastante semelhança com o terceiro grau da Maçonaria e são citados para mostrar a analogia evidente entre as iniciações antigas e modernas.

ADONIS. Na mitologia, filho de Cíniras e Mirra. Muito amado por Vênus e Afrodite foi assassinado por um porco-do-mato. Quando desceu ao reino de Plutão, Perséfone se apaixonou por ele, levando-a a competir com Vênus por seu amor. Sua ressurreição se estabeleceu, sob a condição de que deveria passar seis meses sobre a terra e seis meses nas regiões inferiores. Na mitologia dos filósofos, Adônis foi um símbolo do sol; mas sua violenta morte, e, subsequente ressurreição, fez dele o análogo de Hirão Abif no

sistema maçônico - identifica o espírito da iniciação em seus Mistérios, o que deveria ensinar a segunda vida a partir do terceiro grau da Maçonaria.

ADORAÇÃO ANIMAL. A adoração de animais é uma espécie de idolatria especialmente praticada pelos antigos egípcios. Eles erguiam templos em sua honra, os alimentavam e cuidavam durante a vida; matar um animal era crime passível de morte. Depois da morte, os egípcios os embalsamavam e enterravam nas catacumbas. Esta adoração derivou, a princípio, da antiga adoração das estrelas, determinadas constelações recebiam nomes de animais. Na tradição egípcia, os deuses ao serem perseguidos por Tífon se camuflavam sob a forma de animais. Na doutrina da metempsicose, havia uma circulação contínua das almas dos homens e animais. Apesar da degradante adoração, um exercício aberto e popular, os sacerdotes ocultavam um simbolismo cheio de conceitos filosóficos que acabaram corrompidos e mal interpretados pelos não iniciados, como é mostrado por Gliddon e citado no texto.

ADORAÇÃO AO HERÓI. A adoração de homens deificados após a morte. Essa é a teoria de alguns escritores, tanto antigos como modernos, de que todos os deuses pagãos já foram seres humanos, e que as lendas e tradições da mitologia eram meros embelezamentos dos atos desses personagens quando vivos. Essa foi a doutrina ensinada por Evêmero entre os antigos, e tem sido mantida entre os modernos por autoridades distintas como Bochart, Bryant, Voss e Banier.

ADORAÇÃO DO SOL. A mais antiga de todas as superstições. Isso prevaleceu especialmente na Fenícia, Caldéia e Egito, então seus traços foram descobertos no Peru e no México. Sua influência foi sentida nos antigos Mistérios e muitas alusões a isso devem ser encontradas no simbolismo da Maçonaria.

AFANISMO (do grego á(paví~cw, ocultar). Em cada uma das iniciações aos antigos Mistérios, havia representações teatrais sobre o desaparecimento de algum herói - cujas aventuras constituíam as lendas dos Mistérios. Relacionada à morte ou ao desaparecimento, essa parte da

cerimônia foi chamada afanismo. A Maçonaria, que baseia seu cerimonial no modelo dos antigos Mistérios, ritualiza seu afanismo no terceiro grau.

ALEGORIA. Discurso ou narrativa usada em sentido figurado, possui significado evidente e oculto; o sentido literal, ou evidente, é pretendido por analogia ou comparação para indicar o figurado ou oculto. Sua derivação do grego *ἀλλοιοῦν* e *ἀλλοίωσις*, dizer algo diferente, ou seja, dizer algo pela linguagem, cujo verdadeiro significado é diferente, expressa exatamente o caráter de uma alegoria. Foi dito no texto que não há diferença essencial entre uma alegoria e um símbolo - não há na forma, mas há no caráter: uma alegoria pode ser interpretada sem qualquer acordo prévio convencional, mas um símbolo não pode. A lenda do terceiro grau ensina que uma alegoria é, evidentemente, para ser interpretada como um ensinamento da ressuscitação. O ramo de acácia é um símbolo de imortalidade da alma. Mas sabemos que este significado foi convencionalmente determinado quando o símbolo se estabeleceu pela primeira vez. Uma alegoria é obscura e imperfeita. O significado enigmático deve ser de fácil interpretação; Lemière, um poeta francês, disse: "L'allégorie habite un palais diaphane" - "A alegoria habita um palácio transparente". Todas as lendas da Maçonaria são mais ou menos alegóricas, e seja qual for a verdade que pode haver em algumas delas sob o ponto de vista histórico, é apenas como alegoria, ou símbolo lendário, que elas importam.

ALGABIL. Um dos nomes do Ser Supremo entre os cabalistas. Significa "o Mestre Construtor" e é equivalente ao epíteto maçônico do "Grande Arquiteto do Universo".

ANDERSON. James Anderson, D.D., é celebrado como o compilador e editor de "As Constituições dos Maçons", publicadas pela ordem da Grande Loja da Inglaterra, em 1723. Uma segunda edição foi publicada por ele em 1738. Logo depois, Anderson morreu, e as várias edições subsequentes foram editadas por outras pessoas. A edição de 1723 se tornou extremamente rara, cópias dela chegaram a preços exorbitantes entre os colecionadores de antigos livros maçônicos. Seu valor intrínseco deriva apenas do fato de que o livro contém a primeira cópia impressa das "Old Charges" (Antigos Deveres), e também dos "Regulamentos Gerais". A

história da Maçonaria que as precede e constitui o conjunto da obra, é fantasiosa, não confiável e pretensiosa a um grau que frequentemente leva ao absurdo. Deve-se muito a Anderson por seu trabalho de reorganização da instituição mas, sem dúvida, os resultados seriam melhores se ele tivesse apenas se contentado em fazer o registro da Grande Loja, de 1717 a 1738, que estão contidos nesta segunda edição, e com a preservação dos deveres e regulamentos, sem que sua aplicação se perdesse. Nenhum escritor maçônico se aventuraria em citar Anderson como autoridade histórica da Ordem no século XVIII. Na republicação dos antigos deveres, editados em 1739, ele fez várias alterações e interpolações importantes, que certamente ofenderam a Grande Loja. Na segunda edição da obra, foi omitida sua autoria.

ANTIGA ARTE DA MAÇONARIA. Os três primeiros graus da Maçonaria; ou seja, Aprendiz, Companheiro e Mestre. Eles são chamados assim porque se supõe que foram praticados pela antiga arte. No acordo entre as duas grandes Lojas da Inglaterra em 1813, foi definido que o grau do Arco Real seria incluído. Se por "antiga arte" entendermos os operários do primeiro templo, a definição estará errada porque o Arco Real não poderia existir antes da construção do segundo templo. Mas se por "antiga arte" entender-se o conjunto de operários que introduziu os ritos da Maçonaria na Europa nos primeiros anos da história da Ordem, então será correto; porque o grau do Arco Real sempre, desde a sua origem até o meio do século XVIII, foi uma parte do grau dos Mestres. A "Antiga Arte da Maçonaria", nos Estados Unidos, geralmente engloba apenas os três primeiros graus.

APORRHETA (do grego ἀπορρητά). As instruções sagradas, nos antigos Mistérios, conhecidas apenas pelos iniciados e que não deveriam ser reveladas ao profanos. Quais são as aporrheta da Maçonaria? Quais são os arcanos dos quais não pode haver revelação? É uma questão que durante anos deu margem para muita discussão entre os discípulos da instituição. Caso a esfera e o número dessas aporrheta sejam consideravelmente estendidas, é evidente que a valiosa investigação e discussão públicas sobre a ciência da Maçonaria será proibida. Por outro lado, se as aporrheta forem restritas a alguns pontos somente, muito da beleza, da perenidade, e da

eficácia da Maçonaria, que dependem de sua organização como uma associação mística secreta, será perdida. Nós ficamos entre Cila e Caríbdes, pois é difícil para um escritor maçônico saber como navegar de forma a, evitando a franca exposição dos princípios da Ordem, não cair nas reticências da obscuridade. Os maçons europeus são muito mais liberais em suas visões de obrigação do que os ingleses e americanos. Há poucas coisas, na verdade, que um escritor maçônico francês ou alemão se recusará a discutir com total franqueza. Começa agora a ser bastante admitido, para o que contribuíram escritores ingleses e americanos, que as únicas aporrheta reais da Maçonaria são os modos de reconhecimento e as cerimônias peculiares e distintivas da Ordem. Com relação a essas últimas afirma-se que demais referências podem ser publicamente feitas somente para propósitos de investigação científica, uma vez que a referência feita com a intenção de manter obscura ao profano poderá ser inteligível apenas ao iniciado.

APRENDIZ. O primeiro grau da Antiga Maçonaria, análogo ao aspirante nos Mistérios Inferiores. Ele é visto como um símbolo de infância, e é considerado uma preparação e purificação para algo superior.

APULEIO. Lúcio Apuleio, escritor latino, nasceu em Medaura, na África, nos reinos dos imperadores Antonino e Marco Aurélio. Seu mais celebrado livro, intitulado "Metamorfoses ou o Asno de Ouro", foi escrito, segundo acredita o Bispo Warburton, com o propósito expresso de recomendação dos antigos Mistérios. Iniciado em muitos deles, suas descrições, especialmente a sua própria no rito de Ísis, no Egito, são muito interessantes e instrutivas, deveriam ser lidas por todos os estudantes da ciência do simbolismo maçônico.

ARCA DA ALIANÇA. Um dos mais sagrados objetos entre os israelitas. Ela foi feita de madeira de sitim, ou acácia, ricamente decorada, com 1,15m de comprimento e 45cm de largura, e continha as duas tábuas de pedra sobre as quais os dez mandamentos foram entalhados, o pote dourado que continha o maná e o cajado de Aarão. Ela foi colocada no santo dos santos, primeiro dos tabernáculos, e então no templo. Sua história é tanto maçônica como escriturai. A idéia foi evidentemente emprestada dos egípcios, em

cujos ritos religiosos um cofre ou caixa-forte deve ser encontrado. Heródoto menciona vários exemplos. Falando do festival de Papremis, ele diz (II. 63) que a imagem de Deus foi mantida em um pequeno santuário de madeira entalhada, coberta com placas de ouro, carregado em uma procissão de sacerdotes e do povo do templo a um segundo prédio sagrado. Entre as esculturas, há os baixos relevos da Arca de Ísis. A maior cerimônia religiosa dos egípcios foi a procissão dos santuários mencionados na pedra de Roseta, que geralmente são descritos nas esculturas. Esses santuários eram de dois tipos: um canopo e uma arca ou barco sagrado, chamado de grande santuário. Ela foi carregada nos ombros dos sacerdotes por meio de varas passadas por anéis laterais, levada ao templo e depositada em um suporte. Algumas dessas arcas continham, diz Wilkinson (Anotações a Herodes II. 58, nº 9), os elementos de vida e estabilidade e o sagrado escaravelho do sol, sombreado pelas asas de duas figuras de deusas Thmei. Em todas as citações denota-se o símbolo da arca judaica. A introdução da arca nas cerimônias da Maçonaria, evidentemente, se dá em referência à sua perda e recuperação; seu simbolismo deve ser interpretado como ligado à idéia maçônica de perda e recuperação, que sempre alude a uma perda de vida e uma recuperação de imortalidade. No primeiro templo dessa vida a arca é perdida; no segundo templo da vida futura ela é recuperada. Assim, a arca da aliança é um dos muitos símbolos maçônicos de ressurreição.

ARQUÉTIPO. O principal tipo, figura, padrão, ou exemplo, através do qual e sobre o qual uma coisa é formada. Na ciência do simbolismo, o arquétipo é aquilo que é adotado como símbolo, de onde a idéia simbólica é derivada. Costuma-se dizer que o templo é o arquétipo da loja, porque a primeira é o símbolo cujo significado (templo) a última é derivado.

ARQUITETURA. A arte que ensina o método adequado para a construção de edifícios públicos e privados. É para a Maçonaria o *ars artium*, a "arte das artes", pois a instituição - com a presente organização - deve a ela sua origem. A arquitetura da Maçonaria está toda relacionada à construção de edifícios públicos, principalmente de locais sagrados ou religiosos - templos, catedrais, igrejas. Para a Maçonaria, o templo de Salomão é o arquétipo de seus demais edifícios. Muito do simbolismo da instituição é extraído da arte da arquitetura. Embora os aprimoramentos da

arquitetura dos Gregos e Romanos sejam reconhecidas, é nas três ordens antigas, a Dórica, a Tônica e a Coríntia onde a Maçonaria simboliza sua ciência. Não há em sua simbologia algo ligado à composição Toscana.

ARTE REAL. A Maçonaria é assim chamada porque se supõe que ela tenha sido encontrada por dois reis - os reis de Israel e Tiro - e por causa disso, ela foi subsequenteiramente encorajada e financiada pelos monarcas em todos os países.

ARTES E CIÊNCIAS LIBERAIS. No século XVII, e por muitos séculos depois, todo aprendizado da ordem se baseou naquilo que foi chamado de as sete artes e ciências liberais: a Gramática, a Retórica, a Lógica, a Aritmética, a Geometria, a Música e a Astronomia. O epíteto "liberal" é uma tradução bastante justa do *ingenuus* do latim, que significa nascido livre. Cícero fala de artes ingênuas, ou as artes compatíveis com o homem nascido livre; enquanto Ovídio profere as seguintes palavras bastante conhecidas: "*Ingenuas didicisse fideliter artes / Emollit mores nec sinit esse feros*" ("Estudar cuidadosamente as artes liberais / refina as maneiras, e nos impede de ser ignorantes"). Phillips, em seu "*Novo Mundo dos Mundos*" (1706), define as artes e ciências liberais como "aquelas que são adequadas a cavalheiros e acadêmicos, como a mecânica e o trabalho manual é às pessoas pobres". Como os maçons são requisitados para balizar a livre compreensão, percebemos que as artes e os símbolos dos homens nascidos livres também foram incorporados por eles. O sistema da Maçonaria derivou sua forma e organização dos tempos em que o estudo das artes e ciências constituía o trabalho dos mais sábios homens, daqueles que foram apropriadamente adotados como símbolo da perfeição do aprendizado humano.

ARTÍFICES DIONISÍACOS. Associação de arquitetos que possuíam o exclusivo privilégio de erguer templos e outros edifícios públicos na Ásia Menor. Distintos dos habitantes não iniciados pela posse de sinais peculiares de reconhecimento, e pelo caráter secreto de sua associação, eram intimamente ligados aos Mistérios Dionisíacos. Acredita-se que forneceram os construtores que ergueram o templo de Salomão.

ASHLAR. Na linguagem dos construtores, pedra tirada das pedreiras.

ASHLAR BRUTO. Pedra em estado bruto e natural. Na Maçonaria, símbolo do natural estado de ignorância dos homens. Mas se o ashlar for perfeito, em referência ao modo de preparação, considera-se um símbolo do caráter social da Maçonaria - o ashlar bruto deve ser considerado símbolo do mundo profano. Partindo dessa simbologia, os ashlars bruto e perfeito possuem a mesma relação que a ignorância tem com o conhecimento, a morte com a vida, e a luz com a escuridão. O ashlar bruto é o profano enquanto o ashlar perfeito é o iniciado.

ASHLAR PERFEITO. Pedra que foi talhada, lapidada e polida, adequada para ser usada na construção. Maçonicamente, um símbolo do estado de perfeição alcançado por meio da educação. Como o objetivo da Maçonaria Especulativa é produzir o estado de perfeição, ele pode ser considerado, de acordo com esse ponto de vista, um símbolo do caráter social da instituição maçônica.

ASHMOLE, ELIAS. Célebre antiquário da Inglaterra, nascido em 1617, escreveu uma autobiografia, ou melhor, um diário de sua vida. Em 16 de outubro de 1646, ele fez o seguinte registro: "Eu fui ordenado maçom em Warrington, em Lancashire, com o Cel. Henry Mainwaring, de Carticham, em Cheshire; os nomes dos que estiveram na Loja: Richard Penket, o guardião; James Collier, Richard Sankey, Henry Littler, John Ellam e Hugh Brewer". Trinta e seis anos depois, em 10 de março de 1682, ele faz o seguinte registro: "Recebi uma convocação para comparecer a Loja no próximo dia 11, no Masons' Hall, em Londres. Por volta do meio-dia fui admitido como Companheiro Maçom, por Sir William Wilson, Cavaleiro, Capitão Richard Borthwick, William Woodman, William Grey, Samuel Taylour e William Wise. Eu era o companheiro senior entre eles (tendo se passado 35 anos desde que fui admitido); ao meu lado estavam presentes os companheiros Thomas Wise, mestre da Masons' Company deste ano; Thomas Shorthose, Thomas Shadbolt, Waidsford, escudeiro, Nicholas Young, John Shorthose, William Hamon, John Thompson e William Stanton. Todos comemos na Taverna HalfMoon, em Cheapside, em um jantar nobre preparado à custa dos recém-aceitos maçons". Os títulos de

algumas pessoas nomeadas nessas duas recepções confirmam o que é dito no texto, que o operativo foi naquele tempo sendo sobrepujado pelo elemento especulativo. É extremamente lamentável a compreensão de Ashmole acerca da história da Maçonaria, da qual diz ter recolhido abundante material. Sua História da Ordem Jarreteira mostra o que nós devemos esperar com relação ao tratamento dado à instituição maçônica.

ASPIRANTE. Aquele que aspira ou busca a verdade. É o título dado ao candidato nos antigos Mistérios.

ATHELSTAN. Rei da Inglaterra, ascendeu ao trono em 924. Anderson cita nas antigas constituições que ele encorajou os maçons, havendo recrutado muitos da França e de outros lugares. Durante o seu reinado, em 926, a célebre Assembléia Geral da Arte foi realizada na cidade de York, tendo o príncipe Eduardo, o irmão do rei, como Grão-Mestre, ali foram criadas novas constituições. O Rito de York data a sua origem dessa assembléia.

AUM. O nome trilateral de Deus nos mistérios brahmânicos, equivalente entre os hindus ao tetragramaton dos judeus. Em um dos puranas, ou livros sagrados dos hindus, diz-se que: "Todos os ritos ordenados nos Vedas, os sacrifícios do fogo, e todas as outras purificações solenes morrerão; mas aquela que nunca morrerá é a palavra AUM, pois este é o símbolo do Senhor de todas as coisas."

AUTÓPSIA (do grego aúTO4Jía, ver com os próprios olhos). Significa a comunicação completa dos segredos nos antigos Mistérios, quando o aspirante é admitido no sacellum, ou lugar mais sagrado, pelo Hierofante com todas aporrheta, ou coisas sagradas, que constituem o conhecimento perfeito do iniciado. Cerimônia semelhante na Maçonaria é chamada de Rito de Aceitação.

B

BABEL. A narrativa bíblica da dispersão da humanidade em consequência da confusão das línguas em Babel foi incorporada à história

da Maçonaria. O texto mostra que os princípios puros e abstratos da Maçonaria Primitiva, semelhante ao que conta a bíblia, foram preservados por Noé e seus descendentes imediatos; e também que, como consequência da dispersão, os mesmos princípios se perderam ou foram bastante corrompidos pelos gentis, povo que não foi influenciado pelos ensinamentos do grande patriarca. Há nos velhos rituais uma fórmula do terceiro grau, preservada em alguns lugares até os dias de hoje, que professa o candidato ter surgido da torre de Babel, onde a linguagem foi confundida e a Maçonaria perdida, e que ele está viajando sobre a eira de Ornã, o Jebusita, onde a linguagem foi restaurada e a Maçonaria encontrada. Uma leitura atenciosa das proposições XIX, estabelecidas no capítulo anterior desta obra, fornecerá ao leitor uma chave para a interpretação desta fórmula. Os princípios da Maçonaria Primitiva do antigo clero foram corrompidos ou perdidos em Babel pela deserção de uma parte da gente de Noé, o conservador daqueles princípios. Muito depois, os descendentes dessas pessoas reuniram-se com os representantes de Noé no templo de Salomão, cujo local foi a eira de Ornã, o Jebusita, e que foi comprado por Davi; quando os princípios perdidos foram restaurados pela união dos maçons espúrios de Tiro com os maçons primitivos de Jerusalém. Isso explica a última cláusula da fórmula.

BACO. Um dos "muitos nomes" do deus Dionísio. Filho de Júpiter e Sêmele foi para os gregos Dionísio, para os romanos Baco.

BRAHMA. Na mitologia dos hindus há um trimurti, ou trindade, o Ser Supremo que se manifesta de três formas: como Brahma, o Criador; Vishnu, o Preservador; e Shiva, o Destruidor. A cabeça unida desse deus é um símbolo do sol. Brahma simboliza o sol nascente, Shiva o sol em seu auge e Vishnu o sol poente.

BRANCO. Símbolo de inocência e pureza. Entre os pitagóricos era o símbolo do princípio positivo da natureza, equivalente à luz.

BRUCE. A introdução da Maçonaria na Escócia foi atribuída por alguns escritores ao Rei Robert Bruce, ao que parece, por estabelecer em 1314 a Ordem de Heredom, para a recepção dos Cavaleiros Templários que se refugiavam em seus domínios das perseguições do Papa e do Rei da França.

Lawrie, que é uma grande autoridade da Maçonaria escocesa, não parece, no entanto, creditar qualquer valia a essa narrativa. Seja lá o que Bruce tenha feito pelos graus superiores, não há dúvida de que a Antiga Maçonaria foi introduzida na Escócia em um período mais remoto. Ver Kilwinning. Embora o texto esteja certo em fazer de Bruce um dos patronos e encorajadores da Maçonaria escocesa.

BRYANT. Jacob Bryant, um distinto antiquário inglês freqüentemente citado por sua obra, nasceu em 1715 e morreu em 1804. Sua criação mais celebrada é "Um Novo Sistema de Mitologia Antiga", escrito entre 1773 e 1776. Embora seu caráter demasiado conjectural seja discutível, ela contém uma riqueza de detalhes sobre a simbologia da instituição e pode ser consultado antecipadamente pelo estudante maçônico.

BUNYAN, JOHN. Conhecido autor do "Processo do Peregrino", viveu no século XVII e foi o mais celebrado escritor alegórico da Inglaterra em seu tempo. Sua obra intitulada "Templo de Salomão Espiritualizado" fornecerá ao estudante do simbolismo maçônico muitas valiosas sugestões.

C

CABALA. Filosofia mística do povo judaico. A palavra, derivada de uma raiz hebraica que significa receber, algumas vezes foi usada em um sentido mais amplo, compreendendo todas as explicações, máximas e cerimônias que foram tradicionalmente realizadas pelos judeus. Numa definição mais limitada, e que está intimamente conectada com a ciência simbólica da Maçonaria, a cabala pode ser compreendida como um sistema filosófico que engloba determinadas interpretações místicas das Escrituras e especulações metafísicas concernentes à Divindade, ao homem e aos seres espirituais. Nessas interpretações e especulações, de acordo com os estudiosos, foram abordadas as mais profundas verdades religiosas, que para serem compreendidas pelos seres finitos, precisam ser reveladas por meio de símbolos e alegorias. Buxtorf (Lex. Talrn.) define a Cabala como uma ciência secreta que trata de uma maneira mística e enigmática as coisas divinas, angelicais, teológicas, celestiais e metafísicas, envolvendo os assuntos em símbolos evidentes e formas secretas de ensinamento.

CABALISTA. Filósofo judeu que entende e ensina as doutrinas da Cabala, ou a filosofia judaica.

CABIRI. Deuses cuja adoração remonta a Ilha de Samotrácia, onde os Mistérios cabíricos foram praticados até o início da era cristã. Seriam quatro - alguns supunham se referir a Noé e seus três filhos. Nos Mistérios houve uma lenda da morte e ressurreição de Atys, o filho de Cibele. O candidato representava Cadmillus, o mais jovem cabírico, que foi assassinado pelos três irmãos. A lenda dos Mistérios cabíricos, que costumeiramente é explicada a partir das questionáveis alusões de autores antigos, foi em espírito e propósito bastante análoga à do terceiro grau da Maçonaria.

CAIRNS. Montes de pedra com forma cônica, erguidos pelos druidas. Alguns supõem que foram monumentos sepulcrais, outros altares. Parte do instrumental religioso, os fogos sacrificiais eram acesos sobre eles, também as procissões aconteciam no entorno desses montes -procissões que eram análogas às circumambulações da Maçonaria e conduzidas, como elas, com referência ao curso aparente ao sol.

CARTA PATENTE DE COLÔNIA. Documento maçônico de grande importância, mas de autenticidade questionável, celebra ou afirma o desígnio e os princípios da Maçonaria, possivelmente lançada em 1535, em uma convenção de maçons reunida na cidade de Colônia. O original está escrito em língua latina. Os proclamadores da autenticidade do documento reivindicam que ele foi encontrado no cofre de uma Loja em Amsterdã em 1637, e depois passou de mão em mão até que, no ano de 1816, o Príncipe Frederico de Nassau o recebeu de presente, passando daí a se tornar conhecido no mundo maçônico. Há também outras argumentações que o tem como uma falsificação, perpetrada no ano de 1816. Como o manuscrito Leland, a veracidade desse documento é uma das questões que atormentam a história literária maçônica, sobre a qual tantas dúvidas foram lançadas, talvez isso nunca seja satisfatoriamente esclarecido. Para traduzir a carta patente, e suas notas bastante explanatórias, o autor desta obra referencia o leitor à Revisão Trimestral Americana da Maçonaria, vol. II. p. 52.

CERES. Deusa da agricultura entre os romanos; na Grécia, de forma poética, ela se tornou Deméter, o símbolo da terra prolífica. Ver Deméter.

CERIMÔNIAS. Vestimentas que cobrem e adornam a Maçonaria como a roupa faz com o corpo humano. Embora as cerimônias não dêem vida nem verdade às doutrinas ou princípios, elas exercem influência admirável, pois, ao serem usadas, determinadas coisas são feitas para adquirir o caráter sagrado que não teriam; Lord Coke disse sabiamente que "a prudente antiguidade fez mais solenemente e melhor pela memória e pela observação do que deve ser feito pelas substâncias expressas nas cerimônias".

CIRCUMAMBULAÇÃO. A cerimônia de perambular pela Loja ou de girar em procissão ao redor do altar, universalmente praticada nas antigas iniciações e outras cerimônias religiosas, era caracterizada pelo posicionamento dos iniciados para que sempre mantivessem o altar ao seu lado direito. Rito que simboliza o aparente curso diário do sol - de leste para oeste pelo sul -, deriva da antiga adoração ao sol.

CIVILIZAÇÃO. A Maçonaria é um resultado da civilização, pois não existe em estado social selvagem ou bárbaro; provando ser, em troca, por seus princípios sociais e morais, um meio de estender e elevar a civilização que deu origem a ela. A Maçonaria é um tipo de civilização, possui a mesma relação com o mundo profano que a civilização tem com o estado selvagem.

COBERTURA DA LOJA. Sob o nome técnico de "abóbada celeste ou céu estrelado", simboliza o mundo futuro, a Loja celestial superior, que o G.A.D.U. sempre preside, constitui o "país estrangeiro" que todos os maçons esperam alcançar.

COLÉGIOS DE ARTÍFICES. O Collegia Fabrorum, ou Colégios de Operários, foi estabelecido em Roma por Numa, tinha como propósito distribuir todos os artesãos da cidade em empresas ou colégios, de acordo com suas artes e interesses. Assemelhado às corporações modernas, ou guildas, propagou-se na Idade Média. A regra estabelecida por seu fundador, que vinculava a existência do colégio à reunião de "três

empresas" - "tresfaciunt collegium" -, foi mantida nos regulamentos do terceiro grau da Maçonaria para instituição de uma Loja, também contém outras analogias.

COLÔNIA, CARTA PATENTE DE. Ver Carta Patente de Colônia.

COMPANHEIRO. O segundo grau da Antiga Maçonaria, análogo aos mistes nos antigos Mistérios, é simbolizado por um jovem partindo na jornada da vida.

CONSAGRAÇÃO. A apropriação ou dedicação, através de determinadas cerimônias, de qualquer coisa aos propósitos ou ofícios sagrados, separando-a do uso comum. As Lojas maçônicas, assim como os antigos templos e as igrejas modernas, sempre foram lugares consagrados. Hobbes, em seu *Leviatã* (p. IV. c. 44), dá a melhor definição dessa cerimônia: "Nas Escrituras, consagrar é oferecer, dar ou dedicar, em linguagem e postura devotada e decente, um homem, ou qualquer outra coisa, a Deus, separando-o de seu uso comum".

CONSTRUTOR. O arquiteto-chefe do templo de Salomão geralmente é chamado de "o Construtor". Mas a palavra é também aplicada ao ofício; pois cada maçom especulativo é muito mais construtor do que foi seu predecessor operativo. Um escritor americano (F.S. Wood, de Arkansas) alude a esta idéia simbólica: "Maçons são os chamados construtores morais. Em seus rituais eles declaram ser nobre e glorioso talhar pedras e cortar madeira, ajustando a natureza imortal à construção espiritual que não feita com as mãos, que é eterna nos céus". Ele acrescenta: "O construtor edifica durante um século; os maçons, para a eternidade". No mesmo sentido, "o Construtor" é o título mais nobre que se pode atribuir a um maçom.

CORDEIRO. Símbolo de inocência muito antigo.

CREUZER. George Frederick Creuzer, nascido na Alemanha em 1771, foi professor na Universidade de Heidelberg, tendo se dedicado ao estudo das antigas religiões, e com profundo conhecimento, estabeleceu um sistema peculiar sobre o assunto. Muitas de suas perspectivas foram adotadas no texto desta obra. Sua teoria afirmava que a religião e a

mitologia dos antigos gregos foram emprestadas de um povo ainda mais antigo - um grupo de sacerdotes vindo do Oriente - que os recebeu por meio de uma revelação. Os mitos e tradições desse povo antigo, adotados por Hesíodo, Homero e pelos antigos poetas, embora sem nenhum entendimento por parte deles, foi finalmente preservado nos Mistérios e se tornaram temas de investigação para os filósofos. Creuzer desenvolveu essa tese em sua mais importante obra, *Symbolik und Mythologie der alten 1/ölker, besonders der Griechen*, que foi publicada em Leipzig, no ano de 1819. Não há tradução para o português, mas Guigniaut publicou em Paris, em 1824, uma paráfrase dela, sob o título de *"Religions de l'Antiquité considérées principalement dans leur Formes Symboliques et Mythologiques"*. As percepções de Creuzer elucidam bastante a história simbólica da Maçonaria.

CRUZ. Nenhum símbolo foi tão universalmente difundido em um período inicial como a cruz. Ela era, disse Faber (Cabir. II. 390), um símbolo por todo mundo pagão bem antes de se tornar um objeto de veneração aos cristãos. Na antiga simbologia, foi um símbolo de vida eterna. M. de Mortillet, que em 1866 publicou a obra *Le Signe de la Croix avant le Christianisme*, encontrou nas primeiras eras três símbolos principais de ocorrência universal: o círculo, a pirâmide, e a cruz. Leslie (A Origem e o Destino do Homem, p. 312), citando em referência à antiga adoração da cruz, diz: "Ela parece ter sido uma adoração de uma natureza tão peculiar que exclui a adoração de ídolos". A santidade deste símbolo crucial pode ser a razão pela qual sua forma foi adotada de maneira geral, especialmente pelos celtas na construção de seus templos, embora eu tenha admitido no texto a opinião comum de que nos templos em forma de cruz os quatro braços da cruz se referiam aos quatro elementos. Mas em uma obra muito interessante - *Os Mitos do Novo Mundo* (N.Y., 1863) - Brinton designa outro simbolismo. "O símbolo", diz o escritor, "que além de todos os outros fascinou a mente humana, a cruz, encontra aqui sua fonte e seu significado. Acadêmicos apontaram sua santidade em muitas religiões naturais, e a aceitaram reverentemente como um mistério, ou ofereceram grandes quantidades de polêmicas, e geralmente de interpretações falsas. Ela não passa de outro símbolo dos quatro pontos cardinais, dos quatro cantos da terra. O que luminosamente aparecerá em um estudo de seu uso e

significado na América" (p. 95). Brinton dá muitos exemplos do uso religioso da cruz por várias tribos aborígenes do continente americano, onde a alusão, deve-se confessar, parece evidentemente ser aos quatro pontos cardeais, aos quatro cantos ou aos quatro espíritos, da terra. É provável que uma referência semelhante tenha sido adotada pelos celtas e por outros povos antigos, então te ríamos no templo cruciforme na mesma medida um simbolismo do mundo, do qual os quatro pontos cardeais constituem as fronteiras, como temos no quadrado, a forma cúbica e a circular.

CTEIS. Uma representação do órgão reprodutor feminino. Sempre esteve acompanhada simbolicamente do Falo, e tal como ele, foi bastante venerada pelas nações da antiguidade. É também um símbolo dos poderes prolíficos da natureza. Ver Falo.

CUBO. Figura geométrica formada por seis lados iguais com seis ângulos iguais, é representado graficamente pelo quadrado solidificado. Entre os antigos, assim como na Maçonaria, simbolizava a verdade.

D

DEFINIÇÃO DE MAÇONARIA. A definição citada no texto, de que ela é uma ciência da moralidade, velada em alegoria e ilustrada por símbolos, é a transmitida nas leituras inglesas. Uma definição mais abrangente e exata é a de que ela é uma ciência engajada na busca pela verdade divina.

DEMÉTER. Adorada pelos gregos como o símbolo da fertilidade da terra, ela foi a Ceres dos romanos. A ela é atribuída à instituição dos Mistérios de Elêusis na Grécia, a mais popular de todas as iniciações antigas.

DESCALCEAMENTO, RITO DE (do latim discalceare). A cerimônia de descalçamento dos pés, ou da retirada dos sapatos, é um símbolo de reverência. Ver Pés Nus.

DEUS, NOME DE. Ver Nome.

DIONÍSIO (Baco). Mitologicamente representado como filho de Zeus e Sêmele, em seus Mistérios, era identificado com Osíris e considerado o sol. Seus Mistérios prevaleceram na Grécia, Roma e Ásia, e foram celebrados pelos artífices dionisiacos - os construtores que se uniram aos judeus na edificação do templo do Rei Salomão. Símbolo proeminente nos Mistérios antigos, é de vital interesse ao estudante maçônico.

DISSOCIAÇÃO. A dissociação dos elementos operativos e especulativos da Maçonaria ocorreu no início do século XVIII.

DUALISMO. Doutrina mitológica e filosófica que supõe o mundo ter sempre sido governado por dois princípios antagonistas, distintos entre si, o bem e o mal. Em todas as religiões orientais, a mesma doutrina é notada. Suas influências também são vistas no sistema da Maçonaria Especulativa, que foi desenvolvida no simbolismo de Luz e Escuridão.

E

EGITO. O Egito foi considerado o berço não apenas das ciências, mas das religiões do mundo antigo. Embora sob regime monárquico, com um rei nominalmente à frente do estado, quem o governava eram realmente os sacerdotes, os únicos depositários do aprendizado, os únicos a tomar conhecimento dos formulários religiosos que regiam o Egito e que controlavam todas as ações públicas e privadas da vida de seus habitantes.

ELEFANTA. Uma ilha da Baía de Bombay, célebre pelas cavernas estupendas artificialmente escavadas em rocha sólida, muito apropriadas às iniciações nos Mistérios indianos antigos.

EPOPTA (do grego ἑπὶ τὸ ὄμα, uma testemunha ocular). Aquele que, sendo iniciado nos Grandes Mistérios do paganismo, viu as aporrheta.

ESCADA. Símbolo do avanço progressivo de uma esfera inferior a superior, comum na Maçonaria e em muitos, senão em todos, antigos Mistérios.

ESCADA TEOLÓGICA. A escada simbólica dos Mistérios maçônicos. Refere-se à mesma figura observada por Jacó em sua visão. É formada, como todas as escadas simbólicas, por sete degraus que representam os quatro pontos cardeais e as três virtudes teológicas.

ESCURIDÃO. Símbolo bastante universal entre todas as nações da antiguidade, representa a falsidade e a ignorância. Nas iniciações antigas, o aspirante era colocado na escuridão por períodos diferentes: entre os druidas por três dias, entre os gregos por 27 dias, e nos Mistérios de Mitrás por 50 dias. Em todos eles, assim como na Maçonaria, a escuridão simboliza a iniciação não completa.

ESSÊNIOS. Sociedade ou seita judaica que combinava o trabalho com os exercícios religiosos. Organização que partilhou de um caráter secreto e foi considerada descendente dos construtores do templo de Salomão.

EUCLIDES. A lenda maçônica que se refere a Euclides nem sempre tem fundamentação histórica, mas, ainda assim, é um mito filosófico que pretende transmitir uma verdade maçônica.

EURESE (do grego Eüpeia, uma descoberta). Parte da iniciação nos antigos Mistérios que representava a descoberta do corpo de deus ou do herói, cuja morte foi o assunto da iniciação. A euresis foi adotada na Maçonaria, e constitui uma parte essencial do ritual do terceiro grau.

F

FABER. As obras do Reverendo G. S. Faber sobre a Origem da Idolatria Pagã, e sobre o Cabiri, são contribuições valiosas à ciência da mitologia. Elas abundam em questões de interesse ao investigador do simbolismo e da filosofia maçônicas, mas devem ser lidas com cuidadosa visão teórica da preconcebida pelo sábio autor. Para ele, tudo, nas religiões antigas, está relacionado às influências do cataclismo noaquida, e à adoração da arca, que ele supõe ter resultado dessa idolatria.

FALO. Uma representação do membro viril que foi venerada como símbolo religioso muito universalmente, e sem a menor lascívia, pelos

antigos. Retrata uma das modificações da adoração ao sol, um símbolo do poder fecundante daquele corpo luminoso. O ponto maçônico com um círculo é sem dúvida de origem fálica.

FETICHISMO. A adoração de ídolos grosseiros e deformados, praticada apenas pelos povos menos instruídos e mais humildes, possivelmente entre algumas das menos civilizadas tribos da África. "Seus fetiches", diz Du Chaillu, falando de algumas cenas africanas, "consistiam de dedos e rabos de macacos; de cabelo, pele, dentes e ossos humanos; de barro, unhas velhas, correntes de cobre; conchas, penas, bicos e crânios de pássaros; pedaços de ferro, de cobre ou madeira; sementes de plantas; cinzas de várias substâncias; e eu não posso dizer do que mais". África Equatorial, p. 93.

FILHO DA VIÚVA. Um epíteto atribuído ao arquiteto chefe do templo, porque ele era "filho de viúva da tribo de Naftali". 1. Reis VII. 14.

FILHOS DE LUZ. Maçons são assim chamados porque Lux, ou Luz, é um dos nomes da Maçonaria Especulativa.

FILOSOFIA DA MAÇONARIA. Os dogmas ensinados no sistema maçônico constituem sua filosofia. Eles consistem na contemplação de Deus como único e eterno, e do homem como imortal. Em outras palavras, a filosofia da Maçonaria inculca a unidade de Deus e a imortalidade da alma.

G

GÓLGOTA. Em hebraico e siríaco significa crânio; um nome do Monte Calvário, assim chamado, provavelmente, porque ser um lugar de execução pública. Em latim Calvaria, ou Monte Calvário, também significa crânio.

H

HELENISMO. A religião dos helênicos (antigos gregos) que sucedeu, de imediato, os pelagianos no estabelecimento do país. Em consequência da

introdução do elemento poético, o helenismo era mais refinado que a antiga adoração pelágica que substituiu. Seus mitos foram mais filosóficos e menos grosseiros que os da religião a qual sucedeu.

HIEROFANTE (do grego ἱερός, santo, sagrado, e παύω mostrar). Aquele que instrui nas coisas sagradas; aos iniciados nos antigos Mistérios, o explicador das aporrhetas, ou doutrinas secretas. Oficial presidente, seu posto e obrigações eram análogos aos do Mestre de uma Loja maçônica.

HIRÃO ABIF. O arquiteto do templo de Salomão. A palavra "Abif" significa em hebraico "seu pai", e é usada pelo escritor de Se gundas Crônicas (IV. 16) quando ele diz: "Hirão seu pai [no original Hirão Abif] fez essas coisas pelo Rei Salomão." A lenda referente a ele não tem valor além da narrativa, mas possui grande importância do ponto de vista simbólico, ilustrando uma grande verdade filosófica e religiosa: o dogma da imortalidade da alma. Hirão Abif é o símbolo do homem no sentido abstrato, ou da natureza humana, desenvolvido para esta vida e para a futura.

HIRÃO, O CONSTRUTOR. Um epíteto de Hirão Abif. Para o completo significado do termo ver a palavra Construtor.

HOMEM. Repetidamente referido por Cristo e os apóstolos como o símbolo de um templo.

HUTCHINSON, WILLIAM. Escritor maçônico inglês que viveu no século XVIII; é autor de Espírito da Maçonaria, publicado em 1775, a primeira obra em inglês de alguma importância que buscou interpretar cientificamente os símbolos da Maçonaria; na verdade, sua obra é a primeira tentativa de qualquer tipo de tratar a Maçonaria como uma ciência simbólica. Hutchinson, contudo, prejudicou o valor de seus trabalhos com as afirmações de que a instituição é exclusivamente cristã em seu caráter e propósito.

IMORTALIDADE DA ALMA. Um dos dois dogmas religiosos sempre ensinados na Maçonaria Especulativa; também foi ensinado como uma proposição abstrata pelo antigo clero da Maçonaria Pura ou Primitiva da antiguidade, em todos os Ritos e Mistérios da antiguidade. Nos antigos Mistérios, ou na Maçonaria Espúria dos antigos, foi transmitida à mente do iniciado por uma representação cênica.

INVESTIDURA, RITO DE. Parte da cerimônia de iniciação que consiste em vestir o candidato maçonicamente. É um símbolo de pureza.

ISH CHOTZEB (em Hebraico x'vn o talhador de pedras). Os Companheiros no templo de Salomão. (2 Crôn. II. 2.).

ISH SABAL (em Hebraico K't'o.5, o carregador de carga). Os Aprendizes no templo de Salomão. (2 Crôn. II. 2.).

J

JEOVÁ (em hebraico 'rnn). O incomunicável ou inefável nome de Deus. O chamado "nome das quatro letras", o tetragramaton, ou nome de quatro letras.

JURAMENTO DE SIGILO. Frequentemente administrado ao candidato nos antigos Mistérios.

L

LEBRE. Entre os egípcios a lebre era um hieróglifo com o significado olhos que estão abertos, foi o símbolo de iniciação aos Mistérios de Osíris. A palavra hebraica para lebre é arnabet, composição de duas palavras que é traduzida como contemplar a luz. A ligação das idéias é aparente.

LEI ORAL. A lei oral dos judeus seria o comentário e a interpretação dos escritos contidos no Pentateuco; tradição que foi entregue a Moisés acompanhada pelo mandamento divino: "Vós não deveis divulgar as palavras que eu vos disse pela minha própria boca." A lei oral nunca foi registrada em livros, mas acabou preservada nas memórias dos judeus, profetas, sacerdotes e homens sábios, transmitida de uns para os outros

através de uma longa sucessão das eras. Depois da destruição de Jerusalém pelos romanos sob Adriano, em 135 d.C., e da dispersão final dos judeus, achava-se que a lei oral se perderia, então ela foi escrita, constituindo o texto do Talmude.

LENDA. Uma narrativa, seja falsa ou verdadeira, foi tradicionalmente preservada desde o tempo de sua primeira comunicação oral; esta é a definição de uma lenda maçônica. Os autores das Conversações - Lexicon, referindo-se às monásticas Vidas dos Santos que se originaram nos séculos XII e XIII - dizem que o título lenda foi dado a todas as ficções que tinham argumentos verdadeiros. Tal observação, embora possa ser verídica - em referência às narrativas monásticas que eram freqüentemente inventadas como exercícios eclesiásticos -, de forma alguma pode ser aplicável às lendas da Maçonaria. Na instituição elas não são necessariamente fictícias, mas baseadas em fatos reais e históricos que foram levemente modificados - ou são o resultado e a expansão de alguma idéia simbólica totalmente divergente das lendas monásticas que foram, na maioria das vezes, criadas apenas a partir da fértil imaginação de alguns monges estudiosos.

LENDA DO TERCEIRO GRAU. História mítica que, em todas as suas manifestações, está ampla e verdadeiramente misturada à ficção. Trata-se do mais importante e significativo dos símbolos lendários da Maçonaria. Resistiu à sucessão das eras pela tradição oral preservado em cada rito maçônico. Nenhuma alteração essencial da lenda do terceiro grau foi feita em qualquer sistema maçônico, mas as interpretações que recebeu foram variadas; a mais geral diz que ela é um símbolo da ressurreição e da imortalidade da alma. Alguns escritores continentais supuseram que seria um símbolo da queda da Ordem dos Templários e de sua esperada restauração. Em alguns de seus graus mais filosóficos acreditava-se que fosse um símbolo dos sofrimentos, da morte e ressurreição de Cristo. Hutchinson identificava nela a simbologia da decadência da religião judaica e a ascensão do cristão em suas ruínas. Oliver afirma que ela se refere simbolicamente ao assassinato de Abel, à morte de nossa raça por meio de Adão e sua ressuscitação em Cristo. Ragon via nessa lenda a simbologia do sol cujo vigor é furtado pelos três meses de inverno e restaurado ao poder gerador pela primavera. Por fim, em Des Etangs ela representa a razão

eterna, cujos inimigos são os vícios que depravam e finalmente destroem a humanidade. Nenhuma dessas interpretações, exceto a primeira, podem ser sustentadas.

LESTE. O lugar do céu onde o sol nasce; fonte da luz material a qual figurativamente se aplica a idéia de luz intelectual e que foi adotado como símbolo da Ordem da Maçonaria. Seu simbolismo é fortalecido pelo fato de que o aprendiz mais antigo veio do leste e nunca esteve viajando para o oeste. Na Maçonaria, o leste sempre foi considerado o mais sagrado dos pontos cardeais, por ser o lugar onde a luz é gerada; originalmente se refere à religião primitiva ou à adoração ao sol. Na Maçonaria significa especialmente o leste de onde um clero antigo disseminou a verdade ao iluminar o mundo; por conseqüência, o leste é maçonicamente chamado de "lugar de luz".

LINGAM. Chamado pelas nações indianas do Oriente como Falo. Ver Falo.

LINHAS PARALELAS. Referem-se aos pontos solsticiais de Câncer e Capricórnio, no zodíaco. Também têm relação com as linhas que cruzam a circunferência no símbolo do ponto dentro de um círculo, representariam São João Batista e São João Evangelista.

LOJA. Local onde os maçons se reúnem, onde se hospeda a congregação de maçons. A palavra é derivada das Lojas ocupadas pelos maçons viajantes da Idade Média. Ela é um símbolo do mundo, ou do universo. Sua forma retangular simboliza a suposta forma como os antigos enxergavam o mundo.

LUSTRAÇÃO. Purificação por meio da lavagem das mãos ou do corpo em água consagrada, comumente praticada nos antigos Mistérios. Ver Purificação.

LUVAS. No continente europeu, no momento em que eles eram investidos com o Avental, elas eram dadas aos candidatos; o mesmo costume foi praticado antigamente na Inglaterra; embora a investidura das luvas não seja mais uma cerimônia praticada nem no país nem na América,

elas eram usadas como uma parte do vestuário maçônico. Símbolo de purificação da vida, na Idade Média as Luvras eram usadas pelos maçons operativos.

LUX (luz). Uma das denominações conferidas à Maçonaria para indicar que ela é a sublime doutrina da verdade através da qual o caminho do que a alcançou será iluminado na peregrinação da vida. Entre os rosacrucianos, a luz era o conhecimento da pedra filosofal; os muçulmanos dizem que na linguagem química, a cruz era um emblema da luz, porque ela continha dentro de si a forma de três símbolos das quais LVX, ou luz, é composta.

LUX E TENEBRIS (luz originada da escuridão). Um lema da Ordem Maçônica que equivale à "verdade originada da iniciação"; luz como símbolo da verdade e escuridão como símbolo da iniciação já começada.

LUZ. Denota verdade e conhecimento e foi explicada em todos os sistemas antigos; na iniciação, não é a luz material, mas a intelectual que é almejada. Símbolo predominante em todas as iniciações antigas, era reverenciada por ser uma emanção do sol, o objeto comum de adoração; mas a teoria que perseverou com alguns escritores de que a veneração da luz originalmente procedeu de suas qualidades físicas não é correta. Pitágoras chamou-a de bom princípio da natureza; os cabalistas ensinaram que a luz eterna preencheu todo espaço antes da criação, e que depois da criação ela se retirou para um lugar central e se tornou o instrumento da Mente Divina na matéria criadora. Símbolo da autópsia ou da total perfeição e do ato da iniciação, ela é, portanto, fundamental na Maçonaria, por conter em si mesma a verdadeira essência da ciência especulativa.

M

MAÇONARIA, DEFINIÇÃO DE. Ver Definição de Maçonaria.

MAÇONARIA ESPECULATIVA. Maçonaria considerada como ciência e que especula sobre o caráter de Deus e do homem; está comprometida com as investigações filosóficas da alma acerca de uma existência futura - para cujo propósito usa os termos de uma arte operativa - e engajada

simbolicamente na construção de um templo espiritual. Há nisso sempre um progresso - um avanço de uma esfera inferior a uma esfera superior.

MAÇONARIA ESPÚRIA DA ANTIGUIDADE. Termo aplicado às iniciações nos Mistérios do antigo mundo pagão, e às doutrinas ensinadas naqueles Mistérios. Ver Mistérios.

MAÇONARIA OPERATIVA. Maçonaria considerada meramente como uma arte útil, servia para a proteção e conveniência do homem através da construção de edifícios que pudessem suprir suas necessidades intelectuais, religiosas e físicas. Em contradição à Maçonaria Especulativa, portanto, participava da construção de um templo material.

MAÇONS DE TIRO. Corresponde à designação comum dos membros da Sociedade dos Artífices Dionisiacos, que na época da construção do templo de Salomão floresceu em Tiro. Muitos deles foram enviados a Jerusalém por Hirão, Rei de Tiro, para ajudar o rei Salomão na construção de seu templo. Unidos aos judeus, que possuíam apenas o conhecimento dos princípios especulativos da Maçonaria - transmitidos a eles por meio dos patriarcas de Noé, os maçons de Tiro -, foram os responsáveis por organizar o sistema combinado da Maçonaria Operativa com a Especulativa e cuja existência perdurou por muitos séculos, até o início do século XVIII, o que terminou por caracterizar a instituição. Ver Artífices Dionisiacos.

MALHETE. Ver Malho.

MALHO. Na Maçonaria, o termo malho corresponde a um martelo de talhador de pedra; é uma das ferramentas de trabalho do Aprendiz e simboliza a purificação do coração.

MÃO. A mão é um símbolo das ações humanas; mãos puras simbolizam ações puras, e mãos impuras ou sujas simbolizam ações impuras.

MENATZCHIM (em hebraico מְנַצְּחִים, superintendentes ou supervisores). Os Mestres Maçons no Templo de Salomão (2 Crôn. II. 2).

MENU. Na mitologia indiana, Menu é o filho de Brahma e fundador da religião hindu. Diz-se que há treze outros Menus, sete dos quais já reinaram sobre a terra. Mas esta é a primeira vez em que as instruções constituem a política civil e religiosa dos hindus. O código atribuído a ele pelos brâhmanes foi traduzido por Sir William Jones como "Os Institutos de Menu".

MESTRE MAÇOM. O terceiro grau da Antiga Maçonaria, análogo ao eptota dos antigos Mistérios.

MISTE (do grego μύκω, fechar os olhos). Aquele que foi iniciado nos Mistérios Menores do paganismo na mais completa cegueira, mas que ao ser iniciado nos Mistérios Maiores foi chamado de eptota, ou aquele que viu.

MISTÉRIOS. Adoração secreta prestada pelos antigos a vários deuses pagãos onde somente os iniciados eram admitidos. O objeto de instrução dos Mistérios era ensinar a unidade de Deus e a imortalidade da alma. Eles se dividiam em Mistérios Menores e Maiores. Os primeiros eram meramente preparatórios. Nos últimos o conhecimento completo era comunicado. Falando da doutrina que foi comunicada aos iniciados, Fílon Judeu faz crer que os Mistérios formam "um tesouro incorruptível, não como ouro ou prata, porém mais precioso que tudo; pois é o conhecimento da Grande Causa e da natureza, da qual ambos nasceram". Ele também afirmou que houve uma confraternidade existente entre os iniciados daquela instituição maçônica; pois, como diz peculiar misticismo, "se você encontrar um iniciado, cerque-o com suas orações que ele não esconderá de você os novos mistérios que possa conhecer; e não descanse até que os tenha obtido. Pois, embora eu fosse iniciado nos Grandes Mistérios por Moisés, o amigo de Deus, mesmo assim, tendo visto jeremias, eu o reconheci não apenas como iniciado, mas como um hierofante; e eu segui sua escola". Dessa forma, o maçom também reconhece cada iniciado como seu irmão e está sempre pronto e ansioso por receber toda a luz que possa ser vertida sobre os Mistérios nos quais ele foi doutrinado.

MISTÉRIOS CELTAS. Ritos religiosos dos antigos gauleses e bretões, mais familiarmente conhecidos como Druidismo.

MISTÉRIOS DE ELÊUSIS. De todos os Mistérios dos antigos eram os mais populares. Celebrados na vila de Elêusis, próximo a Atenas, eram dedicados a Deméter. Neles a perda e a restauração de Perséfone eram representados de forma cênica, ali as doutrinas da unidade de Deus e da imortalidade da alma eram ensinadas. Ver Deméter.

MISTÉRIOS DIONISIÁCOS. Além do que foi dito no texto, acrescento o seguinte, brevemente resumindo as palavras do consumado escritor Albert Pike: "Os iniciados nesses Mistérios preservaram o ritual e as cerimônias que se assemelhavam à simplicidade das primeiras épocas, e aos costumes dos primeiros homens. Lá as regras de Pitágoras eram seguidas. Como os egípcios, que guardavam lã suja, eles enterravam o não iniciado nas vestimentas de lã. Eles se abstiveram de sacrifícios sangrentos, viviam de frutas e vegetais. Imitavam a vida das seitas contemplativas do Oriente. Uma das mais preciosas vantagens prometidas por sua iniciação era não colocar o homem em comunhão com os deuses ao purificar sua alma de todas as paixões, pois eles interferem naquele prazer, obscurecem os raios de luz divina que são comunicados a cada alma capaz de recebê-los. Os portões sagrados do templo, onde as cerimônias de iniciação foram realizadas, eram abertos apenas uma vez ao ano, e nenhum estranho podia entrar. A noite, lançava seus véus sobre esses augustos Mistérios. Lá os sofrimentos de Dionísio foram representados; assim como Osíris, ambos morreram, desceram ao inferno, e ascenderão à vida novamente; carne crua era distribuída aos iniciados, cada um comia em memória da morte da divindade feita em pedaços pelos titãs".

MITO. A definição de Grote, que é citada no texto, pode ser aplicada sem modificação aos mitos da Maçonaria, embora referido pelo autor apenas para os mitos da antiga religião grega. O mito, então, é uma narrativa de data remota, não necessariamente verdadeira ou falsa, mas cuja verdade só pode ser certificada pela evidência interna. A palavra era usada inicialmente nas fábulas dos deuses pagãos que descendiam da mais remota antiguidade, em todas prevalece uma idéia simbólica, nem sempre, entretanto, é possível

se obter uma interpretação positiva deles. Aplicadas à Maçonaria, as palavras mito e lenda são sinônimos. Depreende-se desta definição que o mito é realmente e apenas a interpretação de uma idéia. Para entender os mitos, é melhor se utilizar das nobres palavras de Max Müller: "Tudo é verdadeiro, natural e significativo, se encarmos com espírito reverente o significado da arte e da linguagem antigas. Tudo se torna falso, milagroso e sem significado, se interpretarmos as palavras profundas e poderosas dos profetas antigos a partir do sentido superficial e frágil dos cronistas modernos." (Ciência da Linguagem, 2º Ser. p. 578).

MITOLOGIA. Literalmente, a ciência dos mitos - e essa é uma definição muito apropriada para a mitologia; é a ciência que trata da religião dos antigos pagãos, que foi fundada através dos mitos, tradições populares e contos legendários; Keightly (Mitologia da Antiga Grécia e Itália, p. 2) diz que "a mitologia pode ser considerada o repositório da antiga religião do povo". Seu interesse para o estudante maçônico surge do constante antagonismo que existiu entre suas doutrinas e as da Maçonaria Primitiva da antiguidade e da luz que os Mistérios mitológicos jogou sobre a antiga organização da Maçonaria Especulativa.

MITRAS. Foi o deus adorado pelos antigos persas e celebrado em seus mistérios como símbolo do sol. Na iniciação a esses mistérios, o candidato passava por muitos testes terríveis, sua coragem e força eram expostas às mais rigorosas provas. Entre outras, depois de ascender a escada mística de sete degraus, o iniciado passava por uma representação cênica de Hades, ou das regiões infernais; saindo de lá e da escuridão ao seu redor, ele era admitido à completa luz do Elísio, onde era obrigado a manter sigilo por meio de um juramento, e investido pelo Arquimago, ou Sumo Sacerdote, com as instruções secretas do rito, entre as quais constava o conhecimento do Nome Inefável.

MONTE MORIÁ. A montanha em Jerusalém sobre a qual o templo de Salomão foi construído.

MORTE. Acreditava-se que era a entrada para uma vida melhor e eterna - esse foi o dogma dos Mistérios - a morte se tornava símbolo de iniciação.

Entre os gregos a mesma palavra significava morrer e ser iniciado. Nos Mistérios britânicos, conta Davies (Mitologia dos Druidas Britânicos), o noviciado atravessava o rio da morte no barco de Garanhir, o Caronte dos gregos; antes era possível admitir-se esse privilégio - era indispensável ser misticamente enterrado, assim como misticamente morto.

N

NEÓFITO (do grego νέος e φυτόν, uma nova planta). Aquele que foi recentemente iniciado nos Mistérios. São Paulo usa a mesma palavra (I Tim. III. 6) para denotar aquele que foi recentemente convertido à fé cristã.

NÍVEL. Uma das ferramentas de trabalho de um Companheiro. É também um símbolo da igualdade da situação de todos os homens diante de Deus.

NOAQUIDA. Povo descendente de Noé que transmitiu os seus dogmas religiosos - a unidade de Deus e a imortalidade da alma. O nome, desde os tempos mais remotos, era conferido aos maçons que ensinavam as mesmas doutrinas. Nas Old Charges, conforme cita Anderson (Const. edit. 1738, p. 143), diz-se: "Um maçom é obrigado por seu título a observar a lei moral como um verdadeiro noaquida."

NOAQUITA. O mesmo que Noaquida, aquele vê.

NOME. Todos os nomes hebraicos são significantes, e foram originalmente impostos como referência a alguns fatos ou características da história ou mesmo do caráter de pessoas que os receberam. Camden diz que o mesmo costume prevaleceu entre todas as nações da antiguidade. Considerou-se o assunto tão importante que a "Onomástica" - os trata dos sobre a significação dos nomes - foi escrita por Eusébio e São Jerônimo, por Simonis e Hillerus, e por vários outros acadêmicos, dos quais Eusébio Salverte é o mais recente e satisfatório. Shuckford (Conect. II. 377) comenta que os rabinos judaicos acreditavam que o verdadeiro conhecimento do nome era uma ciência preferível ao estudo da lei escrita.

NORTE. A parte da terra que, ficando mais distante da influência do sol em seu meridiano mais alto, é na Maçonaria chamado "um lugar de escuridão". Simboliza o mundo profano.

NÚMEROS. O simbolismo dos números sagrados, que é predominante na Maçonaria, foi inegavelmente emprestado da escola de Pitágoras; mas é bastante provável que tenha advindo do Egito ou da Babilônia, ou de ambos. Na doutrina pitagórica, de acordo com Aristóteles (Met. XII. 8), todas as coisas procediam dos números. M. Dacier, contudo, em sua vida de filósofo, nega que a doutrina dos números foi ensinada pelo próprio Pitágoras, atribui a simbologia aos seus últimos discípulos, porém seus argumentos não são conclusivos ou satisfatórios.

O

OBRA. Na Maçonaria a iniciação de um candidato é chamada obra. A doutrina sugere que o trabalho seja uma obrigação maçônica.

OLIVA. Em um segundo sentido, o símbolo de paz e vitória; mas em seu significado primário, como todas as outras plantas da antiguidade, um símbolo de imortalidade; nos Mistérios ela foi análoga à acácia dos maçons.

OLIVER. O Reverendo George Oliver, D.D., de Lincolnshire, Inglaterra, que morreu em 1868, é de longe o mais distinto e o mais produtivo dos escritores maçônicos. Por seus vastos trabalhos e pesquisas sobre a ciência arcana, nenhum estudante de Maçonaria pode falar de seu nome ou de sua memória sem profunda reverência pelo aprendizado, sem profunda gratidão pelos serviços realizados. Ao autor desta obra, a recordação será mais gratificante ainda já que ele desfrutou da amizade de tão benévolo e grande homem; uma das passagens que podemos testemunhar, como Johnson diz de Goldsmith, que nihil quod tetigit non ornavit. Em seus escritos, abordou todo o campo da literatura e ciência maçônicas, e tratou, sempre com grande habilidade e profundidade, de sua história, antiguidades, ritos e cerimônias; de sua ética e seus símbolos. De todas as suas obras, "Landmarks Históricas", escrita em dois volumes, é a mais importante, útil e a que talvez mais perpetue sua memória. Na leitura de suas obras, o estudante deve ser cuidadoso para não seguir muito implicitamente todas as

suas conclusões. Em sua própria mente, elas eram controladas pela teoria que adotou e continuamente manteve - a Maçonaria seria uma instituição cristã e a ligação entre ela e a religião de Cristo foi absoluta e incontrovertida. Ele seguiu os passos de Hutchinson, mas com uma visão mais abrangente do sistema maçônico.

ORMUZ. Adorado pelos discípulos de Zoroastro como o princípio do bem, e simbolizado pela luz. Ver Arimã.

OSÍRIS. O deus chefe dos egípcios antigos, adorado como um símbolo do sol, e mais filosoficamente como o princípio masculino ou gerador. Ísis, sua esposa, foi o princípio feminino ou prolífico; e Hórus, seu filho, era a matéria, ou o mundo - o produto de dois princípios.

OSÍRIS, MISTÉRIOS DE. Os Mistérios de Osíris consistiam de uma representação cênica do assassinato de Osíris por Tífon, a recuperação subsequente de seu corpo mutilado por Ísis, e sua deificação, ou restauração à vida imortal.

OVO. O ovo mundano é um símbolo bem reconhecido do planeta. "Os antigos pagãos", diz Faber, "em quase todas as partes do globo, costumavam simbolizar o mundo como um ovo. O símbolo foi introduzido na cosmogonia de quase todas as nações; e há poucas pessoas, mesmo entre as que não estudam mitologia, para as quais o Ovo Mundano não é perfeitamente familiar. Foi empregado não apenas para representar a terra, mas também o universo em sua mais ampla extensão". Origem da Idolatria, I. p. 175.

P

PALAVRA. Termo técnico e simbólico que na Maçonaria significa a verdade divina. A busca pela Palavra constitui todo sistema da maçonaria especulativa.

PARÁBOLA. Narrativa pela qual uma coisa é comparada a outra. É, a princípio, o mesmo que símbolo ou alegoria.

PASCAL, CORDEIRO. Ver Cordeiro Pascal.

PASTO (do grego *ita6TÒç*, uma cama nupcial). O caixão ou o túmulo que continha o corpo de deus ou do herói cuja morte foi cenicamente representada nos Mistérios antigos. É análogo ao túmulo no terceiro grau da Maçonaria.

PEDRA ANGULAR. A pedra mais importante no edifício, cujo simbolismo faz alusão à magnífica cerimônia do primeiro grau da Maçonaria. Os antigos posicionavam-na em cerimônias peculiares; já entre as nações orientais era o símbolo de um príncipe ou chefe. É um dos símbolos mais imponentes da Maçonaria; também representa o candidato à iniciação. Na simbologia maçônica, está exclusivamente restrita à origem do templo.

PITÁGORAS. Filósofo grego que se acredita ter nascido na ilha de Samos, por volta de 584 a.C. Buscador, ele muito viajou para adquirir conhecimento. No Egito, foi iniciado nos Mistérios pelos sacerdotes. Na Babilônia, onde se familiarizou com os ensinamentos místicos dos caldeus, teve, sem dúvida, muito contato com os cativos israelenses que haviam sido exilados de Jerusalém e então lá residiam. No retorno à Europa, estabeleceu uma escola cuja organização e doutrinas tinham considerável semelhança com a Maçonaria Especulativa; por esse motivo foi declarado "um antigo amigo e irmão" pelos maçons modernos.

PONTO DENTRO DE UM CÍRCULO. Símbolo derivado da antiga adoração ao sol, tem, na verdade, origem fálica. Enquanto a circunferência representa o universo, o ponto simboliza o sol.

PRETO. Pitágoras atribuiu a essa cor o símbolo do mal na natureza; equivalente à escuridão, que é a antagonista da luz. Mas no simbolismo maçônico a interpretação é diferente, pois o preto simboliza o sofrimento e sempre se refere à fé do construtor do templo.

PROFANO. Aquele que não foi iniciado como maçom. Na linguagem técnica da Ordem, todos os que não fossem maçons eram profanos. O termo é derivado da junção das palavras latinas profano, que literalmente

significam "em frente ao templo". Nas religiões anti gas, quem não fosse iniciado nos ritos sagrados ou Mistérios de qualquer divindade não poderia adentrar ao templo, mas era obrigado a permanecer do lado de fora, ou em frente a ele. Os profanos foram mantidos do lado de fora. A expressão, usada como substantivo ou adjetivo no uso geral da linguagem, foi adotada como termo técnico no dialeto da Maçonaria, no mesmo sentido relativo que a palavra "leigo" assume nas profissões de lei e divindade.

PRUMO. Uma das ferramentas de trabalho de um Companheiro maçom e símbolo da retidão de conduta.

PURIFICAÇÃO. Rito religioso praticado pelos antigos e que era realizado antes de qualquer ato de devoção. Consistia em lavar as mãos e, algumas vezes, o corpo todo em água lustral ou consagrada. Como um símbolo da purificação interna do coração, era uma cerimônia preparatória à iniciação em todos os antigos Mistérios.

Q

QUADRADO. Figura geométrica que possui quatro lados iguais com ângulos iguais, na Maçonaria simboliza moralidade, ou o estrito desempenho de toda obrigação. Os gregos consideravam-no uma figura de perfeição, e o "homem quadrado" foi um homem de integridade imaculada.

R

RESSURREIÇÃO. Doutrina ensinada nos antigos Mistérios como é na Maçonaria, por uma representação cênica. A iniciação era a morte; a autópsia, a ressurreição. A Maçonaria não se interessa pela forma precisa da ressurreição, ou seja, o corpo enterrado e o corpo ressuscitado são idênticos em todas as suas partes. Satisfeita com o ensinamento geral de São Paulo, no que se refere à ressurreição, "ao semear um corpo natural, nasce um corpo espiritual", a Maçonaria inculca pela doutrina da ressurreição o simples fato de um avanço progressivo de uma esfera inferior a uma superior, e a libertação da alma das amarras da morte à herança da vida eterna.

RITUAL. Modos e cerimônias usados para conferir os graus ou para conduzir os trabalhos de uma Loja. Há muitos ritos da Maçonaria que diferem de cada um dos números e divisões de graus, e em seus rituais, das formalidades ou cerimônias. Mas os grandes princípios da Maçonaria, sua filosofia e seu simbolismo, são diferentes em tudo. É evidente, então, que em uma investigação do simbolismo da Maçonaria, não nos preocupemos com seus rituais - o que não passa de uma cobertura externa com a finalidade de ocultar o tesouro que está dentro.

ROSACRUCIANOS. Uma seita de filósofos herméticos, encontrada no século XV, que era engajada no estudo de ciências ocultas. Uma sociedade secreta muito semelhante à maçônica em sua organização, e em alguns dos temas de sua investigação; mas não esteve de forma alguma ligada à Maçonaria. Valiosa ao estudante maçônico para esclarecer muitos símbolos maçônicos.

S

SABEÍSMO ou SABAÍSMO. A adoração do sol, da lua e das estrelas - em hebreu ~1xwrr□, o TSABA Hashmair, "a hóstia dos céus" - foi praticado na Pérsia, Caldéia, Índia e outros países orientais, nos primórdios do mundo. A adoração ao sol exerceu uma poderosa influência sobre as religiões subseqüentes, e mais racionais, resquícios dela devem ser encontrados no simbolismo da Maçonaria.

SACELLUM. Local divino consagrado a Deus que contém um altar.

SALOMÃO. Rei de Israel e fundador do templo Jerusalém - aquele que organizou o templo da Maçonaria. Em todos os escritos atribuídos a ele, se evidencia uma inclinação eminentemente simbólica.

SALSETTE. Ilha na Baía de Bombay, celebrada pelas estupendas cavernas escavadas artificialmente na rocha sólida, e que foram utilizadas nas iniciações aos antigos Mistérios da Índia.

SANTA CRUZ. A obra do Barão de Santa Cruz, em dois volumes, intitulada *Recherches Historiques et Critiques sur les Mystères du*

Paganisme, é uma das mais valiosas e instrutivas que existem em qualquer língua sobre os antigos Mistérios. Ao estudante da filosofia maçônica o simbolismo da obra de Santa Cruz é absolutamente essencial.

SAPATO. Ver Investidura, Rito de.

SET. Deus egípcio. Acredita-se que os princípios da Maçonaria Pura ou Primitiva foram preservados pela raça de Ser - que sempre se manteve separada da raça de Caim -, mas que depois do dilúvio se corrompeu pela deserção de seus descendentes, restabelecidos após através da Maçonaria Espúria dos gentis.

SETE. Um número sagrado entre os judeus e gentis, chamada por Pitágoras de "número venerável".

SHIVA. Uma das manifestações da divindade suprema dos hindus que simboliza o sol em seu meridiano.

SIMBOLISMO, CIÊNCIA DO. Ao que foi dito no texto, podemos acrescentar a seguinte citação bastante apropriada de Squier: "Na ausência de uma língua escrita ou formas de expressão capazes de transmitir idéias abstratas, nós podemos prontamente compreender a necessidade de um povo primitivo e de um sistema simbólico. O simbolismo que, em grande parte, resultou dessa necessidade, é muito óbvio; e associado aos sistemas religiosos primitivos do homem, ele foi posteriormente continuado, quando no estágio avançado da mente humana, a necessidade prévia não mais existia, é igualmente indubitável. Dessa forma, ele veio a constituir um tipo de linguagem sagrada, e se investiu de um significado esotérico entendido apenas por uns poucos." - O Símbolo da Serpente na América, p. 19.

SIMBOLISMO DO TEMPLO. Simbologia que deriva do templo de Salomão. O mais fértil de todos os tipos de simbolismo na produção de materiais para a ciência maçônica.

SÍMBOLO. Sinal visível (gráfico) que liga um sentimento espiritual, uma emoção ou idéia. - Müller. Todas as coisas naturais e materiais das quais são feito um signo ou uma representação de uma idéia moral é um símbolo.

SINAIS. Há muita evidência de que fossem usados nos antigos Mistérios. Não apenas importantes enquanto meios de reconhecimento, na Maçonaria eram absolutamente convencionais e possuíam referência simbólica.

SOL NASCENTE. Na adoração sabeísta, o sol nascente era adorado por ressurgir da morte aparente de seu poente noturno. Nos antigos Mistérios, o sol nascente foi símbolo da regeneração da alma.

T

TABERNÁCULO. Construído por Moisés no deserto como um local temporário para a adoração divina. Foi o antítipo do templo de Jerusalém, e, como ele, um símbolo do universo.

TÁBUA DE DELINEAR. Tábua ou bloco de papel sobre a qual os desígnios do arquiteto são inscritos. Simboliza a lei moral, conforme estabelecida no desejo revelado de Deus. Todos os homens devem ter a Tábua de Delinear, porque é obrigação de todos os homens trabalharem nas tarefas que Deus, o Arquiteto-chefe, designou.

TAMUZ. Deus Sírio que foi adorado por idólatras mulheres hebraicas. Ídolo similar ao Adônis Fenício, os Mistérios dos dois eram idênticos.

TÚMULO. No grau de Mestre, é um símbolo análogo ao pasto, ou à cama, nos antigos Mistérios. O simbolismo foi cristianizado pelos escritores maçônicos, e o túmulo foi então referido como o sepulcro de Cristo.

TEMPLO. A importância do templo no simbolismo da Maçonaria autorizará a seguinte citação do sábio Montfaucon (Ant. II. 1. II. Cap. II.): "Concernente à origem dos templos, há uma variedade de opiniões. De acordo com Heródoto, os egípcios foram os primeiros a fazer altares, estátuas e templos. Contudo, não parece ter havido algum no Egito na época de Moisés, pois ele nunca os menciona, embora tivesse tido muitas oportunidade para fazê-lo. Luciano diz que os egípcios foram o primeiro povo que construiu templos, e que os assírios derivaram o costume deles, porém isso é ainda incerto. A primeira alusão ao assunto nas Escrituras é o Tabernáculo, que foi, de fato, um templo móvel, e que continha um lugar

mais sagrado e secreto que os outros chamado o Santo dos Santos - correspondia ao adytum nos templos pagãos. O primeiro templo pagão mencionado nas Escrituras é o de Dagon, o deus dos filisteus. Os gregos, que deviam ao fenícios muitas coisas, podiam ter aprendido com eles a arte da construção de templos; e certamente os romanos copiaram dos gregos tanto a adoração dos deuses como a construção de templos."

TEMPLO DE SALOMÃO. Construção feita pelo Rei Salomão no Monte Moriá, em Jerusalém, geralmente foi chamada "o berço da Maçonaria", porque foi lá que ocorreu a união entre os maçons operativos e especulativos, e que continuaram por séculos depois a apresentar a verdadeira organização do sistema maçônico. Assim como o tamanho do templo, as dimensões mencionadas no texto podem ser consideradas tão exatas quanto a descrição feita no Primeiro Livro de Reis. Josefo dá uma medida maior: 32m de comprimento, 10,5m de largura e 64m de altura; porém nem mesmo isso invalida a declaração no texto de que em tamanho ele era superado por muitas igrejas paroquiais.

TEMPLO ESPIRITUAL. O corpo do homem; o templo aludido por Cristo e São Paulo; o templo, cuja construção o maçom especulativo está engajado, em contradição ao templo material que ocupa os trabalhos do maçom operativo.

TERMINUS. Uma das mais antigas divindades romanas. Foi o deus de fronteiras e limites, e sua estátua consistia apenas de uma pedra cúbica, sem braços ou pernas, para mostrar que ele era imóvel.

TETRAGRAMATON (do grego TETpàç, quatro, e ypàμμα, uma letra). O nome de quatro letras de Deus, na língua hebraica 'flifl, comumente usado, mas de forma incorreta, e que se pronunciava Jeová. Influenciou bastante os ritos da antiguidade, talvez tenha sido o símbolo mais remotamente corrompido pela Maçonaria Espúria dos Mistérios pagãos. Profundamente venerado pelos judeus, supõe-se que teve origem na revelação divina do arbusto flamejante. A palavra nunca foi pronunciada, mas sempre que aparecia era substituída por Adonai, cujo costume derivou da leitura distorcida de uma passagem do Pentateuco. A verdadeira

pronúncia conseqüentemente foi completamente perdida; o que é explicado pela necessidade de vogais no alfabeto hebraico, então aquela é a verdadeira vocalização de uma palavra que não pode ser aprendida pelas letras das quais é composta. A verdadeira pronúncia foi confiada ao sumo sacerdote; mas para que o conhecimento não se perdesse com a sua possível morte repentina, ela também era comunicada ao seu assistente; e, muito provavelmente, também era de conhecimento dos reis de Israel. Os cabalistas e os talmudistas envolveram-no em uma gama de superstições. Ele também foi usado pelos essênios em seus ritos sagrados, e pelos egípcios como uma senha. Cabalisticamente lido e pronunciado, significa o princípio masculino e feminino da natureza, a energia da criação geradora e prolífica.

TÍFON. O irmão e assassino de Osíris, na mitologia egípcia. Assim como Osíris simbolizava o sol, Tífon era símbolo do inverno e da escuridão, quando, em oposição à luz, a energia, o calor e a vida do sol são destruídos.

TIRO. Cidade fenícia onde morava o Rei Hirão, o amigo e aliado de Salomão a quem forneceu homens e materiais para a construção do templo.

TRABALHO. Depois que o artigo sobre o Simbolismo do Trabalho foi escrito, eu me deparei com uma palestra proferida em 1868 pelo Irmão Troué, na Loja de São Pedro na Martinica, e que contém sentimentos com relação à Maçonaria que valem a pena ser traduzidos do original em francês. Ver Bulletin du Grand Orient de France, dezembro, 1868. "Nosso nome de maçom e os nossos emblemas distintamente anunciam que o nosso objetivo é a elevação do trabalho. (...) Como maçons, não consideramos o trabalho uma punição infligida ao homem; mas, pelo contrário, nós o elevamos em nosso pensamento às alturas de um ato religioso, que é o mais aceitável a Deus porque é o mais útil ao homem e à sociedade. (...) Nós nos decoramos com os emblemas de trabalho para afirmar que aquela doutrina é um protesto incessante contra o estigma infundido à lei do trabalho, e que um erro de compreensão, procedendo da ignorância dos homens nos tempos primitivos, foi elevado a um dogma; um erro que resultou na produção de seu fenômeno anti-social com o qual nos deparamos todos os dias: a degradação do operário é tão grande quanto o seu trabalho é severo, e a

elevação do ocioso é tão superior quanto a sua ociosidade. Mas o estudo das leis que mantêm a ordem na natureza nos libertou das algemas das idéias preconcebidas, levou os maçons àquela doutrina, muito mais moral que a crença contrária, de que o trabalho não é uma expiação, mas uma lei de harmonia, da sujeição à qual o homem não pode se libertar sem prejudicar sua própria felicidade e desarranjar a ordem da criação. O desígnio dos maçons é, então, a reabilitação do trabalho, que é indicado pelo Avental que eles vestem; e o Malhete, a Trolha, e o Nível que são encontrados entre os nossos símbolos." Então, a doutrina desta obra é que a Maçonaria ensina não apenas a necessidade, mas também a nobreza do trabalho. E o trabalho é a própria adoração devida pelo homem a Deus.

TRIÂNGULO. Símbolo de Divindade. Encontra-se representado em muitas das antigas religiões. Entre os egípcios, foi um símbolo de natureza universal, ou de proteção do mundo pelas energias de criação feminina e masculina.

TROLHA. Uma das ferramentas de trabalho de um Mestre Maçom. Simboliza o amor fraterno.

TUAPHOLL. Termo usado pelos druidas para designar uma circumambulação não santificada ao redor do cairn sagrado, ou altar - o movimento acontece contra o sol, ou seja, do oeste para o leste pelo norte, o cairn ficando à mão esquerda do circumambulador.

TUBALCAIM. Nas várias etimologias deste nome, apenas uma é usada no texto; a maioria das outras, no entanto, o identificam a Vulcano. Wellsford (Mithridates Minor, p. 4) dá uma etimologia singular, derivando o nome do patriarca hebreu - do artigo definido fl convertido em n, ou Te Baal, "Senhor", com o kayn árabe, "um ferreiro" -, então a palavra significaria "o senhor dos ferreiros". Escritores maçônicos têm, contudo, geralmente adotado a derivação mais usual de Caim, palavra que significa possessão; Oliver considera Tubalcaim um símbolo de possessões mundanas. Assim como a identificação de Vulcano com Tubalcaim, podemos depreender algo com a definição das funções do primeiro, como fez Deodoro Sículo: "Vulcano foi o primeiro fundador de obras em ferro,

latão, ouro, prata e de todos os metais fundíveis; ele que ensinou os usos ao qual o fogo pode ser aplicado nas artes." Ver Gênesis: "Tubalcaim, um instrutor de todo artífice em latão e ferro."

U

UNIÃO. A união do elemento operativo com o especulativo da Maçonaria ocorreu na construção do templo do Rei Salomão.

UNIDADE DE DEUS. Distinta da doutrina pagã do politeísmo, ou da adoração a muitos deuses, é uma das duas verdades religiosas ensinadas na Maçonaria Especulativa, a outra é a imortalidade da alma.

V

VERDADE. Nem sempre ensinada publicamente pelos antigos filósofos ao povo, sua busca é o objetivo da Maçonaria. Nunca encontrada na terra, mas um substituto para ela é fornecido.

VINHO. Elemento de consagração maçônica simboliza o alívio interior de uma boa consciência, sob o nome de "vinho do refrigerio" para nos lembrar dos alívios eternos que os bons devem receber na vida futura pelo fiel desempenho das obrigações no tempo presente.

VISCO. Planta sagrada do druidismo; foi comemorada também nos ritos escandinavos. Análoga à acácia, e como todas as outras plantas sagradas da antiguidade, é um símbolo da imortalidade da alma. Para que a linguagem do texto não fosse mal interpretada, pode-se salientar que os ritos druidas e os escandinavos não são idênticos. Os primeiros eram celtas; os últimos góticos. Mas o fato de o visco ser uma planta sagrada em ambos permite uma forte suposição de que deve ter sido um ponto comum dos ritos que geraram as duas religiões. Houve uma similaridade na origem pela mesma idéia simbólica antiga e geral.

Y

YGGDRASIL. O freixo sagrado nos Mistérios Escandinavos. D. Oliver propõe a teoria de que ele é análogo da escada teológica nos Mistérios Maçônicos, mas há dúvidas de que sua teoria seja sustentável.

YONI. Entre as nações e religiões da Índia representava o órgão reprodutivo feminino, e era símbolo do poder prolífico da natureza. É o mesmo que o cteis entre as nações ocidentais.

Z

ZENNAAR. O cinto sagrado dos hindus. Acredita-se que seja análogo ao avental maçônico.

ZOROASTRO. Célebre filósofo e reformador cujas doutrinas foram professadas pelos antigos persas. A religião de Zoroastro era dualista, seus dois princípios antagonistas eram Ormuz e Arimã, símbolos de Luz e Escuridão. Por modificar e purificar a antiga veneração ao fogo, passou a simbolizar o sol, a significar uma espécie de adoração ao astro rei. Mitras, representando o sol, tornou-se o mediador entre Ormuz, ou o princípio da Escuridão, e o mundo.

2. Nota da Tradutora: aporrheta, do grego, literalmente "coisas proibidas", é uma palavra utilizada na Maçonaria para designar as instruções secretas passadas ao candidato de iniciação aos Mistérios.

1. Nota da Tradutora: sacellum é uma palavra latina para designar um pequeno santuário, assemelhando-se ao que conhecemos hoje como capela.

1. "A doutrina da imortalidade da alma, caso seja uma vantagem real, indubitavelmente faz parte da idéia de Deus. A melhor criatura deve desejar o melhor das coisas boas; o mais sábio deve desenvolver planos para essa ação; o mais poderoso deve realizá-los. Ninguém pode negar isto." - Theo. PARKER, Discurso de Questões pertinentes à Religião, B II. Cap. VIII. p. 205.

2. "Esta instituição religiosa, bem como a sociedade, a amizade e o casamento, surge de um princípio profundo e permanente dentro do coração: assim como as instituições miseráveis, transitórias e parciais se

originam dos desejos miseráveis, parciais e transitórios e devem ser traçados de acordo com os sentidos e fenômenos da vida, então, esta instituição sublime, permanente e útil surgiu dos desejos sublimes, permanentes e universais, e deve se referir à alma e às realidades imutáveis da vida." -Theo. PARKER, Discurso da Religião, B 1. Cap. 1. p. 14.

3. "Os filósofos de todas as nações, idades e religiões tinham algumas idéias sobre estas doutrinas sublimes, embora um pouco degradadas, adulteradas e obscuras; e essas pistas e vestígios das verdades mais exaltadas e sagradas eram originariamente raios e emanções das tradições antigas e primordiais, transmitidas de geração em geração, desde o início do mundo, ou pelo menos desde a queda do homem, para toda a humanidade." - Chev. RAMSAY, Princ. Filos. da Nat. e Relig. Rev., vol II. p. 8.

4. "Desta forma, não apenas os objetos mencionados acima, mas pérolas, metais e pedras que caíam do céu, imagens, pequenas moedas de madeira gravadas, peles de animais empalhadas, bem como as bolsas de remédios dos índios norte-americanos são reconhecidas como divindades e, assim, tornam-se objetos de adoração. Mas neste caso, o objeto visível é idealizado; não adorado como a coisa bruta em si, mas como emblema e símbolo de Deus." - Theo. PARKER, Discurso da Religião. B 1. Cap. V. p. 50.

1. Um escritor contemporâneo [esta obra foi escrita em 1869, logo quando o autor diz "contemporâneo", ele quer dizer aquela época] refere-se, eloqüentemente, à universalidade da adoração ao sol, nos tempos antigos: "O Sabeísmo, a adoração da luz, prevaleceu entre as nações dominantes do mundo primitivo. Portanto, pelos rios da Índia, nas montanhas da Pérsia, nas planícies da Assíria, em cada local a humanidade antiga adorava os espíritos mais elevados, elevando-se em pensamento espiritual da órbita solar a Ele, de quem parece ser representante - ao Sol de todos os seres, cuja luz divina irradia e purifica o mundo da alma, como a radiância solar faz no mundo dos sentidos. Apesar de conhecermos pouco seu credo [hoje em dia se sabe muito mais do Egito, no entanto ainda ficam muitas dúvidas], o Egito também aderiu a essa adoração; a Síria ergueu seus grandes templos ao sol; os alegres gregos divertiam-se com o pensamento enquanto o

sentiam, quase o escondendo sob a individualidade mística que sua vívida imaginação sobrepunha. Mesmo a prosaica China faz oferendas à orbe amarela do dia; os nômades celtas e teutões faziam banquetes para ela em meio às florestas primitivas do norte da Europa; e, com uma selvageria característica dos aborígenes americanos, nos templos do sol do México jorrava sangue humano em honra à orbe beneficente". - Os Castelos e Cremos da Índia, Blackw. Mag., vol. LXXXI. p. 317. "Não há nenhum povo cuja religião seja conhecida por nós", afirma o abade Banier, "nem no nosso continente, nem no americano, que deixou de dedicar ao sol sua devoção, exceto alguns habitantes da zona tórrida, que continuamente o amaldiçoavam por queimá-los com seus raios". - Mitologia, B III. Cap. III. Macrobius, em Saturnalia, esforçou-se para provar que todos os deuses do Paganismo podem se reduzir ao sol.

2. Nota do editor: Novamente aqui, devemos lembrar que a obra foi escrita em 1869.

1. "Varro de religionibus loquens, evidenterdicit, multa esse vera, quae vulgo scire non sit utile; multaque, quae tametsi falsa sint, aliter existimarepopulum expediat." - Santo Agostinho, De Civil. Dei. Devemos lamentar, como o sábio Valloisin o fez, que os 16 livros de Varro sobre antiguidades religiosas tenham se perdido; é um lamento que aumenta na medida em que sabemos da sua existência até o início do século XIV, eles desapareceram menos de dois séculos antes do que possibilitaria a sua preservação - a descoberta da imprensa asseguraria a sua perpetuação.

3. Maurice, Antiguidades Indianas. Vol. II. p. 297.

2. Estrabo, Geog., Lib. I.

4. Div. Leg., vol. 1.1. II. § IV. loa ed. Lond. p. 193.

6. Paneg. Isoc. p. 59.

8. Fédon.

9. Dissert. em Mistérios de Elêusis e de Baco, em Pamphleteer, vol. VIII. p. 53.

7. Em Dissert. Arrian., lib. III. C. XXI.

5. As doutrinas ocultas da unidade da Divindade e da imortalidade da alma foram ensinadas inicialmente em todos os Mistérios, até mesmo nos de Cupido e de Baco. - WARBURTON, em Anedotas de Spence, p. 309.

10. Symbol. und Mythol. der Alt. Völk.

11. Nos Mistérios, após a pessoa ter lamentado por um longo tempo a perda de alguém especial, era esperado que ela retomasse sua vida. - BRYANT, Anal. da Mitologia Ant. vol. III. p. 176.

2. A lenda diz que foi cortado em 14 pedaços. Compare com os 14 dias de um funeral na lenda maçônica do terceiro grau. Por que esse número, em particular, aparece em ambos? Alguns pensaram que na segunda lenda havia uma referência à metade da idade lunar, ou de seu período negro - simbólico da escuridão da morte -, seguido pelos 14 dias de lua cheia, ou de retomada da vida.

1. Hist. Herod. , Lib. III. C. CLXXI.

3. Mystères du Paganisme, tom. I. p. 6.

5. Espírito da Maçonaria. p. 100.

4. Em notas a Heródoto de Rawlinson, 1. II. Cap. CLXXI., Bryant expressa a mesma opinião: "Os principais rituais no Egito eram declaradamente pela perda de uma pessoa que, designada a um período na escuridão, finalmente foi encontrada. A pessoa que mencionei foi descrita sob o personagem de Osíris." - Análise da Mitologia Antiga. vol. III. p. 177.

6. Varro, de acordo com Santo Agostinho (De Civ. Dei, VI. 5), diz que, entre os anciãos, havia três tipos de teologia - uma mística, usada pelos poetas; uma física, pelos filósofos; e uma civil, pelo povo.

7. "Tous les ans", diz Santa Cruz, "pendant les jours consacrés au souvenir de sa mort, tout étoit plongé dans la tristesse: on ne cessoit de pousser des gémissements; on alloit même jusqu'à se flageller et se donner des coups. Le dernier jour de ce deuil, on faisoit des sacrifices funèbres en l'honneur de ce dieu. Le jour suivant, on recevoit la nouvelle qu'Adonis venoit d'être rappelé à la vie, qui mettoit fin à leur deuil." - Recherches sur les Myst. du Paganisme. Tom. II. p. 105.

8. Clemente de Alexandria os chama *συντεταγμένους*, "os mistérios antes dos mistérios".

9. "Les petits mystères ne consistaient qu'en cérémonies préparatoires." - Santa Cruz, l. 297. De acordo com o juramento de segredo, Bryant afirma: "A primeira coisa nessas horríveis reuniões era oferecer um juramento de segredo a todos os que seriam iniciados e, em seguida, prosseguiam-se as cerimônias." - Anal. da Mit. Ant., vol. III. p. 174. Argonautas Orficos alude ao juramento: *πρὸ τοῦ ὀππρῖα Μῦσταις*,)Ç. T. À., "após o juramento ter sido administrado aos mistes", &c. - Argon. Orf., v. 11.

1. A caneta satírica de Aristófanes não poupou os festivais dionisiacos. Mas o escárnio e sarcasmo de um escritor cômico devem sempre ser recebidos com muitas demonstrações de concessão. Ao menos, ele foi sincero o suficiente para confessar que ninguém poderia ser iniciado se tivesse sido culpabilizado por qualquer crime contra seu país ou contra a segurança pública. - Ranae, v. 360-365. Eurípides faz coro entre suas Bacantes e declara que os Mistérios eram praticados somente com propósitos virtuosos. Em Roma, entretanto, pode haver pouca dúvida de que as iniciações tinham um caráter devasso. "On ne peut douter", afirmou Santa Cruz, "que l'introduction des fêtes de Bacchus en Italie n'ait accéléré les progrès du libertinage et de la débauche dans cette contrée". - Myst. du Pag., tom. II. p. 91. Santo Agostinho (De Civ. Dei, lib. VII. c. XXI.) protesta veementemente contra a impureza das cerimônias dos rituais sagrados de Baco na Itália. Mas mesmo ele não nega que o motivo pelo qual elas eram realizadas era de natureza religiosa, ou pelo menos supersticiosa - Sic videlicet Liber deus placandus fuerat. O perdão de uma divindade certamente era um ato religioso.

2. História da Grécia, vol. II. p. 140.

3. Esta passagem é uma citação de Robison (Provas de uma Conspiração, Ed. Lond. p. 20, 1797), de quem ninguém vai suspeitar ou acusar de veneração indevida pela antiguidade ou de moralidade da ordem maçônica.

4. Não devemos confundir os construtores asiáticos com os que foram subsequentemente chamados pelos gregos, conforme sabemos através de Aulus Gellius (lib. xx. cap. 4), de "artífices de Dionísio" - AiovuaiãoiTEXPTai.

5. Há grande evidência, entre os autores antigos, da existência de sinais e senhas nos Mistérios. Portanto, em sua Apologia, Apuleio afirma: "Si qui forte adest eorundem Solemnium mini particeps, signum dato"etc.; ou seja, "Se alguém que tenha sido iniciado nos mesmos rituais que eu estiver presente me dará o sinal e deve, então, ser livre para ouvir o que guardo com tanto cuidado". Plauto também faz alusão a esta utilização, quando, em "Miles Gloriosus", ato IV. cena 2, faz Milphidippa dizer a Pyrgopolonices: "Cedo signum, si harunc Baccharum es"; i.e., "Dê o sinal se você for uma dessas bacantes", ou seja, iniciado nos Mistérios de Baco. Clemens Alexandrinus denomina estes modos de reconhecimento awenpaTa, meios de segurança. Apuleio, em outro lugar, usa memoracula, que em minha opinião serve para denotar senhas, quando diz: "sanctissimè sacrorum signa et memoracula custodire", que estou propenso a traduzir como "mais escrupulosamente para preservar os sinais e as senhas dos rituais sagrados".

7. Lawrie, Hist. da Maçonaria, p. 27.

6. O Barão de Santa Cruz dá esta breve visão das cerimônias: "Dans ces mystères on employait, pour remplir l'ame des assistans d'une sainte horreur, les mêmes moyens qu'à Eleusis. L'apparition de fantômes et de divers objets propres à effrayer, sembloit disposer les esprits à la crédulité. Lis en avoient sans doute besoin, pour ajouter foi à toutes les explications des mystagogues: elles rouloient sur le massacre de Bacchus par les Titans", - Recherches sur les Mystères du Paganisme, tom. II. sect. VII. art. III. p. 89.

8. Vincentius Lirinensis ou Vincent de Lirens, que viveu no século V da era cristã, escreveu um tratado intitulado *Commonitorium*, extraordinário pela veneração cega que presta à voz da tradição. A regra que ele estabelece e é citada no texto, e que deve ser considerada, é uma aplicação modificada, um axioma pelo qual devemos provar a probabilidade, ao menos, de todos os tipos de tradição. Aquele que não estivesse ligado à igreja de Vincent iria muito longe, pois ele havia feito dela um critério da verdade positiva.

9. Prolog. zu einer wissenschaftlich. Mythologie.

2. Ensaio Histórico sobre Arquitetura. Cap. XXI.

1. Em alemão *hutzen*, em inglês *lodges*, em português Lojas, de onde se origina o termo maçônico.

1. Bishop England, em sua Explicação da Missa, afirma que em cada cerimônia devemos procurar três significados: "o primeiro, literal e natural, deve ser mencionado como o original; o segundo, como figurativo ou emblemático; e o terceiro, como devoto ou religioso - freqüentemente os dois últimos significam a mesma coisa; algumas vezes os três serão combinados". Aqui se encontra a verdadeira diferença entre o simbolismo da igreja e o da Maçonaria. No primeiro, o significado simbólico era uma reflexão tardia aplicada à original, literal; no ultimo, o simbólico era o significado original de cada cerimônia.

2. "Todo o conhecimento dos egípcios não era escrito por meio de símbolos? As Sagradas Escrituras não falavam sempre por parábolas? As fábulas escolhidas dos poetas não eram as fontes e as primeiras molas propulsoras da sabedoria, escondidas em alegorias perplexas?" - BEN JONSON, *Alquimista*, ato II. cena I.

3. O ilustre mitólogo alemão Müller define o símbolo como "um sinal eterno e visível, conectado a um sentimento espiritual, a uma emoção ou idéia". Não tenho conhecimento de outra definição mais abrangente e, ao mesmo tempo, distinta.

4. Pode-se adicionar que o mundo se torna um símbolo de uma idéia; sendo assim, Harris, em "Hermes", define linguagem como "um sistema de vozes articuladas, os símbolos de nossas idéias, principalmente das idéias gerais ou universais". - Hermes, livro III. Cap. 3.

5. "Símbolos", diz Müller, "são evidentemente contemporâneos à raça humana; resultam da união da alma com o corpo, no homem; a natureza implantou o sentimento por eles no coração humano." - Introdução ao Sistema Científico da Mitologia, p. 196, tradução de Leitch. R. W. Mackay afirma: "Os mais antigos instrumentos de educação eram os símbolos, representantes mais universais da presença abundante da Divindade, sendo terreno ou celeste, ou algum objeto selecionado, tal como o sol ou a lua, uma árvore ou uma pedra, familiarmente vistos em cada um deles." - Progresso do Intelecto, vol. I. p. 134.

6. Entre a alegoria, ou parábola, e o símbolo não há nenhuma diferença essencial. O verbo grego $\nu\alpha\pi\alpha\iota\gamma\mu\alpha\iota$, de onde vem a palavra parábola, e o verbo $\alpha\upsilon\pi\alpha\iota\gamma\mu\alpha\iota$, na mesma língua, que é a raiz da palavra símbolo, têm o mesmo significado de "comparar". Uma parábola é simplesmente um símbolo falado. A definição de parábola, dada por Adam Clarke, é aplicável à de símbolo: "Uma comparação ou similitude, na qual algo é comparado a outro, especialmente coisas espirituais com as naturais, pela qual as coisas espirituais são mais bem entendidas e causam uma impressão mais profunda na mente atenciosa."

7. North British Review, agosto, 1851. Faber faz um elogio semelhante: "A linguagem do simbolismo, sendo tão puramente uma linguagem de idéias, por um lado, é mais perfeita do que qualquer linguagem ordinária, possui a elegância diversificada dos sinônimos sem nenhuma das obscuridades que resultam do uso de termos ambíguos." - Sobre as Profecias, II. p. 63.

2. "A adoração de animais entre os egípcios foi a consequência natural e inevitável da errada concepção e do apelo vulgar das emblemáticas figuras inventadas pelos padres para registrar suas próprias teorias filosóficas das idéias absurdas. Como as pinturas e esfinges suspensas nas igrejas cristãs antigas para comemorar uma pessoa ou um evento, tornaram-se, com o

tempo, objetos de adoração ao vulgar, então, no Egito, o significado esotérico ou espiritual dos emblemas perdeu-se no materialismo rude do contemplador. No entanto, o significado esotérico e alegórico foi preservado pelos padres e comunicado nos mistérios unicamente ao iniciado, enquanto os não instruídos mantinham apenas a concepção mais grosseira." - GLIDDON, *Otia Aegyptiaca*. p. 94.

1. "Por meio da Maçonaria Especulativa aprendemos a subjugar nossas paixões, a agir de acordo com o compasso, a manter o tom de uma boa comunicação, e o segredo e a prática da caridade." - Leit. do Comp. Maçom. Mas essa é uma definição muito pobre, desmerecedora do lugar que ocupa na leitura do segundo grau.

3. "Para perpetuar a significação esotérica dos símbolos ao iniciado foram estabelecidos os Mistérios, de cuja instituição ainda temos um traço na Maçonaria." - GLIDDON, *Otia Aegyp*. p. 95-

4. Fílon Judeu considera que "Moisés foi iniciado pelos egípcios na filosofia dos símbolos e hieróglifos, bem como no ritual de animais sagrados". Hengstenberg, em seu conhecido trabalho sobre o "Egito e os Livros de Moisés", demonstra conclusivamente, com vários exemplos, como eram diretas as referências dos egípcios ao Pentateuco; fato que ele realmente reconhece como "um dos mais poderosos argumentos para sua credibilidade e para sua composição de Moisés". - HENGSTENBERG, p. 239, tradução de Robbins.

5. Josefo, Antig. livro III. Cap. 7.

7. "A referência egípcia no Urim e Tumim é especialmente distinta e incontestável." - HENGSTENBERG, p. 158.

6. A arca, ou barco sagrado, dos egípcios, geralmente aparece nas paredes dos templos. Foi carregada com grande esplendor pelos padres na ocasião da "procissão do santuário", através de varas que perpassavam os anéis de metal afixados em sua lateral. Era então conduzida para dentro do templo e colocada em um estrado. As representações que temos dela geram uma

impressionante semelhança com a arca judaica, da qual, agora se admite, foi o protótipo.

8. De acordo com o Bispo Cumberland, tinha apenas 33 metros de comprimento, 11 de largura e 16 de altura.

9. "Por isso, nosso sábio Grão-Mestre elaborou um plano, através de alusões práticas e mecânicas, para instruir os artífices sobre os princípios da mais sublime e especulativa filosofia, tendendo à glória de Deus e garantindo-lhes bênçãos profanas aqui e na futura vida eterna. Também para unir os maçons operativos e especulativos, assim, formava uma vantagem dupla dos princípios da geometria e da arquitetura de um lado, e dos preceitos da sabedoria e da ética do outro." - CALCOTT, Dissertação Cândida. p. 31, 1769.

1. Peço que esta proposição seja aceita aonde for necessário reproduzi-la; as evidências de sua veracidade, entretanto, são inúmeras. O ofício, no geral, eu presumo, a assentirá.

2. "Os bosques foram os primeiros templos de Deus,

Antes os homens aprendiam a talhar o bastão e a colocar a arquitrave,
E a posicionar o telhado sobre ambos – antes ele ajustava
A grande abóbada para juntar e restabelecer
O som dos hinos – na floresta escura,
Entre o frio e o silêncio, ele se ajoelhou,
E ofereceu ao Poderoso agradecimentos solenes
E preces." – BRYANT.

3. Os teólogos sempre concederam uma aplicação espiritual ao templo de Salomão, relacionando-o aos mistérios da revelação cristã. Para isso, consulte todos os estudiosos da bíblia. Mas devo mencionar, particularmente, sobre o mesmo assunto: "Templo Espiritualizado de Salomão", de Bunyan; e um trabalho raro infolio, de Samuel Lee, membro da Wadham College, Oxford, publicado em Londres em 1659, intitulado "Orbis Miraculum", ou o "Templo de Salomão retratado à luz das Escrituras". Uma cópia desse raro trabalho, que trata de forma muito

didática "os mistérios espirituais do Evangelho velados sob o templo", por muita sorte e há pouco tempo fui capaz de adicionar à minha biblioteca.

4. Velutipecora, quae natura finxitprona et obedientia ventri. - SALLUST, Bell. Catil. I.

5. 1 Reis VI. 7.

6. Ilustrando a sabedoria das idéias deste templo, deve-se mencionar que, pelas marcas colocadas nos materiais - que desse modo tinham sido preparados à distância -, a produção individual de cada artesão era facilmente certificada e os meios eram fornecidos pelo mérito recompensador da indolência punitiva.

8. Deve-se observar, entretanto, que muitos dos Membros do Ofício também eram talhadores de pedra nas montanhas, chotzeb bahor, e com suas melhores ferramentas, ajustavam com mais exatidão as pedras que tinham sido preparadas imperfeitamente pelos aprendizes. Este fato, de forma alguma, afeta o caráter do simbolismo que estamos descrevendo. A devida preparação dos materiais - o símbolo da purificação - era necessariamente continuada em todos os graus. A tarefa da purificação nunca cessa.

7. "Cada um dos deuses pagãos tinha (além de pública e aberta) uma adoração secreta destinada a ele, à qual eram admitidos apenas aqueles que tinham sido selecionados por cerimônias preparatórias chamadas Iniciação. Essa adoração secreta era denominada de Mistérios." - Warburton, Div. Leg. I. I. p. 189.

10. "Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas Regumque turres." - HOR. lib. I. Od. 4.

9. Aqui o leitor clássico será lembrado sobre a bonita passagem de Horácio, começando com "%ustum et tenacem propositi virum". - Lib. III. Od. 3.

11. Vale a pena observar que o verbo natzach, do qual deriva o título do menatzchim (os administradores ou Mestres Maçons no templo antigo)

significa, também em hebraico, ser aperfeiçoado, estar completo. O terceiro grau é a perfeição do simbolismo do templo e suas lições nos levam à perfeição da vida. De maneira parecida, diz Christie, os Mistérios "eram denominados TEÀETOi, perfeições, porque se supunha que induziam à perfeição da vida. Aqueles que eram purificados por eles eram intitulados TEÀOUpÉVOI, e TETEÀEa VOI, ou seja, trazidos à perfeição." - Observações sobre o Ensaio de Ouvaroff sobre os Mistérios de Eléusis. p. 183.

2. A idéia do mundo como uma representação simbólica do templo de Deus foi, portanto, belamente desenvolvida em um hino de N. P. Willis, dedicado a uma igreja:

“O mundo perfeito habitado por Adão
Foi o primeiro templo construído por Deus;
Seu decreto colocou a pedra angular,
E ergueu suas colunas, uma a uma.

“Ele instalou seu telhado estrelado no alto –
O amplo e ilimitado céu;
Ele espalhou seu pavimento, verde e brilhante,
E a cortina era a luz da manhã.

“As montanhas permaneceram em seus lugares,
O mar, o céu e ‘tudo era bom’;
E quando soaram seus primeiros e puros louvores,
As ‘estrelas da manhã cantaram juntas’.

“Senhor, ele não é nosso para fazer do mar,
E da terra, e do céu, uma casa para você;
Mas nossa oferta permanece aos seus olhos,
Um templo mais humilde, feito com as mãos.”

1. Dr. Oliver, na primeira leitura de Landmarks descreve com muita exatidão a diferença entre a Maçonaria pura ou primitiva dos noaquitas e a falsa Maçonaria dos pagãos.

3. "A idéia", diz Dudley, "de que a terra tem uma superfície plana em formato quadrado parece ter sido lançada por pessoas de pouca experiência e de observação limitada, simplesmente se supôs que tivesse prevalecido, em geral, nas épocas primitivas do mundo." - Naologia. p. 7.

4. A forma quadrangular da terra é preservada em quase todas as alusões das Escrituras Sagradas feitas a ela. Por isso, Isaías (XI. 12) diz: "O Senhor deve reunir os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra"- e encontramos no Apocalipse (XX. 9) a versão profética dos "quatro anjos nos quatro cantos da terra".

5. "A forma da Loja deve ser um cubo duplo, como um emblema expressivo dos poderes da escuridão e da luz na criação." - OLIVER, Landmarks, I. p. 135, nota 37.

6. Nem todo o universo visível, em sua significação moderna, incluindo sistemas solares e mais sistemas solares, girando em espaço ilimitado, mas na visão mais concentrada dos antigos, onde a terra formou o chão; e o céu, o teto. "Aos olhos comuns e sem instrução", diz Dudley, "o paraíso ou o céu acima da terra parece ser coextensivo à terra e, para ter a mesma forma, encerrando um espaço cúbico, do qual a terra era a base; o paraíso ou o céu, a superfície superior". - Naologia, 7. - E é a essa noção do universo que o símbolo maçônico da Loja se refere.

1. "Estes santuários rochosos - cuja formação Grose supõe ter sido um trabalho igual ao da construção das Pirâmides do Egito - possuem várias alturas, extensões e profundidades. Eles são divididos pelo trabalho do martelo e do cinzel em muitas câmaras separadas, e o telhado, que nos Templos de Elefanta é plano, mas no de Salsette é arcado, é sustentado por carreiras de colunas grossas e dispostas com muita regularidade. As paredes são repletas de figuras gigantescas de homens e mulheres, praticando várias ações e retratados em várias atitudes esquisitas; e eles são adornados com vários símbolos evidentes da religião, que agora prevalecem na Índia. Acima, como no céu, uma vez provavelmente adornado com ouro e azul-celeste, da mesma maneira que Savary recentemente observou nas ruínas de alguns templos egípcios antigos flutuando a imaginação das crianças, genii

e dewtahs, em aglomerações, e ao longo das cornijas, em alto relevo, estão as figuras dos elefantes, cavalos e leões, representadas com grande exatidão. Duas das principais figuras em Salsette têm oito metros de altura e uma magnitude simétrica; só o próprio busto da divindade de três cabeças no grande templo de Elefanta mede 4,5 metros da base ao topo da tampa, enquanto a face de uma outra, se Grose que a mediu possui credibilidade, tem mais de 1,5 metro de comprimento e largura correspondente." - MAURICE, Ind. Ant. vol. II. p. 135.

2. De acordo com Faber, o ovo era um símbolo do mundo, ou do macrocosmo, e também da arca, ou do microcosmo, como a luneta, ou crescente, era símbolo do Grande Pai, o ovo e a luneta - que era o hieróglifo do deus Lunus, em Heliópolis - eram um símbolo do mundo procedendo do Grande Pai. - Idolatria Pagã, vol. 1.1. 1. Cap. IV.

3. Zoroastro ensinou que o sol era o fogo mais perfeito de Deus, o trono de Sua glória e a residência de Sua presença divina; então instruiu seus discípulos "a direcionar toda a sua adoração a Deus primeiramente em direção ao sol (que eles chamavam de Mitrás) e, depois, em direção aos seus fogos sagrados, como sendo as principais coisas nas quais Deus habitava; e sua maneira comum de adoração era fazer isto em direção às duas coisas. Pois, quando eles ficavam diante dos fogos para adoração, sempre se aproximavam pelo lado ocidental, portanto, com suas faces em direção a eles e, ao mesmo tempo, também em direção ao sol nascente; eles deveriam direcionar sua adoração a ambos. E, na mesma postura, eles sempre realizavam qualquer ato de sua adoração." - PRIDEAUX. Conexão. 1. 216.

4. "Os mistérios de Ceres (ou Eléusis) se distinguem dos demais principalmente por terem sido os depositários de certas tradições contemporâneas do mundo." - OUVAROFF, Ensaio sobre os Mistérios de Eléusis. p. 6.

5. Dadouchus, ou portador da tocha, carregava um símbolo do sol.

6. "De fato, a mais antiga superstição de todas as nações", afirma Maurice, "foi a adoração ao sol como senhor do céu e governador do mundo; ela prevaleceu, em particular, na Fenícia, Caldéia, Egito e, através de informações posteriores, devemos adicionar o Peru e o México, representada por uma variedade de maneiras e oculta sob uma multiplicidade de nomes extravagantes. Ao longo do tempo, o grande astro luminoso do céu tem exigido das gerações de homens o tributo da devoção." - *Antiguidades Indianas*, vol. II. p. 91.

2. Era comum a exibição destas imagens de forma colossal à frente dos portões dos templos antigos. Luciano nos conta sobre dois Falos colossais, cada um com 55 metros de altura, que ficavam na frente do pátio central do templo em Hierápolis. Mailer, sobre a autoridade de Leake, menciona em *Arte Antiga e suas Ruínas* o fato de um Falo colossal, que havia no topo da tumba do rei lidiano Halyattes, estar agora deitado próximo ao mesmo lugar; ele não está completo, restou apenas a cabeça, com três metros e meio de diâmetro abaixo dos testículos e dois metros e meio acima. O Falo foi encontrado até mesmo entre os selvagens da América, tamanha a universalidade de sua adoração. Dr. Arthaut descobriu, em 1790, uma imagem fálica de mármore em uma caverna na Ilha de São Domingo. - CLAVEL, *Hist. Pittoresq. des Religions*, p. 9.

1. Facciolatus, portanto, define Falo: "penis ligneus, vel vitreus, vel coriaceus, quem in Bacchi festis plaustro impositum per rura et urbes magno honore circumferebant."-Lex. em voe.

3. Sonnerat (*Voyage aux Indes Orient*, I. p. 118) observa que os professores desta adoração tinham os mais puros princípios e a mais irrepreensível conduta, e parece que os legisladores e o povo indiano não consideravam, em 1790, uma imagem que fosse natural e nada grosseiramente obsceno. - William Jones observa (*Pesquisas Asiáticas*, 1. 254) que, desde os períodos antigos, as mulheres da Ásia, Grécia e Itália usavam este símbolo como uma jóia e Clavel nos conta que há um uso similar anterior a este entre as mulheres em algumas das vilas da Bretanha. Seely nos conta que Lingam, ou Falo indiano é um emblema tão freqüentemente usado no Hindustão quanto a cruz, nos países católicos. - *Maravilhas de Elora*, p. 278.

4. Num. XXV. 1-3. Veja também Salmo CVI. 28: "Eles se juntaram também em direção à Baal-peor e comeram os sacrifícios dos mortos." Essa última expressão, de acordo com Russel, faz uma referência distinta às qualidades físicas da matéria e do tempo, e que, no inverno, por causa da ausência do calor solar, a morte, como era, toma posse da terra. Baal-peor era, diz ele, o sol exercendo seus poderes de fertilidade. - Conexão da História Sagrada e Profana.

5. Não há uma referência aparente ao pensamento do hermafroditismo divino na famosa passagem de Gênesis? "Então, Deus criou o homem à Sua própria imagem, à imagem de Deus, Ele o criou: macho e fêmea. Ele, então, os criou." E, tendo então sido criados "macho e fêmea", eles eram "à imagem de Deus".

6. O mundo, tendo sido animado pelo homem, diz Creuzer, em seu ilustre trabalho sobre simbolismo, recebeu dele os dois sexos, representados pelo céu e pela terra. Céu, como o princípio fecundante, era macho e a fonte do fogo; a terra, como a fecundada, era fêmea, e a fonte da umidade. Todas as coisas foram produzidas por meio da aliança destes dois princípios. As forças vivificadoras do céu estão concentradas no sol; e a terra, eternamente fixa ao local que ocupa, recebe as emanções do sol, através do mediano da lua, que derrama sobre a terra as sementes que o sol depositou em seu âmago fértil. A Ligam é simultaneamente o símbolo e o mistério da idéia dessa religião.

1. Tal era a opinião de alguns dos antigos adoradores do sol, cujas adorações eram sempre realizadas ao ar livre, pois pensavam que nenhum templo tinha espaço suficiente para conter o sol; por isso o ditado "Mundus universus est templum solis"- o universo é o templo do sol. Como nossos irmãos antigos, eles adoravam apenas nos montes mais altos. Uma outra analogia.

2. Asgard, a morada dos deuses, é sombreada pelo freixo, Yggdrasil, onde os deuses reúnem-se todos os dias para fazer justiça. Os ramos dessa árvore se estendem por todo o mundo e atingem acima dos céus. Ela tem três raízes extremamente distantes entre si: uma delas fica entre os deuses; a

segunda fica entre os gigantes, onde antigamente ficava o abismo; a terceira cobre o Niflheim, ou inferno, e abaixo dessa raiz fica a fonte Vergelmer, de onde fluem os rios infernais. - Edda, Fab. 8.

3. Nota do tradutor: setenário, segundo o dicionário Aurélio Eletrônico, é aquilo "que vale ou contém sete", assim como os termos binário, trinário etc.

2. Comentários in loco.

3. Comentário sobre o Êxodo. III. 5.

1. Êxodo. IIL 5.

4. Iamblichus pita Pythag. C. 105. Em outro lugar ele diz "ΟύΕΙv Χρν úvu7tÓÓΕΤΟV, Ιçai 7tpàç Ta iEpà 7tpΟQΤΙΕVai", "Devemos nos sacrificar e entrar nos templos sem sapatos." Ibid. c. 85.

6. Beth Habbechirah, cap. VII.

7. Histor. Landm. vol. II. p. 481.

8. "Non datur nobis potestas adeundi templum nisi nudibus pedibus."

5. "Quod etiam nunc apud plerasque Orientis nationes piaculum sit, calceato pede templorum pavimenta calcasse."

9. Comentários, ut supra.

1. Nota do tradutor: este é um termo muito comum nos textos maçônicos para se referir aos Mistérios ou aos Segredos. No Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa encontramos a seguinte definição: "que ou o que é profundamente secreto, misterioso, enigmático".

2. Um Espécime da História Crítica da Religião e Aprendizado Celta. Carta II. § XVII.

1. Veja um artigo sobre "as cerimônias religiosas dos hindus", de H.T. Colebrooke, Esc. em Pesquisas Asiáticas, vol. VI. p. 357.

1. Dr. Oliver, referindo-se aos "doze grandes pontos na Maçonaria", que formavam uma parte das antigas preleções inglesas, afirma: "Quando o candidato era aceito, ele representava Asher, pois era apresentado como o fruto glorioso do conhecimento maçônico, uma vez que Asher era representado por riqueza e guloseimas reais." - Landm. Hist., vol. I. leit. XI. p. 313.

2. Do grego aúTOlílía, que significa uma visão com nossos próprios olhos. O candidato, que previamente fora chamado miste, ou um homem cego, e de μίw, vender os olhos, começou neste ponto a mudar seu título para eopta, ou testemunha ocular.

3. 111' 1 11i11 M-1. Yehi aur va yehi aur.

4. Robert William Mackay, O Progresso do Intelecto, vol. I. p. 93.

5. "Você deve colocar na armadura do julgamento Urim e Tumim." - Êxodo. XXVIII. 30. Os juízes egípcios também usavam armaduras, que representavam a figura de Ra', o sol, e Thme, a deusa da Verdade, diz Gliddon. "Rá, ou o sol, em capacidade dupla - luz física e intelectual; e 7hme, em dupla capacidade - justiça e verdade." - Antigo Egito, p. 33.

6. Relacionamos esta descoberta interessante a F. Portal, que a forneceu em seu elaborado trabalho sobre os símbolos egípcios comparados aos dos hebreus. Para aqueles que não podem consultar o trabalho original em francês, recomendo a excelente tradução de meu estimado amigo, Sir. John W. Simons, de Nova York, que é encontrada no 13º volume da "Biblioteca Universal Maçônica".

8. As observações de Duncan sobre o assunto são leitura valiosa. "A luz sempre foi um dos objetos primários da adoração pagã. O espetáculo glorioso da natureza humana perderia todo seu interesse se o homem fosse privado de visão, e a luz extinta; pois aquilo que não é visto e conhecido se torna, por todos os propósitos práticos, sem valor, como se não existisse.

Luz é uma fonte de felicidade positiva sem a qual o homem raramente existiria; e como todas as opiniões religiosas, é baseada nas idéias de prazer e dor, e suas sensações correspondentes de esperança e medo. Não me admira que os pagãos reverenciassem a luz. A Escuridão, ao contrário, pela natureza repulsiva, como era um estado de nulidade que privava o homem de emoções prazerosas transmitidas por meio do órgão da visão, foi sempre tida em aversão, como uma fonte de miséria e medo. Através das duas condições opostas que o homem então encontrou a si mesmo. O gozo ou banimento da luz induziu-o a imaginar a existência de dois princípios antagonistas na natureza, e sob tal domínio ele foi alternadamente sujeitado. A luz multiplicou sua fruição, e a escuridão a diminuiu. A primeira, conseqüentemente, se tornou sua amiga, e a última, sua inimiga. As palavras 'luz' e 'bem', e 'escuridão' e 'mal', passaram idéias semelhantes, e se tornaram, na língua sagrada, sinônimos. Mas como o bem e o mal não devem fluir de uma única e mesma fonte, e não se acredita mais que luz e escuridão tenham uma origem comum, dois princípios distintos e independentes eram estabelecidos, totalmente diferentes em sua natureza de caráter oposto, perseguindo uma linha de ação conflitante, e criando efeitos antagônicos. Como foi na origem deste famoso dogma, reconhecido por todos os pagãos e incorporado com todas as fábulas sagradas, cosmogonias e mistérios da antiguidade." - As Religiões da Antiguidade Profana. p. 186.

7. "A mais antiga deserção à Idolatria", diz Bryant, "consistia na adoração do sol e de demônios, intituladas Baalim." - Analistas de Mitologia Antiga vol. III. p. 431.

9. Ver o "Bhagva Cita", um dos livros religiosos do Brahmanismo. Um escritor de Blackwood, em um artigo sobre as "Castas e Cremos da Índia", vol. LXXXI. p. 316, então atribui à adoração da luz pelas nações antigas do mundo: "Nós podemos nos surpreender com a adoração da luz por aquelas nações antigas? Voltando nossos pensamentos aos tempos remotos, e nosso único espanto seria se eles não a adorassem. O sol é vida tanto quanto a luz é para tudo o que está sobre a terra - como nós atualmente sabemos ainda melhor que os antigos. Movendo em radiância ou resplandecendo pelo céu, observa em calma real tudo o que passa abaixo, ela parece o próprio deus deste mundo justo, que vive e floresce em seu sorriso".

10. Os Institutos de Menu, que são o código reconhecido dos brâhmanes, informa-nos que "o mundo estava todo na escuridão, indiscernível, indistinguívelmente junto, como em um sono profundo, até que o Deus auto-existente, invisível, fazendo-o se manifestar com os cinco elementos e outras formas gloriosas, perfeitamente dispersou a obscuridade". - Sir WILLIAM JONES, Sobre os Deuses da Grécia. Pesquisas Asiáticas. I. p. 244. Alguns rosacrucianos, que têm sido impropriamente confundidos com os maçons, utilizaram a palavra lux para se referir a um conhecimento da pedra filosofal, ou o grande desideratum de um elixir universal e um menstruum universal. Isso era a verdade deles.

11. Sobre Cores Simbólicas, tradução de Inman. p. 23.

12. A Maçonaria recebeu o nome de lux, ou luz, e os seus discípulos foram, muito apropriadamente, chamados de "Os Filhos de Luz". Então Burns, em sua celebrada Despedida:

*"Muitas vezes eu encontrei seu grupo social,
E passei a divertida e festiva noite;
Muitas vezes, honrado com o mandamento supremo,
Presidido pelos filhos de luz."*